VALE DE CAMBRA

e o Santuário de Nossa Senhora da Saúde

Para o Ex.mo Senhor Dr. António Tavares Prado de Castro, muito digno Presidente da Câmara Municipal de Vale de Cambra, em homenagem ao seu mérito administrativo,

oferece o autor

[illegible signature]

CARO LEITOR:

Encontram-se nesta edição umas trocas de letras e outras gralhas involuntárias.

À medida que surjam, agradeço que as desculpem.

O Autor

Composto e impresso na
GRÁFICA PROGREDIOR
31, R. da Porta do Sol, 32 – Porto

VALE DE CAMBRA

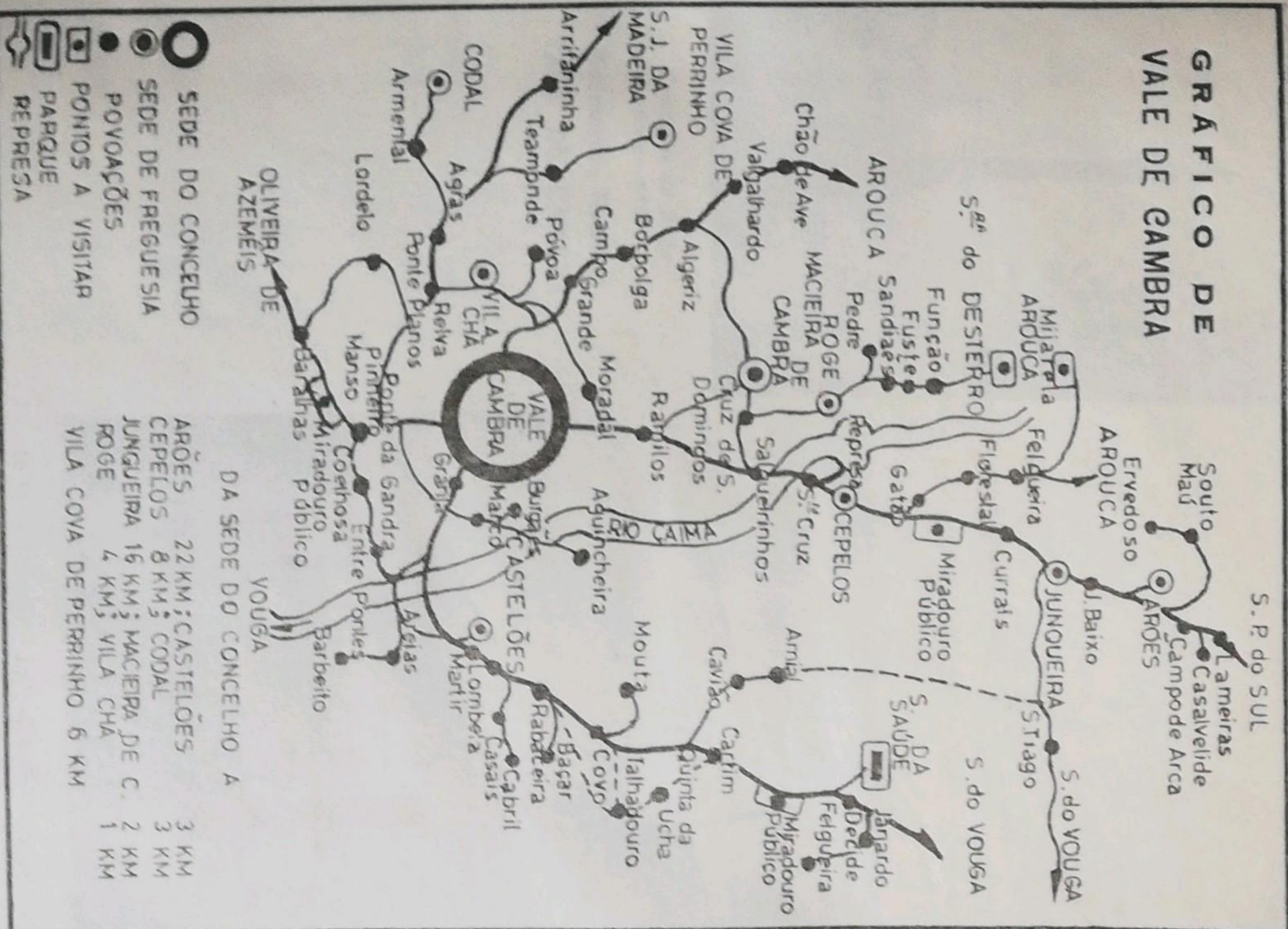
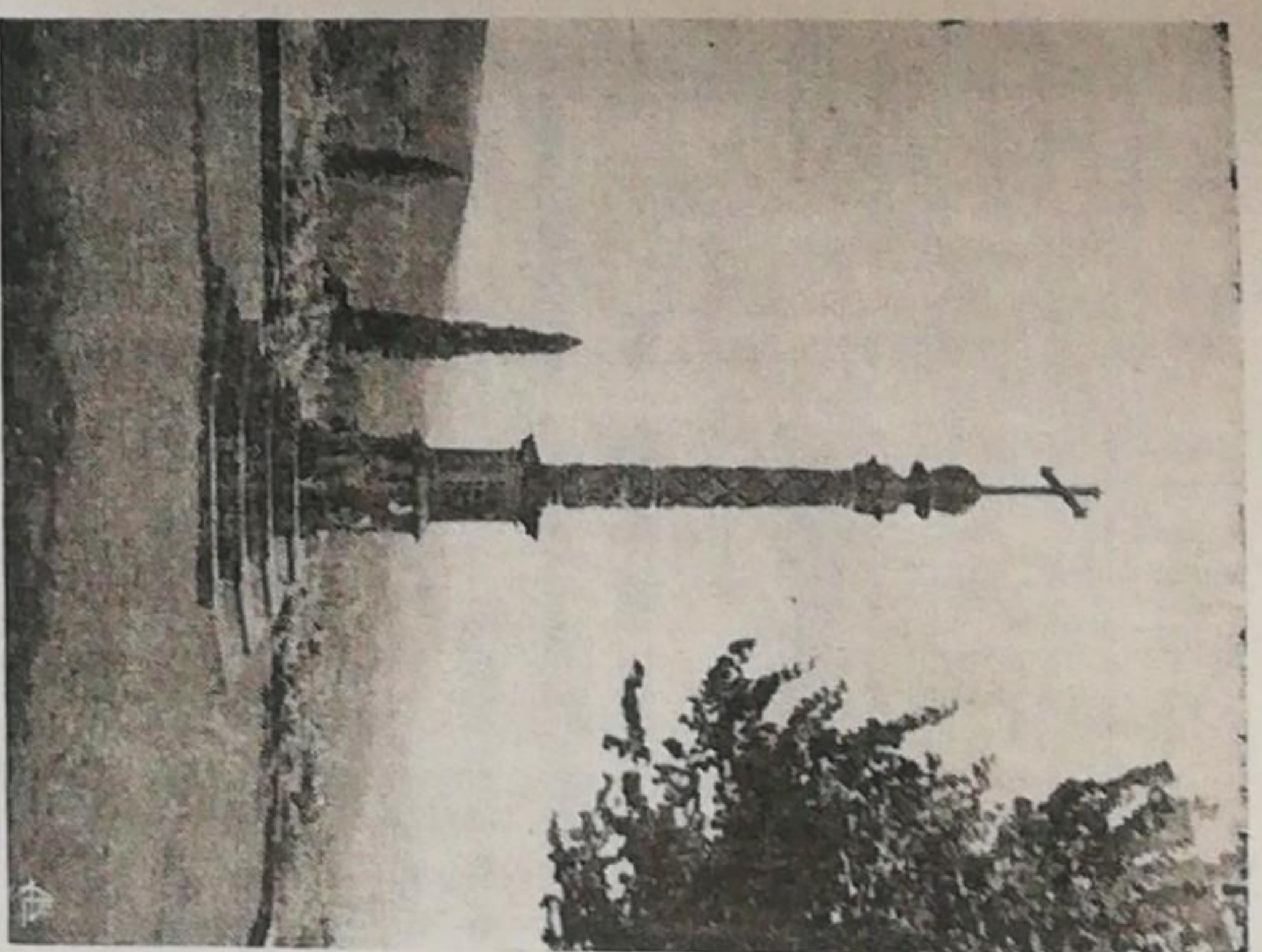
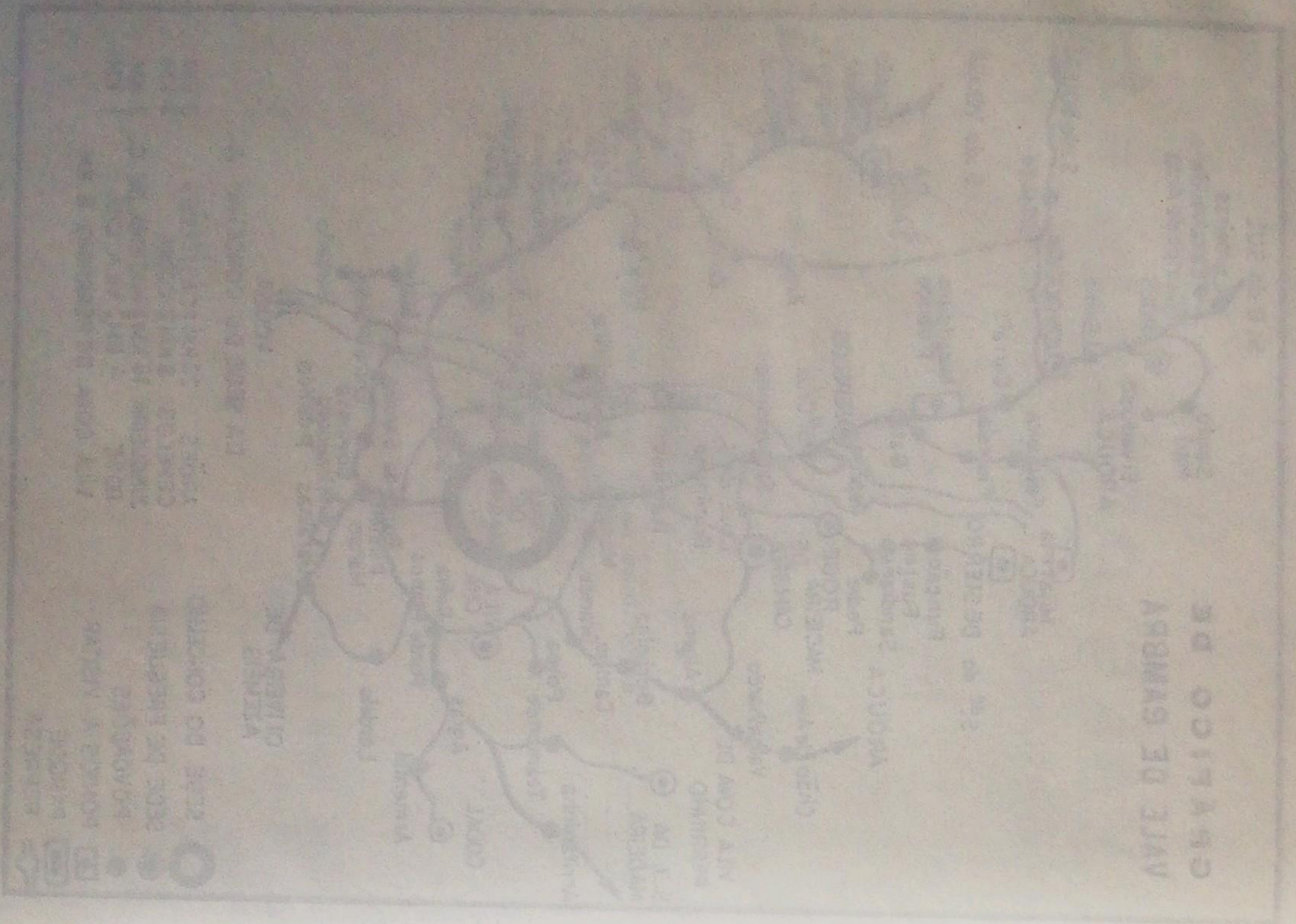
e o SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

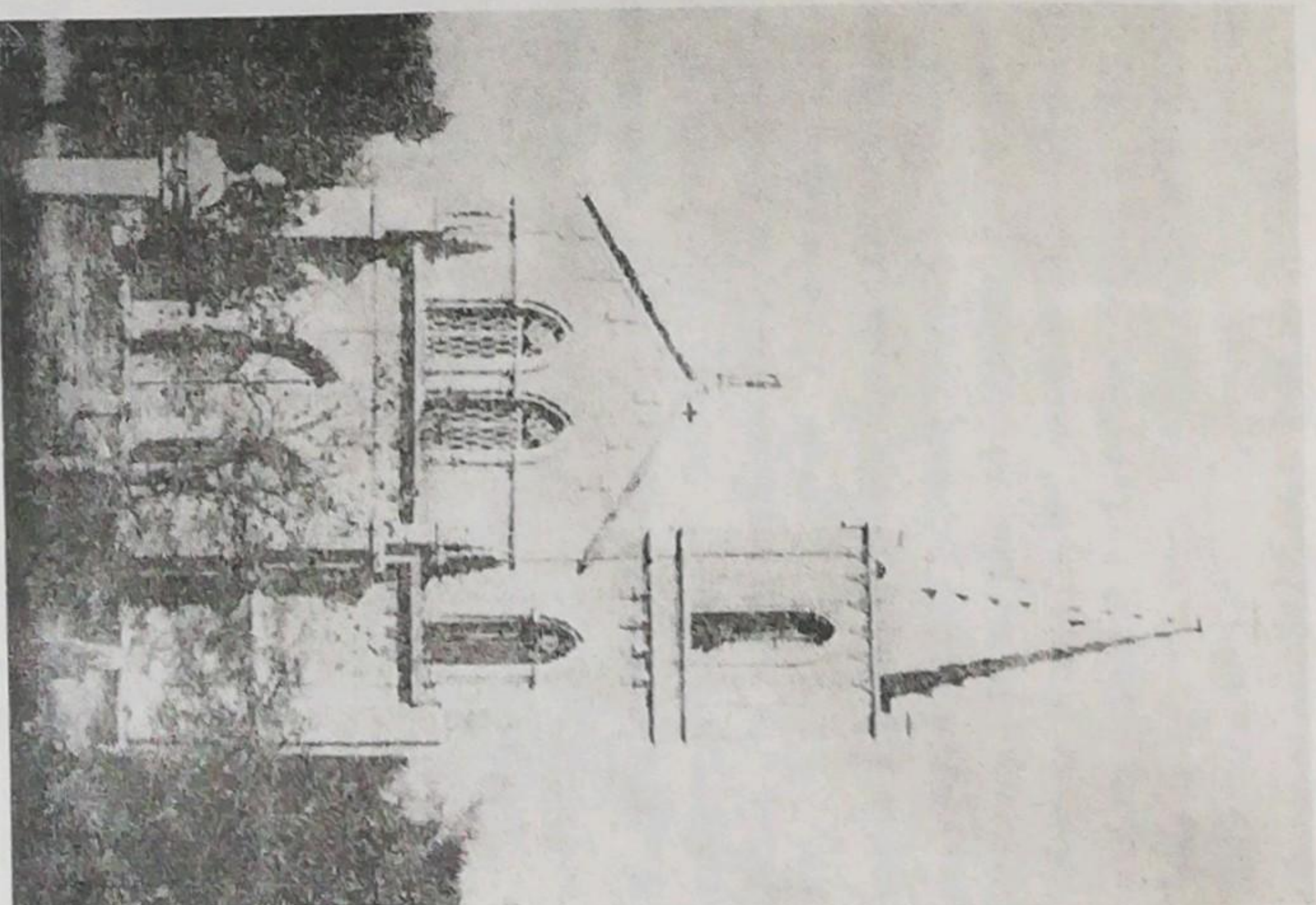
História, transcrições, lendas e progresso

Por :

António Martins Ferreira
Castelões-VALE DE CAMBRA
Portugal

EDIÇÃO DO AUTOR
1968

GRÁFICO DE
VALE DE CAMBRA

Cruzeiro de Rôge
Século XVII

Monumento Nacional
VALE DE CAMBRA

O Novo Santuário de Nossa Senhora da Saúde
Gestoso - Castelões
VALE DE CAMBRA

DUAS PALAVRAS

Em 1948/49, escrevi sob o pseudónimo de Quintaliano Negrão, as pequenas crónicas adiante reeditadas e que o «Jornal de Cambra», nessa altura, publicou.

Foram exactamente essas crónicas que deram motivo e título ao modesto opúsculo que ora vê a luz da publicidade.

O assunto versado, porém, era pouco e, na sua quase generalidade, de interesse restrito. Entendi, então, para lhe dar um maior valor regional, transcrever alguns artigos publicados na Imprensa do país sobre Vale de Cambra e toda esta magnífica região que tem servido de tema a tantos prosadores e tem sido motivo de inspiração de muitos poetas. Outro tanto entendi dever fazer sobre a história do concelho, adiantando um pouco mais ao já narrado no meu livro «Vale de Cambra» *e bem assim incluir também certos factos relacionados com a vida progressiva do concelho, lendas e entrevistas que pessoas Amigas fizeram o favor de me conceder, propòsitadamente, para esta publicação.*

A coordenação estrutural e literária foi feita de relance, em horas que a minha ocupação profissional me deixou livres, tornando-se assim possíveis desarranjos e certas omissões, como também algumas faltas gramaticais que a benevolência do leitor, por certo, descalpará.

António Martins Ferreira

A Imagem representa o Brasão de Armas de Vale de Cambra.

Segundo a opinião da Associação dos Arqueólogos Portugueses a constituição heráldica é a seguinte :

ARMAS : — de verde com uma vaca de ouro ao centro, bordadura de negro carregada de quatro cachos de uvas de púrpura, folhados e sustidos de ouro, alternados com quatro abelhas de ouro. Coroa mural de prata de quatro torres. Listel com as palavras : VALE DE CAMBRA.

BANDEIRA : — de amarelo, tendo no centro o escudo das armas encimado pela coroa. Cordões e borlas de ouro e negro. Haste e lança douradas.

SELO : – redondo, com as peças do escudo soltas e sem indicação dos esmaltes, tendo à volta, dentro de círculos concêntricos, as palavras : CÂMARA MUNICIPAL DE VALE DE CAMBRA.

Quanto à significação heráldica de cores e metais é a seguinte : A bandeira é de amarelo por corresponder ao metal das armas que é ouro. O campo é verde por representar a terra com plantas e significar fé e esperança. O negro da bordadura simboliza a terra, firmeza e honestidade. O ouro das abelhas e do folhado dos cachos, significa fidelidade, constança e poder. A púrpura das uvas significa opulência e fartura.

Estas peças e metais representam bem a vida valorosa, a índole e nobreza do Vale de Cambra.

Este brasão foi aprovado por Decreto n.º 12976, de 31 de Dezembro de 1926, publicado no *Diário do Governo de 6 de Janeiro de 1927*.

Imagem da Senhora da Saúde

Reprodução exacta da Imagem (em pedra) que há séculos se venera anualmente nos dias 13, 14 e 15 de Agosto sob a invocação de NOSSA SENHORA DA SAÚDE DA SERRA no planalto de Gestoso — Vale de Cambra. — As suas graças são tantas e a sua fama tão elevada que, quase diàriamente, recebe visitas de profundo agradecimento.

DESCRIÇÃO BIOGRÁFICA DO VALE DE CAMBRA

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume XXXIII, págs. 847/853, documenta a história do concelho de Vale de Cambra pela maneira seguinte :

Vila, sede de concelho rural de 3.ª ordem, fisc. de 3.ª classe, com. de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro, dioc. e rel. do Porto. A sede do concelho pertence à freguesia de Vila Chã (orago: N.ª S.ª da Purificação). O conc. tem uma área de 148,28 km.2, distribuídos por 9 freguesias: Arões, Castelões, Cepelos, Codal, Junqueira, Macieira, Rôge, Vila Chã e Vila Cova do Perrinho, com uma população total de 19.193 hab. em 4.520 fogos, (*a*) correspondendo à vila 2.468 hab, em 573 fogos. Dista 53 km. de Aveiro e 54 km. do Porto e está situada no vale compreendido entre as margens esquerda do rio Caima e a direita do Antuã. O concelho é limitado a O. pelo conc. de Oliveira de Azeméis, a N. NE. pelo de Arouca, a E. pelos de S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades e ao S. pelo de Sever do Vouga. Tem est. teleg-post., com serv. de val. decl., enc. post., cob. de tít., letras e vales, esc. prim., deleg. da Região dos Vinhos Verdes, ag. banc. e de seg., associação desport. e de soc. mút., filarmónica, indústrias de lacticínios e serrações de madeiras. (*b*) Na área deste conc. estão registadas duas minas de volfrâmio, denominadas ***Feiticeira e Quinta do Poeta***, na freg. de Macieira. Tem mercado ao Domingo, (*c*) na sede do conc. e feiras mensais, a 2, em Castelões, a 25 no Arestal de Junqueira e na sede do conc. a 9 e 23. Tem romarias a N.ª S.ª da Saúde de 13 a 15 de Agosto em Gestoso (Castelões); a N.ª S.ª do Desterro, no Domingo e 2.ª feira do Espírito Santo, em Função (Roge), e a N.ª S.ª da Natividade a 7 e 9 de Setembro, em Macieira.

O concelho de Vale de Cambra (designação imposta em 1927, é muito mais própria històricamente da que tinha, em Macieira de Cambra) corresponde de modo quase exacto, se não perfeitamente, à velha circunscrição medieval, já anterior ao séc. XII no seu papel administrativo e chamada julgado e «terra» de Cambra. Este nome, pois, seria, na sua simplicidade, muito mais adequado à designação do concelho actual do que o de Vale de Cambra, que pode dar a ilusão de uma restrição relativamente ao total da «terra» medieva. Raros concelhos no país poderão arrogar-se

---

(*a*) **Presentemente, o número de hab. e fogos é maior.**
(*b*) **Foram criadas novas indústrias.**
(*c*) **O mercado, presentemente, é ao sábado.**

correspondência tão perfeita, como a deste, a uma circunscrição mediévica daquele tipo. As origens da «terra» e, portanto, da história do concelho, estão, sem dúvida, na época romana, com raízes anteriores a esta. A arqueologia do território, pela sua abundância em vestígios de estância de povos pré-romanos (castros, edificações dolménicas, insculturas rupestres, restos de utensílios vários, desde a cerâmica aos metais, etc.); está de perfeito acordo com o suposto. O próprio topónimo Cambra (hoje mais pròpriamente, e desde há muitos séculos, um corónimo) parece prova suficiente de asserto, através das formas antigas, *Calambria* (séc. XI) e Caâmbria (séc. XII-XIV), que revelam o primitivo *Calambriga*. A origem céltica, pré-romana, pelo elemento «briga» (altura fortificada), parece bem manifesta; sòmente faltam indicações precisas sobre o lugar alto e afortalezado onde existiu tal «civitas» que o papel administrativo medieval indica sem dúvidas romanizada. Não faltava topografia propícia a tal defesa primitiva, especialmente nas montanhas que a oeste definem o concelho, e limitavam a «terra», sobre Castelões, Roge, Vila Chã — Macieira de Cambra e Codal. É nelas que deve buscar-se o local, apesar de excêntrico, — ao que ainda leva a abundante arqueologia daquelas localidades (tejolos, vasos de barro, contas, etc.) a qual mostra a marca romana. A toponímia, por seu lado, permite também a aproximação, por se referir às vezes a fortificados tipo castrejo, como Castro (sobre Macieira de Cambra). Por sua vez, a documentação paleográfica dos séc. XI-XIII fornece indicações mais precisas sobre o castro que deve ter originado a constituïção da «terra», defendendo a «civitas» primitiva. Um documento de 1073, embora relativo a Ossela, que fica do lado oposto daquelas elevações, mas homólogo do da freguesia cambrense de Castelões (topónimo expressivo), cita aqui um castro tão notável tradicionalmente que era em referência a ele que se dava a localização das «villas» vizinhas, embora já chamado Ossela (a designação Cambra havia passado dele, após o seu abandono, a «terra», ou actual Vale de Cambra): «villa que vocitant Utsella subtus mons castro Utsella e monte Quoddal» (dip, et Ch., n.º 506). Como Codal fica no extremo norte do concelho dos nossos dias e Castelões no do sul deduz-se que a corda montanhosa que limita o vale ao ocidente se chamava então «monte Codal». A serrania que fazia limitação ao nordeste (separando Cambra da «terra» de Arouca e da de Penafiel) era chamada «monte Fuste», e a que o limitava pelo sul (separando de Sever) denominava-se «monte Zevreiro» (Ezevreiro), designação notabilíssima como referência nos nossos documentos latino-portugueses, que localizavam uniformemente as «villas» ou propriedades rústicas vizinhas como existentes num «território» daquele nome (mas, ao contrário do que autores julgam — «território» sem função administrativa). A designação alude à fauna característica na época remotíssima da designação: o «o zevro, espécie perdida, ainda abundante e deveras apreciada nos séc. XIII-XIV e hoje mal identificada (burro selvagem ?). Também o monte Fuste, corresponde a ele ao norte, parece ter tido a sua fauna característica, a cabra selvagem (a julgar da toponímia da serra). Sobre a «civitas» *Calambriga* teria sido edificado qualquer castelo, pròpriamente, na época suévico-visigótica — castelo da Reconquista. A uma parte do «monte Codal» chamava-se no séc. XI «monte Porrinos» (derivado do lat. *porru*, aludindo, pois, à vegetação principal), nome de que deriva um elemento do topónimo Vila Cova do Perrinho (elemento que, sem tal indicação poderia julgar-se provir do lat. *petrineu*, isto é, pedregoso, qualidade, para mais, bem assente em um monte). A restante toponímia da velha «terra» e actual concelho é muito expressiva das antiguidades respectivas, representando, pela falta absoluta de documentação escrita, as fontes de ligação da pré-e proto-história à história pròpriamente dita. Assim, Outeiro dos Riscos (em Cepelos), aludindo a inscrição rupestres, indica a presença de povos primitivos, como Cambra, Crasto, Castelões, Arcas (talvez referente a edificações dolménicas e não a marcos divisórios de «villas» rurais), etc., que respeitam à arqueologia. A fauna e a flora representam-se vivamente, nesses recuados evos, em Cabrum (lat. *caprunu*, alusivo à cabra montês), Cabril (*capril*, idem), Camão, Ervedosa (de érvedo-lat. *arbutu*, medronheiro), Macinhata (lat. *matianata*, alusivo à macieira), Junqueira, Cepelos (ant. *Copellos*, porém), além de Zevreiro, etc. Muito mais importante, porém, é a toponímia antroponímica, especialmente a de origem germânica, pois indica o princípio histórico de muitas localidades do concelho, e, pelo seu número de espécies, representa, para dada época pré-nacional um índice de povoamento notável, ligado nas raízes à época castreja e à pré-romana de *Calambriga*. Assim, Aljariz (ou Algeriz) é o mesmo que *Argerici* «villa», de Argericus (*Argerigo*); Ança vai inegàvelmente mais longe, pois ascende à época romana, ao possessor Antius, isto é, a uma *Antiana* «villa»; Merlães (ou, mais tarde, também Melães) não é senão o genitivo do hipocorístico *Merila* (tema *merus* «grande»), ou seja, *Merilanis* «villa»; Roge, ant. *Rogi* (germânico ?), também é genitivo e significa o mesmo (n. pessoal formado do tema *rug-* ?); Arões, que aparece com Arão (ant. *Arom*, isto é *Eroni* «villa»), reflecte, com este, o n. pessoal Ero, *Erus*, uma *Eronis* «villa»; Sandiães é outro genitivo, do hipocorístico Sandila, isto é *Sandilani* «villa»; Pedre, ant. *Pedri*, mostra claramente uma *Petri* «villa», de Petrus, (Pedro); Gatão, ant. *Gatom*, pode ser este próprio n. pessoal ou genitivo, *Cattoni* «villa»; Tagim, representa *Tagini* «villa», da época romana (se for o genitivo do n. romano *Taginius*) ou da germana ou neo-gótica (tema *tag-*); Teamonde, no século X *Todemondi*, é o genitivo de Teodemundus, uma *Teodemundi* «villa»; Armental, ant. *Armentari* «villa» (século X), é o genitivo de Armentarius; etc. Os nossos documentos latino-portugueses mencionam mais vezes o «território» do Zevreiro do que o de Cambra até ao séc. XI, mas isso não impede a correspondência de ambos. O que pode ser é que o monte Zevreiro designasse o conjunto dos montes atrás citados por seus nomes particulares (excepto o monte Fuste). Assim, como do «território Zevreiro», figuram as «villas» *Argirizi*, Codal, *Mazaneira*, *Bigas*, *Vermudi* (Vermoim), *Colentosa* (Coelhosa), Souto, Cabril. Pròpriamente ditas do território de Cambra (Calambria), só *Castellanus* e Dulcidii, respectivamente a sede paroquial de Castelões e a povoação de Decide (cerca de Junqueira), e que deve significar que se conservava a consciência tradicional de que eram as mais vizinhas de «civitas *Calambriga*» originária, embora já chamada «castro de Ossela». Figuram ainda sem indicação de Cambra ou Zevreiro «villas» como *Molunudus* (Molhudos) e Rieborosos.

Nos fins do séc. IX já o território cambrense não só estava livre da dominação arábica, pela conquista por Afonso III das Astúrias, mas parece que em bom estado de povoação, nada de admirar no fertilíssimo vale que o rio Caima (ant. *Camia* — *Camina*)

sulca de nordeste para sudoeste e que dá hoje a designação ao concelho. Possuía aqui então, ao que parece, avultados bens ou «villas» o *dux* Gondesindo Eres, «prolis Erus et Adosinda» como ele próprio se diz, o qual aparece num documento de 926 com o nome Gundesindus Eroni. O pai é D. Ero Fernandes e seria bem natural que a ele se devam as designações Arão e Arões, em Cambra, das «villas» *Eroni* e *Eronis* respectivamente. O tempo permite crê-lo, pois vivia no tempo da reconquista da região do Zevreiro ou Cambra aos mouros (cerca de 870). O filho, o *dux* Gondesindo, que ainda aparece na corte leonesa cerca de 925, já em 897 havia feito fundação e dote de muitos mosteiros entre o Douro e o Vouga, entre eles o de Sanguedo (v) (S. Cristóvão), a que lega «in Ezevrario villa de Bigas (*Dip, et Ch.*, n.º 12), a qual fora de Froila Lopo. Quem veio a lucrar mais tarde por esta doação foi o mosteiro de Pedroso, que, efectivamente, figura no séc. XIII como possuidor de bens em Cambra. Em 924 ocorre a doação a uma igreja e mosteiro de S. Martinho, por eles mesmos fundada, de «Donnani indignus et tamem nutu Dei abba et De (o) vota Letula» (*Dip, et Ch.*, n.º 924), isto é, efectuada pelo abade Donâni e pela «devota» Létula aos frades, «fratribus in ipso loco perseverantes». Existiria este mosteiro talvez no território de Cambra, por isso que sendo o dote da fundação, este se não faria fora de qualquer das «villas» doadas, que são Villa Meã, *Saltelo* (Soutelo), *Rieborrozos* e Arones (Arões) «território portugalense», que já atingia Cambra. O mosteiro era dúplice, pois na doação fala-se de frades e monjas, além de aqueles Donâni e Létula serem os superiores dele. Já antes, em 922, o rei de Leão Ordonho II vindo em seus navios, sulcando o Douro, visitar ao eremitório de Crestuma o bispo resignatário de Coimbra (Comado), lhe doou e a este eremitório muitas «villas», algumas delas no território cambrense, como a igreja de S. Pedro de Vila Chã, a «villa» de Celanova «quomodo dividit cum villa Lauritello et villa Armentari et villa Todemondi» (Teamonde), a igreja de Sant'Iago de Codal ou da Insoa, ou antes «villa Insua vocabulo Sancti Iacobi monte Codar» e, «da outra parte do Coima» a «villa de Palaciolo (Paçô) cum sua ecclesia vocabulo sancto Johanne de Zopellos» (Cepelos), esta última doada pelo conde Guterre Moniz («quos dedit Gutierre Moniz», *Dip, et Ch.*, n.º 25), isto tudo «in Ezevrario». Em 994, o abade Randulfo, que os próceres D. Troitosendo Galindes e sua mulher D. Animia haviam chamado a reger o mosteiro de Paço de Sousa, por eles fundado, doa a este mosteiro as suas «hereditates prope Kamina» (Caima), entre o Vouga e o Douro, e algumas delas devem ter existido no território cambrense, tendo-as ele de seus pais e avós e de seu tio, como ele Randulfo e abade. Assim, citam-se, na doação, além de Ossela, o «vilar» chamado Bostelo, a «villa» de Sobradelo que chamavam *Vermui (Vermudi)*, a «villa» Pinioli ubi est fundado sancti Martini episcopi» (talvez o mosteiro de Donâni e Létula), parte das «villas» *Tavolatela* e *Petra Fitada* (*Dip, et Ch.*, n.º 169). Tudo isto ficava primeiramente «pro parte de domno Tructesindo et de domna Animia». Claro está, pois, que, embora perfeitamente ignorado, não pode deixar de estar nesta doação a causa de aparecerem bens do mosteiro de Paço de Sousa, ainda do séc. XIII para o XIV, na freguesia de Castelões, no lugar de Mosteiro — nome que talvez seja bem a revelação do local do mosteiro da «villa» Pinioli» chamado «Sancti Martini episcopi» e fundado por aqueles

Donâni e Létula quase quatrocentos anos antes da notícia de tais haveres de Paço de Sousa, a qual ocorre nas Inquirições dionísias. A identificação parece bem certa ainda porque o abade Randulfo não doa o mosteiro de S. Martinho, mas a «villa» onde ele fora erguido, «villa Piniolo ubi est fundato», a qual «villa» mudou de nome para Mosteiro, como até já no séc. X sucedia (Sobradelo que chamavam Vermoim). No mesmo ano desta doação do abade Randulfo, dos haveres de seu tio abade e de seus pais Zoleima e Letíviga (talvez por isso de raça moçarabe ?), uma Fremosinda vende a um Izila Cristóvaliz e sua mulher Creusa metade da sua «herdade» própria em Macieira de Cambra, «in villa quot vocitant Mazanaria territorium subtus monte Ezevrario (expressão bem explícita sobre o que significa o termo «território aqui), com lagar, cubas, vinhas, cubos, leitos, cadeiras, pomares, soutos, etc., recebendo por preço doze moios «inter res et zivania et pannus et sizera» (o que tudo demonstra progresso agrícola e indústrial caseiro), o que se fez por instrumento lavrado sob uma nogueira, por certo notável, em Macinhata (de Castelões) «et fuit illa carta revorata in Mazinata sub illa nocaria» (*Dip. et Ch.* n.º 172).

Outros documentos da pré-nacionalidade aparecem a provar o estado florescente da terra de Cambra (ou, hoje, do Vale de Cambra), agora sob o domínio dos árabes novamente. Um deles é a doação de uma dama de alta estirpe, ao que parece, D. Matilde (Matilli), feita ao mosteiro de Vacariça (v) e constante, além da «Villa Sever» (Sever do Vouga) e de Quintela, «snbtus monte Zevreiro», de uma outra em Cambra, a de Castelões «ibidem» (isto é, também sob o dito monte) «villam Castellanos cum suos sautos et omnia que ad prestitum est hominis in Calambria» (dip. et Ch., n.º 241), isto é, Castelões com o mais dela em Cambra, por ela obtidos de sua irmã D. Ximena, em 1079, se não há erro na data, Flâmula Suáriz (Châmoa Soares) doa ao mosteiro de Pedroso a quarta parte de Macieira de Cambra, «villa pernominata Maçanaria», que ela possuia de seus pais e avós, além de muitos outros haveres (*Dip. et Ch.*, n.º 567). A doadora parece ser dona, isto é, de alta estirpe, irmã porventura da esposa de D. Paio Gonçalves «de Marnel», D. Godo Soares, talvez da estirpe dos senhores de Sever pré-nacionais. A sua doação explica, pelo menos em parte, o grande vulto das possessões com que aparece em Macieira de Cambra, ainda dois séculos depois, o mosteiro de Pedroso. Em 1101, Gonçalo Soares e sua mulher (Dordia) trocam, sob a forma de venda, com D. Condessa e seus filhos a sua «herdade» própria sita «in villa Molunudus (Molhudos) et in Azevedu subtus mons Porrino (Perrinho) discurrente ribulo Bigas território Calambria» (Doc. Med. Port., 111, n.º 44), isto é, tudo o que aí fora de uma D. Gontina (talvez mãe de um deles), recebendo por ela «alia ereditate in Castellanus» (Castelões). Em 1102, Mendo Gonçalves vende a Sé de Coimbra, no casal chamado de Dulcídio, que fora do pai dele (Gonçalo Cadiz), certos haveres «in territorio Calambria juxta villa Castelanos» (D. M. P., n.º 81), não parecendo tratar-se do lugar de Decide, pois que no documento se lê «casale que vocitant Dulcidio» e não *Dulcidii* (sc «villa» de Dulcidio), que é a forma antiga do topónimo cambrense e a mais de acordo fonético com a forma actual, Decide. No entanto, há quem passe sobre tal dificuldade e faça tal identificação, na própria publicação académica do diploma. A dificuldade mais se avoluma com o

aparecimento imediato, a par da forma «Dulcídio», da forma «Duciu», inegàvelmente referente ao mesmo local; é na venda de propriedades no lugar à dita Sé por Vermudo Oriz no «casal de Dociu» (D. M. P., n.° 143), em 1103. Em 1109, novo contrato faz em Cambra o bispo de Coimbra D. Maurício para a sua Sé, cedendo hereditàriamente a Gonçalo Guterres os bens de raiz «in terra de Calambria in villa de Zopellos (Cepelos) e Merlanes» que haviam sido do tio do dito Gonçalo Guterres, a saber Goesteu «Eldraveiz», que os testara à Sé (D. M. P., n.° 331). A dita Sé talvez já então possuísse a chamada igreja de S. Martinho de Cambra, que é, sem a menor dúvida, a igreja monástica fundada no século X «in villa Pinioli» por Donâni e Létula e já referida, o que concorda com o facto de na doação do abade Randulfo em 994 se conter aquela «villa», mas não a igreja, a pesar de já fundada e povoada de frades e monjas. É tal a razão por que, em 1197, o bispo colimbriense D. Pedro fez troca de duas igrejas, uma delas a de S. Martinho de Cambra («Sancti Martini de Calambria» sem nome especial), com o mosteiro de Lorvão, que as ficou possuindo e cedeu à Sé a igreja de Casal Comba. No primeiro período da Monarquia, o traço essencial da história do concelho de Vale de Cambra, isto é, da «terra» de Cambra, está nas possessões da nobreza espalhadas como inçadoiro através de todo o termo. Uma família, especialmente, tornou-se tão notável pelo vulto das suas possesões locais e pela residência oficial e até, não raro, rico-homia na «terra», que veio a tirar desta o nome: é a estirpe ou linhagem dos «de Cambra». Significa o vulto das possessões de privilegiados (seculares ou eclesiásticos) que à propriedade pública, ou os bens da coroa, não ficava grande margem, isto é, a coroa tinha aqui as suas propriedades e direitos profundamente desfalcados. Infelizmente, dos monumentos que maiores e melhores elucidações podiam fornecer acerca da situação, as Inquirições de D. Afonso II (1258) apenas resta hoje para Vale de Cambra sòmente o respeitante ao extremo sul — se é que as ditas Inquirições se realizaram em todo o território do actual concelho. Abrangeram elas, pois, pelo menos, em «terra» de Cambra, as actuais freguesias de Castelões, Junqueira e Arões (esta ainda não instituída paroquialmente), além de uma porção de território que em termo de Cambra possuía a velha e extensa paróquia de S. Miguel de Ribeira (era representada pela de Ribeiradio, mais reduzida). Essa paróquia possuía em Cambra pelo menos o lugar de Lourosela, dito pelas Inquirições de 1258 «termino de Cambria et parrochia Sancti Michaelis de Ribeira». Nessa «villa» de Lourosela possuía a coroa pelo menos quatro casais (reguengos), os quais «habunt forum de Cambria», dando ao mordomo «de Caambria» a «vida» (vitualhas), peitando à voz-e-coima, indo na hoste-e-anúduva e dando à coroa por ano um bragal menos um palmo (de fossadeira). O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra possuía um casal, talvez doado por D. Álvaro Rabaldes no séc. XII, e a Ordem do Hospital, com fidalgos, possuía outro, doada a parte da Ordem pelo cavaleiro-fidalgo Gomes Peixoto, reinando já D. Afonso III. Uma dona, D. Urraca Vásques, comprara por então haveres em Lourosela, os quais agora a Ordem possuía. As Inquirições de 1258 chamam ao doador do casal ao mosteiro de Santa Cruz «homem bom» (reflectem, claro está, a expressão popular), isto é, «anus homo bonus dominus Alvaro», o qual se tradou depois ali. A expressão não se aplicava só a membros qualificados da classe popular, porque

se encontra atribuída aos mais altos fidalgos pelas linhagens medievais e outras fontes da época. Além disso, Lourosela era da paróquia hoje representada pela de Ribeiradio, e D. Álvaro Rabaldes, filho do rico-homem teresiano-afonsino de Zurara, Seia, etc., D. Rabaldo, foi o tronco da estirpe «de Ribeiradio». (Quanto a D. Urraca Vásques, v. adiante). O certo é que teve por aqui vastas honras, e até coutos. Sobre Castelões, «villa de Castelaos», refere-se ali que a coroa possuía dois casais, de que se dava a quinta e meias direituras, e, dos outros casais, apenas um, do mosteiro de S. Cristóvão de Lafões (a que o doara o cavaleiro-fidalgo Martim Anes), estava sujeito ao serviço militar e fazia o mais foro. A respeito de Junqueira, cita-se a «villa» de Arões (hoje freguesia), onde a coroa possuía sete casais, que davam a quinta parte do pão e do linho, a sexta do vinho e direituras — encargos excepcionalmente pouco pesados para casais reguengos simples. D. Sancho I, que era iracundo ou assomadiço, brutalizou um dia o cavaleiro-fidalgo Miguel Gomes, e, arrependido, doou-lhe aqui um casal, por carta, «pro malo quod dominus ipsi milíti fecerat»; e veio a comprá-lo aos filhos e netos dele o prócer D. Fernando Afonso «de Cambra», que o possuía em 1258. De resto, a própria igreja da Junqueira era da apresentação dos fidalgos, especialmente, por certo, os «de Cambra», pròpriamente. As Inquirições daquela data citam ainda nesta «terra» as «villas» rústicas de Cabrum, de oito casais, foreira toda ela de jugada (dando cada casal um moio e uma teiga de milho e centeio, «per medium» um frângão e dez ovos e um corazil, e ainda dois «afusais» de linho e um maravedi de lutuosa); de Felgueira, toda foreira também de jugada, com dois casais (dando cada um dois quarteiros de pão, a saber, milho e centeio, e ainda um frangão e um corazil); de Paraduça, toda foreira à coroa de voz-e-coima e hoste-e-anúduva (dando ainda de fossadeira, no primeiro domingo de Março, dez bragais, e, de lutuosa «quando homo obierit», a melhor besta ou vaca ou boi, ou mouro ou moura, ou reixelo, cuba ou arca, qual tiver — o que parece ser o caso mais curioso de solvência do tributo mortuário em todo o País — e dando ainda ao prestameiro da «terra» vitualhas uma vez no ano, mas com proibição de ir aí pousar: «non debet pausare cum illis»); e de Souto Mau, com duas fogueiras reguengas, pagando cada qual a fossadeira de quatro soldos em Março, no primeiro domingo, e os mais foros como Paraduça. Neste lugar, possuía de doação muitos haveres a igreja de Junqueira e de Macieira de Cambra, e ainda a de S. Miguel de Ribeira. Também possuía herdamentos em Souto Mau a igreja de Macieira e a de Junqueira e o mosteiro de Pedroso. Os bens das igrejas correspondem geralmente a doações no tempo de D. Sancho II. As Inquirições de 1258 ainda citam as duas «villas» de Junqueira e as de Currais e Cabanes, como sendo velhas honras, «de militibus per avolengam» (à excepção de um casal de herdador, afossadeirado, em Cabanes), isto é, de cavaleiros-fidalgos por herança de antepassados. A abundância de honras na «terra» de Cambra era extraordinária e o próprio facto de se tratar de avoengas e de privilégios geralmente respeitados pelos reis (como D. Dinis, após as suas severas inquirições; v. adiante) leva, com aquele, a considerá-las de origem remotíssimas, na pré-nacionalidade. No século VIII, quando da conquista árabe, a nobreza de Alafões (Lafões), paredes meias de Cambra pactuou com os conquistadores a rendição sob condição de conservar os seus haveres próprios,

e assim o obteve deles. Não custa crer que em Cambra sucedesse o mesmo, pois as circunstâncias são exactamente as mesmas.

Quanto às relações com a coroa, há a considerar o «foro de Cambra», que, nos casos crimes, nas obrigações militares, na jugada, na lutuosa, na fossadeira, etc., fica caracterizado pelo que se expôs sobre os haveres da coroa no sul do actual concelho de Vale de Cambra, informado pelas Inquirições de 1258. A estirpe dos «de Cambra», cujo solar principal no actual concelho de Vale de Cambra é assaz difícil de identificar entre as numerosíssimas honras que nele existiram, pois não havia já aí um lugar ou povoação denominado pròpriamente Cambra (*Caambria*, séc. XI-XIII, *Caambra*, séc. XIII-XIV), não tem uma origem bem conhecida. Sòmente é indubitável que a partir do séc. XII era um ramo de linhagem dos «de Riba de Vizela», indicação que, por si, seria já bastante para lançar a indecisão sobre tal origem, pois que a riba do Vizela está muito afastada do Vale de Cambra ou riba do Caima. O primeiro chamado «de Cambra» parece ser D. Afonso Anes, pai do já referido comprador de bens foreiros em Arões, D. Fernando Afonso «de Cambra». Era ele, efectivamente, filho do prócer D. João Fernandes «de Riba de Vizela» e de uma dona cuja estirpe se não cita nos livros de linhagens medievos, D. Maria Vermudes «Varela». Os bens de Cambra proviriam a D. Afonso Anes pelo pai ou pela mãe, isto é, o chamamento «de Cambra», que ele é o primeiro sabido a usar (por ter ali solar oficial e até rico-homia), podia originar-se daquele prócer ou da dona sua mulher. Na linha dos antepassados dele há um D. Pêro Formarigues, e uns Formarigues aparecem do séc. XI para o XII como opulentos entre Douro e Vouga, especialmente na vizinha «terra» de Santa Maria, de que um deles foi mandante (D. Soeiro Formarigues); mas em nada prova a simples comunidade de patronímico a inclusão daquele nessa estirpe. Por outro lado, o pai de D. João Fernandes «de Riba de Vizela», D. Fernão Peres de «Guimarães» casou com dona muito alheia por pai e mãe à região de Cambra. Fica, pois, maior consideração à esposa daquele D. João Fernandes, isto é a D. Maria Vermudes «Varela», apoiada pelo facto do seu filho ter sido o primeiro dito «de Cambra» (D. Afonso Anes). Pelo nome do pai, pelo tempo, pela região, pela autoridade dele, pelos haveres, etc., lembra o desconhecido conde D. Fernando Vermudes, que pode ser seu irmão e que foi tenente ou mandante da vizinha «terra» de Lafões, pelo menos, sob D. Afonso Henriques e D. Sancho I. Poderia ser igualmente mandante da «terra» de Cambra, pois não raro os ricos-homens eram comuns às duas circunscrições — e daí a rico-homia de D. Afonso Anes «de Cambra». Teria talvez sido pai dele e, por isso, avô deste prócer o famoso D. Vermudo Peres «de Trava», cuja ilustre descendência ficou em Portugal (basta sua filha D. Sancha Vermudes), além do que foi governante em Viseu, etc. Seja como for, aquele primeiro dos «de Cambra» casou na casa dos senhores da vizinha honra de Ribeiradio, com D. Urraca Peres, e teve dela filhos e filhas, todos ditos «de Cambra». Martim Afonso, Fernando Afonso, D. Maior Afonso e D. Constança Afonso, parecendo o primeiro o mais notável por ter descendentes também ditos «de Cambra», (um filho João Martins «de Cambra», que foi louco e não teve filhos e uma filha, D. Inês Martins, que teve descendência). Nos fins do séc. XIII, pelo menos, já o quadro paroquial do actual

concelho de Vale de Cambra pode dizer-se constituído, à excepção das freguesias de Arões e Vila Cova do Perrinho, pois todas as outras aparecem já nas Inquirições de D. Dinis (1290). Na paróquia de *S. Pedro de Castelões*, o lugar deste nome era, nesta ocasião, todo honra dos filhos de Martim Pais, fidalgo não identificável fàcilmente; o lugar de Burgães era do mosteiro de Cucujães, talvez por doação de fidalgos donos dele; no lugar de Baçal ou Baçar, havia duas «quintãs», honras com seus paços, uma do Cavaleiro Afonso Pais (talvez irmão de Martim Pais) e outra dos filhos de Pêro Afonso; os lugares de Espinhal e Cortim eram da Ordem do Hospital; o lugar do Mosteiro (talvez a «vila Pinioli» do séc. X, onde se ergueu a igreja e Mosteiro de S. Martinho, já referida) era do Mosteiro de Paço de Sousa, de que se conhece a doação feita pelo abade deste cenóbio nos fins do séc. X; o lugar de Macinhata era honra com o paço («quintã») de D. Froilhe, que outra não pode ser senão D. Froilhe Fernandes, sobrinha de D. Afonso Anes «de Cambra», por ser filha do rico-homem D. Fernão Anes «Cheira», irmão deste e, como ele, como se compreende, herdado no vale de Cambra. Na paróquia de *Sant'Iago de Codal*, não havia honras, pois parece tudo foreiro à coroa, sem desmandos da nobreza. Na paróquia de *S. João de Capelos* no lugar deste nome havia a «quintã» que havia sido do cavaleiro-fidalgo Egas Peres; no de Gatão, existia a de outro cavaleiro, Fernão Anes, que honrava toda aldeia; no de Merlães, os dez casais que aí havia eram de cavaleiros fidalgos e de «ordens» «isto é, mosteiros e igrejas», tendo a coroa nesta honra apenas simbólico foro anual de um terço do pão e de duas galinhas, por casal. Na paróquia de *Santa Maria de Macieira* (Macieira de Cambra hoje, havia, no lugar deste nome, a «quintã» e paço, do filho de algo Afonso Pais (decerto o mesmo de Castelões), estendendo-se a honra a cinco casais, que, porém, peitavam a voz-e-coima à coroa, entrando nela só o porteiro real, mas não o mordomo; no lugar do Paço, havia a chamada «quintã velha» (honra antiga), que fora do filho de algo Henrique Magro, do que há algo a referir-se de particular, o qual a havia trazido com sete casais que no local havia, de mosteiros e fidalgos; no lugar de Tagim havia a «quintã» de Gonçalo Dias, com quatro casais que o paço honrava; no de Mulhudos, havia outra «quintã» que honrava toda a aldeia, compreendendo sete casais do mosteiro de Pedroso (o que se liga a este por doações já do séc. XI); no de Padrastos, existiam cinco casais de mosteiros, sendo estes com toda a aldeia uma honra, pois a «defendiam» fidalgos em que há que ver-se a estirpe dos doadores a esses cenóbios. Quanto ao senhor da honra do Paço (topónimo já antigo, mas talvez coevo do primeiro senhor dela), Henrique Magro, há a notar o que se diz no mobiliário medieval chamado do conde D. Pedro; «Em tempo de el-rei D. Afonso, o que filhou Toledo (D. Afonso VI de Leão), havia um mouro em Córdova que era rico homem e mui fidalgo e de grande companha e era mui bom cavaleiro de armas, e veio-se para el-rei D. Afonso suso dito, e el-rei D. Afonso o rogou tanto, que o houve a tornar cristão, e baptisou-o e foi seu padrinho, e pôs-lhe o nome D. Fernando Afonso e herdou-o mui bem, e casou-o com D. Urraca Gonçalves, filha de Gonçalo Viegas «de Marnel», Castela, Leão e Portugal, tudo era de el-rei D. Afonso, o que filhou Toledo. Em aquele tempo, este D. Fernando Afonso fez em esta D. Urraca Gonçalves («de Marnel») um filho e uma filha: a filha houve nome D. Elvira Fernan-

des, e o filho houve nome D. Henriques Fernandes, por sobrenome D. Henrique Magro. Parece tratar-se deste fidalgo, sem dúvida, naquela indicação do senhorio e vetustez da honra do Paço de Macieira de Cambra; «quintã velha» que havia sido de Henrique Magro. Cerca, havia muitos bens o mosteiro de Pedroso, e não deixa ser de notar que os fundadores deste mosteiro são precisamente o sobredito D. Gonçalo Viegas «de Marnel» e sua mulher D. Flâmula (meados do séc. XI), avós maternos de D. Henrique Magro, os quais eram donos de muitos bens desde o Douro ao Vouga, onde fica Cambra. O sobredito Henrique Magro foi casado com uma dona da estirpe «de Portocarreiro», D. Ouroana Raimondo, e teve dela, entre outros filhos; D. Egas Henriques, que casou com uma filha de D. Urraca Vásques, precisamente a mesma que as Inquirições de 1258 citam como possuidora de honras e coutos nesta região, incluida Cambra (por exemplo, em Lourosela). Esta D. Urraca Vásques foi casada com o senhor de Curveiro (Penafiel), Gonçalo Viegas, e dele teve D. Teresa Gonçalves, que casou com o dito Egas Henriques «de Portocarreiro» e dele teve precisamente «Gomes Viegas que chamaram por sobrenome Peixoto, que foi bom cavaleiro e morreu sem semel» (diz o referido nobiliário medieval). É este aquele cavaleiro-fidalgo Gomes Peixoto que as Inquirições de 1258 citam como doador de bens em Cambra (Lourosela) à Ordem do Hospital. Na paróquia de *S. Miguel da Junqueira* sabe-se também pelas inquirições de D. Dinis que a aldeia de Parada, com três casais, era honra da Ordem do Hospital. Na paróquia de *S. Salvador de Roge*, havia a «quintã» de Vila Nova, que honrava toda a aldeia, com os lugares de Santa Cruz de Jusã (de Baixo) e Santa Cruz de Susã (de Cima) e Paço do Chão, de mosteiros e do filho-de-algo Fernando Afonso. Teria sido este «o de Cambra», sem dúvida alguma, e, como em todo o actual concelho de Vale de Cambra e antiga «terra» não aparece outra honra pròpriamente da estirpe referida e principal dita «de Cambra» parece natural deduzir que o solar oficial dela estava aqui, no coração de vale de Cambra. Na mesma paróquia, o casal de Arão era da Ordem do Hospital e do mosteiro de Cucujães; o lugar de Roge era da Ordem de Avis, de mosteiros e de igrejas, e dava-se aí fossadeira à coroa; sendo no mais honrado por fidalgos, filhos e netos de Nuno Peres; quanto a Sandiães, era honra que abrangia os lugares de Soutelo e Pedre e bens de mosteiros, igrejas e nobres, e especialmente a «quintã» que fora de João de Cambra e de Fernão de Cambra. Apesar de se dizerem assim, estes fidalgos não pertenciam, ao que tudo indica, à estirpe dita «de Cambra» por excelência. As linhagens medievais fazem a João de Cambra uma que outra referência acidental, ao tratar dos casamentos de dois fidalgos de entre o Vouga e o Douro, Diogo Gil e João Gil, respectivamente com uma filha desse João de Cambra e com uma filha de João Martins «de Castelões» (Castelões, de Cambra), filho, por certo de Martim Pais «de Castelãos» que as Inquirições de 1290 dizem ter sido senhor de honra de Castelões, agora dos filhos — um deles, pois, esse. Na paróquia de *Santa Maria de Vila Chã*, a honra deste nome era herdamento de D. Froilhe, que é a sobredita rica-dona D. Froilhe Fernandes, e fora, pois, do pai, D. Fernando Anes «Cheira» da estirpe dos «de Cambra»; e o lugar de Muradal era de fidalgos e «ordens» e fora trazido por honra pelo filho-de-algo Gomes Viegas, que deve ser, sem dúvida o sobredito Gomes

Peixoto. A terra de Cambra veio a ser doada no séc. XIV aos Pereiras (da Feira, onde eram potentados). Fernão Pereira, o pai do 1.° Conde da Feira, foi o 3.° senhor de Cambra, e por carta régia de D. Afonso V, de 21-XII-1467, foi confirmado ao filho 1.° conde, Rui Vaz Pereira, o senhorio em sucessão, como em carta de D. João II, de 7-XII-1486, foi confirmado ao filho dele, 2.° conde; etc. No Cadastro da população de 1527, cita-se, em referência excepcional em tal registo, a honra e quintã de Vila Nova, do Conde da Feira, isto é, do senhor de Cambra, o que, com o já referido, leva a crer que, realmente, esta foi a honra e paço medieval pròpriamente de Cambra, solar da estirpe «de Cambra» que veio a cair nos senhores de Santa Maria, os Pereiras, de que saíram os condes da Feira (v.) O dito Cadastro diz que o concelho de Cambra, partindo com Arouca, Sever, Lafões, Santa Maria e Figueiredo, tinha duas léguas (antigas) de comprido e uma de largo, e cita as freguesias de Macieira (com 55 fogos), Roge (com 50), S. Girão (*sic*, com 100), Vila Chã e Codal (com 50, por tudo) e S. João (Cepelos ou Vila Nova? com 55) e a «quintã de Vila Nova» (com 18 fogos). O foral manuelino, dado em Lisboa, a 10-II-1514, cita expressamente as povoações de Algariz, Areias, Armental, Arães, Cabril, Cabrum, Campo de Ançã, Camão, Chão do Carvalho, Codal, Coelhosa, Castelões, Ervedoso, Lourosela, Merlães, Paraduça e Refóios. Do séc. XVII para o XVIII, o concelho tinha juízes ordinários (no séc. XIII aparece um só, nas Inquirições de 1258, Domingos Anes, «judex de Caabria», que delas foi jurado), três vareadores, o procurador, escrivães, juiz dos órfãos, dois tabeliães (do judicial, notas), etc., e ainda um alcaide (o que deve ter origem em haver existido castelo em Cambra antigamente) e três companhias de ordenanças. A sede estava na povoação de Macieira, e o concelho era chamado de Macieira de Cambra, até que, por decreto de 31-XII-1926, a sede foi fixada no lugar de Gandra, da freguesia de Vila Chã, e dada ao concelho a denominação de Vale de Cambra, a um tempo de justo sentido topográfico e histórico, embora preferível apenas Cambra. A freguesia de Vila Cova do Perrinho, anexada desde 21-XI-1895 à de Carregosa e, desde 21-II-1903 à de Codal, foi tornada independente em 6-VIII-1940. A vila «bastante trivial, mas rodeada de uma paisagem extraordinàriamente verdejante», tem como linha de desenvolvimento uma boa avenida aberta no sentido N. S., que dá saída em direcção à estrada de Castelões. Contígua, na margem direita do Vigues, fica na povoação de vila Chã, a igreja matriz da freguesia. Ao S. estendem-se os afamados Campos de Burgães, que constituem a zona agrícola e pecuária por excelência do Vale de Cambra, irrigada pelas águas da albufeira do Castelo, no Caima, construída pela Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola. A barragem, com 24 metros de altura e dique misto, permite a armazenagem de 330.000 m³ de água, a utilizar na estiagem. Esta obra foi executada de 1932 a 1940, compreendendo os canais de irrigação, reconstrução de uma levada antiga, *o canal de baixo*, e abertura de um *canal novo*, em curva de nível superior.

ELECTROGÁS

ELECTRICIDADE / GAS

AGENTES OFICIAIS

para os concelhos de
S. JOÃO DA MADEIRA
FEIRA
VALE DE CAMBRA

Rádio — TV — Gravadores — Equipamento Musical — Frigoríficos — Toda a gama de electrodomésticos — Máquinas de lavar roupa — Fogões e esquentadores a gás

Aparelhagem HI—FI

MONTAGENS DE:

Auto-Rádios — Antenas colectivas para Rádio e TV

Oficina de reparação de todo
o material eléctrico e de
electrodomésticos

COM

SERVIÇO AUTORIZADO PHILIPS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO DOMICÍLIO

STAND AVENIDA

Fernando Tavares Pereira

Compra, Venda e troca de Veículos

NOVOS E USADOS

DE

TODAS AS MARCAS

NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Avenida Camilo de Matos

VALE DE CAMBRA

TELEFONE, 42193

De «O Jornal de Cambra», de 30 de Novembro de 1948.

VALE DE CAMBRA

e o Santuário de Nossa Senhora da Saúde

I

Os homens da pena eminente, os que por graça de Deus se têm debruçado no alcandorado miradouro das Baralhas, não têm deixado no incógnito de seus recursos a sensação visual e o prazer espiritual que colhem desse ponto de paragem.

O deslizar das águas fosforescentes do «Caima», o sempre verde dos campos, o pendor das serras e seu arvoredo, o branco e vermelho das moradias, o característico da configuração geográfica, o matiz, o folclore e o mais que fica por dizer, tem sido exprimido — em jornais e revistas — com tal sublimidade de estilo e precisão de realidade, que, diàriamente, mesmo os alheios às belezas da Natureza ou enfastiados da vida, criam vontade de espírito e lá se vão debruçar no miradouro das Baralhas.

No dizer de Raúl Proença — *Estradas de Portugal* — «O Vale de Cambra é um dos mais verdejantes vales do mundo». Sousa Costa — *Ó vós senhores do volante*, no «Diário de Notícias» — chama-lhe: «Vale edénico, magestoso, risonho...» E alguém dirá: O Vale de Cambra é, decerto, o capricho da Natureza, o paraíso terrestre.

A Natureza trabalhou tão prodigiosamente a modelação da bacia que, de verdade, deixa fascinado quem se debruçar sobre as suas belezas. Mas não é só no seio do vale que predomina o edénico, o magestoso..., não! O mais belo e sumptuoso começa agora a ser desvendado com a construção de novas estradas. Agora, sim, com essas novas vias de acesso, já se pode subir ao alto de Função, visitar a *Frecha da Mizarela*, o Outeiro dos Riscos, o Planalto do Arestal, etc. Destes pontos, a vastidão do panorama é deslumbrante, estonteia!

Mas ainda não fica por aqui o digno de visita na terra da manteiga, do queijo e do vinho verde, não!

O planalto de Gestoso, a 7 quilómetros de boa estrada e a 700 metros de altitude, é, decerto, a tribuna de honra do Vale de Cambra e, talvez, da Peninsula. — O mundo, visto dali, tem de tudo um pouco! As serras desdobram umas após

outras, os vales sucedem uns para além dos outros; as moradias dispersas, as vilas, cidades e aldeias semeadas a esmo nas chas e nos outeiros, e, lá ao cabo, a muitas léguas, o Mar, as traineiras e, lá mais adiante já no grosso das águas, as grandes embarcações. Um conjunto que forma a maravilha das maravilhas!

O homem que tem a dita de subir ao planalto de Gestoso, por espírito forte que seja, curva-se e tira o chapéu. É que, ali, a obra da Natureza, por força sobrenatural, obriga a render homenagem ao Poderoso.

Esse sobrenatural que existe ali é o Santuário da Mãe de Deus, invocada — desde há muitos séculos e a muitas léguas de lonjura — por SENHORA DA SAÚDE DA SERRA.

*

Pelas visitas pastorais à freguesia de Castelões — do livro *Romarias de Portugal* — se depreende que a capela de Nossa Senhora da Saúde, em Gestoso, já existia no ano de 1753; que necessitava de reparações e era visitada por muitos romeiros.

Já precisava de reparações em 1753?!... Estava velha, quando teria sido feita? — Não se sabe!

Em 1809 — do mesmo livro — o número de romeiros que afluia à festa de Nossa Senhora da Saúde, em Gestoso de Castelões de Cambra, no dia 15 de Agosto de cada ano, era tão elevado, que as esmolas ali deixadas chegavam ao melhor de quatrocentos mil reis. Quatrocentos mil reis de esmolas em 1809? É admirável!

*

* *

(O montante de quatrocentos mil reis de esmolas em 1809, ano em que o povo português se debatia sob a influência da guerra que Napoleão movia contra Portugal, é prova evidente que os prodígios de Nossa Senhora da Saúde deviam ser grandes e os contemplados muitos... Doutra maneira não se compreende uma tão grande afluência de dinheiro ao Santuário. Nesse tempo, uma esmola de vinte reis (2 centavos presentemente) era esmola avultada).

Idem, de 30 de Dezembro de 1948

II

O Santuário de Nossa Senhora da Saúde, aquele que em 1753 necessitava de reparações, era no lugar de Gestoso — e talvez de pequenas dimensões.

Em 1782, a expensas do Padre Gonçalo Martins, de Baçar — pouco antes

regressado do Brasil — foi transferido para o actual local, 200 metros ao Sul de Gestoso.

Em 1804, os povos vizinhos da nova Ermida,—Gestoso, Decide, Janardo e Vale do Lobo,—atendendo às dimensões da mesma e aos tais 400$000 reis que a ela afluiam anualmente de esmolas, e visto, mais, estarem afastados da sede da freguesia e as vias de comunicação serem péssimas, decidiram pedir a Sua Magestade para os desanexar da freguesia de Castelões e, fazendo do novo Santuário Igreja Matriz, criar ali nova paróquia — a freguesia de Gestoso; tal desejo, porém, devido a intervenção do reitor de Castelões, não chegou a via de realidade. Trinta anos depois, em 1834, era reconhecido que a capela da Senhora da Saúde em Gestoso se tornava insuficiente para albergar o movimento dos romeiros em dia de festa — 14 e 15 de Agosto —; e foi, então, que, com um legado de 200$000 reis, deixado pelo P.e José dos Santos Figueiredo, reitor da freguesia, ampliaram o Santuário e assim permaneceu, sem mais reformas, até 1929.

A respeito da Senhora da Saúde e do local do Santuário, Júlio Diniz — na «Morgadinha dos Canaviais» — diz: «O monte onde se erigira a capela da Senhora da Saúde, afamada pelos seus milagres e pela sua romaria, num círculo de muitas léguas de raio, era elevada rocha vulcânica que domina freguesias rurais... Estendiam-se-lhe aos pés alcatifas da mais rica vegetação...» — É o Vale de Cambra — «Henrique achou de súbito diante de si a mole imensa e talhada quase a pique, que lhe disseram tinha de subir..., tornava-se indispensável caminhar em continuados ziguezagues...» — É que, de facto, até alturas de 1920, tornava-se penoso subir ao planalto de Gestoso — «Para compensar as fadigas de tão trabalhosa ascensão, haviam, porém, a paisagem, que, a cada passo andado, a cada ângulo que se dobrava, aparecia mais surpreendente e maravilhosa. Poucos peitos teriam força para reprimir um brado de admiração... À medida que os nossos peregrinos iam subindo, ampliava-se-lhe mais e mais o horizonte, aveludava-se a relva da planície, parecia aplanarem-se os outeiros vizinhos e os campos tomavam a aparência dos canteiros dum jardim». — Os campos de Vale de Cambra, realmente, vistos da serra, tomam aspecto de canteiros.

O mesmo escritor — no livro «Pupilas do Sr. Reitor», diz:

«Havemos de ir breve..., que já m'o prometeu. Há-de ser à Ermida da Senhora da Saúde. Se soubesse como lá é bonito!

«A vista segue, por cima de campos, de devesas, de aldeias, e tão longe, tão longe, que só pára no mar.

«Não se pode estar doente ali: verá».

É evidente, ali não se pode estar doente. E hoje, mercê da obra dos homens, todas essas maravilhas da Natureza, podem ser apreciadas das janelas dum automóvel.

Também o trovador Padre José Alves Pereira da Fonseca (o «Lamego»), que

paroquiou a freguesia de Ossela, em 1843 ou 44, referindo-se à Senhora da Saúde, em Gestoso de Castelões, cantou:

«Há no distrito d'Aveiro,
Castellõens é freguesia,
Uma Ermida consagrada,
À Virgem Santa Maria.

Devotos lhe dão o nome,
Da Senhora da Saúde,
Seus milagres patenteão,
À sua Santa Virtude.

D'ali se descobrem montes,
Altas Serras, penedias,
Choupanas e lugarejos,
Das Gentes das Serranias.

Esguias torres se avistão,
D'Aveiro, Porto, Figueira,
Salinas e pescarias,
D'Espinho, Ovar e Torreira.

E a respeito da festa — do mesmo trovador:

«Quatorze d'Agosto,
Caminhos, veredas,
Cobertas de gente,
O povo às medas».

* * *

(Egas Moniz, no seu livro «Júlio Dinis e a Sua Obra» afirma que os romances «Pupilas do Senhor Reitor» e «A Morgadinha dos Canaviais» foram escritas em Ovar, quando o eminente romancista ali viveu em repouso de cura na casa de sua tia paterna, D. Rosa Zagalo Gomes Coelho.

Ora, vivendo Júlio Dinis em Ovar e sendo o povo vareiro devoto fervoroso da Senhora da Saúde da Serra e ainda pela maneira como nas «Pupilas» e na «Morgadinha» estão descritos o local da Ermida, a subida ao alto da serra, o panorama dali desfrutado e os milagres que a Senhora da Saúde prodigalizava aos devotos, temos de concordar que no distrito de Aveiro não há outra Ermida da Senhora da Saúde com tais características. Quem sabe se até, doente como era e católico, Júlio Dinis tenha sido tocado pela esperança e uma verdadeira Fé, e tenha visitado a Senhora da Saúde

na firme convicção de colher lenitivo para os seus padecimentos ?! Coisa muito natural para todos quantos sofrem).

Idem, de 30 de Janeiro de 1949

III

«Folguedos, cantares,
Violas, pandeiros,
Rebecas e gaitas,
Lá tocão Romeiros».

«Vão todos contentes,
Cantando e bailando,
Não cansão nem sentem
A testa suando».

«São moços, são velhos,
São mães e são filhas;
De todos os lados
A gente é às pilhas».

Trovas estas que foram imprimidas e cantadas há mais de 100 anos. Tal era a romaria já nesse tempo!

Em nossos dias, aqui há uns 10 ou 15 anos atrás, Ferreira de Castro — escritor que conhece o mundo e sabe dar o valor às coisas — aludindo a Vale de Cambra e à Senhora da Saúde, que são bem do seu conhecimento, escreveu:

«..., logo adiante das Baralhas, panorama de pasmar! É o Vale de Cambra... Cercado de montanhas de formas extravagantes, não é fácil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espectacular. Quase não tem planos... A terra é verde e o céu é azul, é tudo verde e azul, com raras pintas brancas do casaredo, que, mais do que moradias de homens, parecem janelas de própria paisagem. Ao crepúsculo, porém, o grande vale sofre metamorfose, torna-se policromo — e as suas cores separam-se, aqui, muito nítidas, e dissolvem-se e confundem-se além, num encanto visual. Nas noites de luar, quando o grande balão de oiro surge na lomba das montanhas, o vale enche-se de magia, dum sortilégio que paira desde os píncaros longínquos as águas sussurrantes do «Caima». De manhã, é o milagre de luz sobre a terra, quando o Sol nasce em Vale de Cambra». — Que melhor e mais será preciso descrever? — «... panorama de pasmar»!? — que «não é fácil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espectacular»!? — que tem «encanto visual indiscritível.»!? — «Nas noites de luar... o vale enche-se de magia»!? — que «Todos os dias há um milagre de

luz... quando o Sol nasce em Vale de Cambra.»!? — Depoimento verídico e assombroso!

E a respeito da festa da Senhora da Saúde em Vale de Cambra, o mesmo eminente escritor e viageiro, escreveu: — «... E no pico da serra ergue-se a Senhora da Saúde, ermida até há pouco, recentemente templo maior, acompanhado por um albergue. Para a festa que em sua honra se celebra todos os anos, começam a passar aqui, na madrugada de 14 de Agosto, verdadeiras multidões». — Tomem nota: todos os anos verdadeiras multidões! — «Vem gente, da beira mar, a muitas léguas de lonjura; vem gente de todos os concelhos próximos, das montanhas vizinhas e das montanhas distantes — e, até do Porto e de Coimbra gente vem. Desde as regiões vareiras às regiões de Arouca, não há estrada nem sinuoso atalho, onde neste dia não se projecte a sombra dos romeiros a caminho da Senhora da Saúde». — Reparem bem: que vem gente da beira mar e das montanhas distantes, a muitas léguas de lonjura; do Porto e de Coimbra gente vem: portanto, a Senhora da Saúde, em Vale de Cambra, não é uma festa regional. Depreende-se perfeitamente que tem concorrência de festa nacional. — «Empregam todos os veículos: a tartana remota..., a diligência de há muitos anos, carroças, tipoias, carros de bois engalanados, camionetes e automóveis. A maioria vai a pé... O píncaro está cheio de bandeiras, de vendedores de quinquilharias, de frutas estivais, de chitas, não há maior cromatismo em parte alguma, nem bulício maior...» — Isto há uns 15 anos.

Hoje, com o prazer de viajar e a nova estrada que dá acesso ao arraial, a concorrência de veículos é maior; vai mais povo; os vendedores são mais, o cromatismo é mais vistoso e o bulício estonteante.

*
* *

(Arraial típico com danças, descantes, violas e pandeiretas, correrias e fanfarronices, tudo tende a desaparecer.

A maior parte do povo, já não vai a pé. Chega ao local da festa comodamente instalado nos melhores meios de condução e procura passar as horas festivas no mais sensacional conforto.

Se alguma dança ainda se vê ao som da velha viola, se ainda se ouvem cantigas ao desafio, são, com certeza, de velhos romeiros a matar saudades dos tempos passados. Os novos, esses, se dançam, preferem os ritmos modernos ao som de instrumentos musicais e, não obstante ser no alto da serra, a dança tem já todo o estilo dos bailes de salão.

O arraial de há 50 anos, ou até mesmo de há 30, em confronto com o de hoje, pode dizer-se que, no seu conjunto, deixou de ter os alegres traços de folia que o caracterizava. No entanto é de crer que tenha sempre, mais ou menos, o cunho alegre das romarias das Beiras).

Idem, de 10 de Março de 1949

IV

Só visto! Quem desconhece o arraial de Nossa Senhora da Saúde, em Vale de Cambra, sem duvida alguma desconhece o que é uma romagem retintamente portuguesa. Bem diz Ferreira de Castro: *«não há maior cromatismo em parte alguma, nem bulício maior»*. Mas deixemos a festa e voltemo-nos para a história do Santuário.

Em 1849, pelo novo código administrativo, a conservação dos templos e administração dos seus rendimentos passaram ao poder das Juntas de Freguesia; e assim, a Junta de Paróquia da freguesia de Castelões, pelo poder civil, apresentou-se a tomar conta das esmolas que eram oferecidas ao Santuário de Nossa Senhora da Saúde, em Gestoso. Como, porém, era uso e costume o clero receber ali as esmolas, o reitor da freguesia, António Gomes de Almeida, sentiu-se lesado nos seus direitos e, em firme propósito, levou o caso para tribunal, alegando que os rendimentos ali entregues lhe pertenciam, como pé de altar. A questão seguiu seus trâmites na comarca de Arouca e o referido reitor venceu, ficando, assim, não só ele, como os seus sucessores, na posse de continuar a receber e a gastar em seu proveito próprio as esmolas recolhidas no Santuário de Nossa Senhora da Saúde, em Gestoso. Visto que o poder civel concedia o rendimento dos templos às Juntas de Freguesias talvez fosse prejuízo grado para Castelões o reitor ter ganho a questão, porque, nem ele nem os seus sucessores, até 1910, nada fizeram em honra do Santuário ou benefício do local da festa ou dos romeiros, apenas sabiam recolher as esmolas e administrá-las em proveito próprio. Se a Junta de Freguesia ganhava a demanda e ficava a administrar o rendimento do Santuário, como no Bom Jesus, em Braga, então sim, seria hoje o planalto de Gestoso um dos mais belos parques do País, com sumptuosa catedral, em honra da Virgem. Vale de Cambra seria ponto de turismo qualificado. Porém, infelizmente, tal não aconteceu.

Por volta de 1890, A. J. S. Pinheiro e esposa A. C. P. S. de Almeida, da freguesia de Codal, como é próprio da alma portuguesa, em momento de aflição, lembraram-se de oferecer à Senhora da Saúde de Gestoso, se lhe concedesse determinada Graça, a junta de bois que possuíam. O milagre efectuou-se, e, em 1893, para não entregar a junta de bois ao pároco, visto que ele nada fazia em honra da Virgem, decidiram converter a oferta em numerário e, sem olhar a ditos ou pretensões, mandaram vedar o adro à volta do Santuário, melhoramento que embelezou um pouco o local.

Já no tempo que o «Lamego» escreveu as trovas, de que já transcrevemos algumas, fez referência a uma junta de bois nestes termos.

«Chegando uma junta de bois
O dono vinha na frente,
Chorando de alegria,
Fazia chorar toda a gente».

Por aqui se vê que não foram os de Codal os primeiros romeiros a oferecer bois de presente à Senhora da Saúde; já outros, em outros tempos, o tinham feito; e, quanto a dádivas, pessoas há que chegam junto do altar e, numa submissão de fé e reconhecimento, despojam-se das jóias, de que fazem uso e oferecem-nas à Virgem. Ali, na Senhora da Saúde da Serra — nome porque actualmente é conhecida — vê-se oferecer esmolas de míseros centavos a notas de mil escudos, e, ajoelhada aos pés da Virgem, levantando preces veementes, encontra-se gente de todas as classes sociais. São tantos os prodígios que a Senhora da Saúde da Serra concede a quem dela se aproxima que, de ano para ano, quase como mistério, os seus devotos aumentam, e o templo, de tempos a tempos, torna-se insuficiente para os receber. É um louvar a Deus tal milagre.

Em 1911 — com a implantação da República — o pároco foi destituído de receber ali as esmolas, sendo, para tal fim, nomeada a Junta de Freguesia de Castelões. Fez-se o inventário aos bens do Santuário – tudo desprezado, velho e roto. Talvez, como em 1753, quando, ainda em Gestoso, necessitava de reparação.

Em 1914 foi criada uma comissão (modelo cultural) transitória.

*

* *

(A crónica, por si só, comenta o pouco interesse que os párocos dedicavam ao engrandecimento do Santuário e, pela obra que os de Codal mandaram fazer, demonstra claramente a aversão que alguns devotos mantinham sobre a maneira como eram gastos os dinheiros recolhidos no Santuário.)

Idem, de 15 de Abril de 1949

V

O caso desperta interesse no meio conterrâneo e as opiniões divergem. A Junta de Freguesia, que apenas recebera o rendimento do Santuário durante 3 anos — cede o direito à nova comissão; os poderes eclesiásticos opõem-se; os organizadores da Cultual recorrem para a Comissão Central de Execução da Lei de Separação, e em 1916, para afastar fracos preconceitos da Cultual, é instituída a «Confraria de Nossa Senhora da Saúde da Serra», na base das Associações de Assistência, Beneficência e Caridade, com estatutos legalmente aprovados pelo poder civil; e assim permaneceu até 1927. E foi então, sob a vigência dessa Confraria, que durou 11 anos, que se deu princípio a uma série de melhoramentos em benefício do local e para conforto dos romeiros; pois, apesar da Confraria não estar aprovada pelas leis da Igreja, não se deixou de prestar o culto católico no Santuário nem tão pouco as benesses afrouxaram; antes até, como nos tempos antigos, de ano para ano, a afluência aumentava e as esmolas também.

O primeiro melhoramento efectuado (se não estamos em erro) foi a exploração da água e a sua canalização para um depósito adptado nos fundos de uma casa que, propositadamente, foi construída para tal fim e para recolha do necessário à festa e às obras; levantou, em boa cantaria, um chafariz que, nos dias de romagem, deitava o precioso líquido a jorros por 4 bicas; mandou plantar árvores de sombra à volta do Santuário; comprou paramentos novos para o exercício do culto... e em 1921 ou 1922, com o auxílio dum subsídio de 10.000$00 legado pelo benemérito Abílio A. Martins de Pina — à data do falecimento, Juiz da Confraria — mandou abrir um bom caminho — a que deram o nome de estrada — do lugar das Corgas ao Santuário, bemfeitoria esta que melhorou consideràvelmente a ascenção ao Santuário pelo lado do norte. Embora não fosse bem uma estrada, o certo é que os automóveis e camionetes, conduzidas por motoristas ágeis, passaram a ir até ao local da festa. Com estes melhoramentos já se ia vendo em que era gasto o produto das ofertas.

Em Julho de 1926, pelo decreto 11 887, o Ministro da Justiça concede personalidade jurídica à Igreja; e, perante tal decreto, a «Confraria de Nossa Senhora da Saúde da Serra» perde a sua personalidade no tocante aos bens e administração do Santuário; no entanto, à falta duma corporação católica devidamente organizada, nesse ano ainda se apresenta a fazer a festa e a recolher as esmolas.

Em Novembro do mesmo ano (1926), o Governador Civil do distrito, e o Prelado da diocese, aprovam os estatutos da corporação que se preparava para tomar conta dos bens do culto católico. Em Abril de 1927, pela portaria 4 862 (2.ª série), manda o Governo da República que seja entregue à nova corporação o Santuário da Senhora da Saúde e tudo o mais que lhes dizia respeito. A Confraria, sob o resguardo de Associação de Assistência, Beneficência e Caridade, ainda quis pôr embargos; porém, o pároco da freguesia e Presidente da nova corporação, P.e Joaquim Manuel Tavares requer a posse judicial e, logo adiante, em 25 de Maio, tomou posse oficialmente.

*
* *

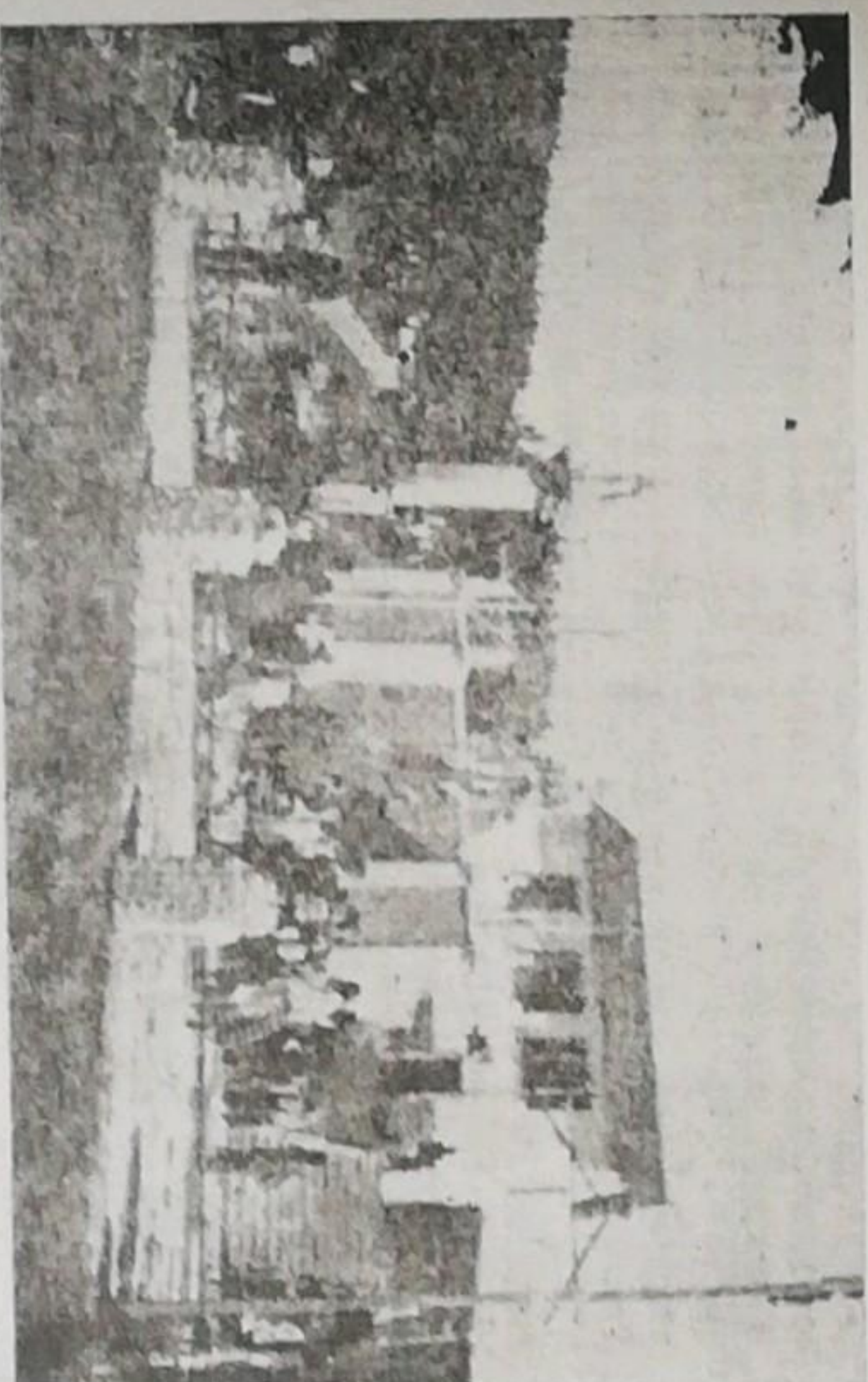
(Em 1916, a Instituição da Confraria de Nossa Senhora da Saúde da Serra, embora de carácter civil, abriu novos horizontes ao destino dos rendimentos que afluíam ao Santuário. As pessoas que subiram à Direcção, pela sua longa permanência no Brasil, eram espíritos dinâmicos e, logo de princípio, começaram por aplicar o dinheiro das esmolas em obras que mantiveram, para o engrandecimento do local, até o Rev. Padre Joaquim Manuel Tavares tomar conta do Santuário em 1927.

Pelo facto de se tratar de uma comissão Cultual, o povo da região e até os romeiros, na sua maioria, apoiavam o destino que a Confraria dava ao dinheiro que recebia).

Idem, de 30 de Maio de 1949

VI

Como é evidente, empossada a nova Comissão do Culto, a Confraria cultualista perdeu o mandato e o pároco da freguesia passou a receber as benesses depositadas no Santuário e a dar-lhes o destino que a sua mentalidade aconselhava; pois, diga-se a verdade, os restantes membros da Corporação do Culto apenas formavam número: — ele, presidente, é quem mandava. No entanto, é de notar: os 17 anos da sua administração — 1927-1944 — são, até à data, o brilhante na história do Santuário.

De ano para ano, já não acontecia como em outros tempos, os romeiros tinham o prazer de ver obras novas e a certeza de que as suas benesses eram gastas em honra da Virgem, estando calculado que, durante o referido período, foram gastos em obras de interesse ao Santuário e comodidade dos romeiros mais de 200.000$ (duzentos contos). Isto, é claro, e honra lhe seja feita, mercê de não ter apego aos bens do culto, porque o querer estava na sua mão, visto ser quem mandava. Pena foi que tão grande soma de dinheiro fosse gasta sem obedecer a um plano prèviamente estudado.

Fotografia das obras que a Cultual mandou fazer e o rev. Padre Joaquim Manuel Tavares mandou demolir.

Era muito bom pároco o reverendíssimo Padre Joaquim Manuel Tavares, e, como cidadão, excelente pessoa. Muito amigo de fazer um favor, sempre pronto a atender quem quer que fosse, limitava os seus honorários, na maioria dos casos, ao que cada um queria pagar e, fora das suas ocupações rituais, era muitíssimo popular. Porém, para além dessas virtudes, persuadia-se que, no que dizia respeito à «Senhora da Saúde», sabia melhor que outrem e, por tal persuasão, não aceitava conselhos:

— trabalhava a seu bel-prazer, excentricidade que deu causa a deixar obra imperfeita. Principalmente na reconstrução do Santuário, cometeu erro grave em não lhe ter mudado a frente para o lado oposto. Duma maneira geral, quase toda a sua obra ali realizada não mereceu a aprovação do povo, pois foi um verdadeiro desastre o desperdício, quase total, de tanto dinheiro gasto!

Também, mais por capricho ideológico que por outra coisa, o Reverendíssimo Padre Joaquim Manuel Tavares, não aceitou por bem as obras que a Confraria cessante ali tinha mandado construir: e, portanto, sem olhar a considerações, mandou demolir a casa de arrecadação e resguardo ao depósito da água, violando assim os bens do Santuário e privando os peregrinos duma regalia que por direito era sua. Mandou construir outras obras, mas que se tornaram propriedade sua.

A 13 de Agosto de 1936, reconstruido o interior do Santuário, chamou ali o Bispo da diocese, D. António Augusto de Castro Meireles, para proceder à benção. Houve cerimónia pomposa, como o acto requeria e, sobre o assunto e demais evoluções porque o Santuário tem passado, escreveu um livro «Romarias de Portugal», com o subtítulo «Santuário de Nossa Senhora da Saúde da Serra» do qual extraímos alguns elementos da história do Santuário.

*

* *

(A fotografia que ilustra esta crónica, documenta bem o zelo e a boa intensão que os homens da Cultual dedicavam ao Santuário e às coisas que o rodeavam.

Foi então que, pela primeira vez, se começou a notar em que se gastava o dinheiro das esmolas).

Idem, de 15 de Julho de 1949

VII

Rodam os anos. O reverendíssimo padre Joaquim Manuel Tavares aproxima-se da velhice, sobrevem-lhe doença grave, manda parar as obras no Santuário, e, em 1944, persuadido que tinha chegado ao termo da sua jornada, pediu a demissão de pároco. De facto, a sua missão estava finda — apenas viveu 4 anos em recato familiar.

*

Em 1944, fins de Agosto, novo pastor das almas se apresenta a tomar conta da paróquia. Porém, como o páraco cessante se mantinha no cargo de Vigário da Vara, lugar que ocupava há anos, a plebe começou por interrogar-se: — «Qual dos

páracos ficará com o rendimento da Senhora da Saúde?» As opiniões divergiam, criam-se duas facções e o novo pároco entra em acção conciliadora. O Prelado da diocese é informado do que se passa, e, logo no ano a seguir, 1945, com a criação duma nova colectividade ao serviço da Senhora da Saúde, pôs termo às recriminações; e tão acertada foi a escolha dos membros que, por ter elementos das duas facções, pode dizer-se, todos os Castelonenses amigos da paz e do progresso da sua Terra ficaram satisfeitíssimos. É, sem dúvida alguma, uma colectividade eminentemente castelonense, bairrista de finalidade, mérito e conceito. É ela que mais e melhores perspectivas oferece para levar a cabo o que de necessário falta fazer no planalto de Gestoso, em honra da Virgem, comodidade e recreio para os romeiros.

Porém, na nossa falha maneira de compreender, parece-nos que Sua Excelência Reverendíssima — perdoai-nos senhor a recriminação! — foi excessivo na escolha dos membros, porque, no caso de ser preciso uma substituição, quase se pode dizer, não deixou qualquer reserva: — não olhou ao futuro.

Não citámos nomes, porque toda a colectividade nos merece o mais franco conceito e seria roubar espaço ao nosso modesto Jornal; porém, um há que, pelo lugar que ocupa, pela bravura do seu espírito, pela sua índole realizadora, pelo seu ardente bairrismo e pela sua devoção à Senhora da Saúde, simboliza todos os outros. Esse nome é: Emídio Henriques Gonçalves. É ele, o senhor Emídio Henriques Gonçalves, o espírito dinâmico da colectividade, o pioneiro das realizações, o lutador invencível, a unidade inquebrantável: — o insubstituível. Há nele a propensão do trabalho, a coragem e a virtude para os grandes empreendimentos. É o castelonense n.º 1. É neste ilustre filho de Castelões que toda a gente confia o algo de importante que, sem esmorecimento, se vai realizar à volta do Santuário da Senhora da Saúde da Serra.

*

* *

(A crónica supracitada, foi escrita com entusiasmo, mas, do que se previa, só uma coisa vingou: a longa permanência da Nova Comissão na administração dos rendimentos do Santuário. Do restante, quase se pode dizer, tudo falhou. Até mesmo o que estava feito em redor da Capela sob a direcção das comissões antecessoras e que emprestava ao local certo cunho de originalidade, sem se saber a causa, foi deitado ao abandono.

A Imprensa regional, por várias vezes, tem verberado com aspereza tal estado de coisas mas sempre em vão).

Idem, de 15 de Agosto de 1949

VIII

O Ramal da estrada — Decide-Senhora da Saúde — apesar de não ser auto-avenida, como era de desejar que fosse, pôs à prova as qualidades edificantes e criadoras da nova colectividade. **É uma estrada magnífica!** Com ela findaram as dificuldades de acesso ao Santuário!

A compra da casa que, em dias de festa, aqui servia de residência paroquial e era propriedade do extinto pároco, também foi acção de merecimento, pois não só engrandeceu o património do Santuário, como, em caso de emergência, em dias de romagem, se pode tornar de interesse comum: — servir de cadeia ou hospital.

Tanto a casa como a estrada, e umas quantas realizações de sòmenos importância, são o prelúdio da evolução porque há-de passar o planalto de Gestoso, transformando-se no mais original e visitado parque do País.

Uma Ermida-Catedral, uma alameda frondosa, uma escadaria a lanços, da estrada — Vale de Cambra-Sever do Vouga — à porta da igreja; água distribuída por todos os sítios, etc., etc., são obras de vulto, mas que devem ser feitas.

Se a eminentíssima colectividade e as que lhe sucederem, não se deixarem fanatizar por ideologias de carácter pernicioso ao progresso do Santuário, e, levando em conta a receita que anualmente ali aufere dos romeiros, bem como um ou outro donativo do Estado, (como já aconteceu para a abertura do ramal de estrada) tem probabilidades de fazer todas essas obras num período de 50 anos.

É preciso, Ex.ma Comissão da Senhora da Saúde, delinear as obras e não esmorecer, porque a Senhora da Saúde saberá dar o incentivo à receita e recompensar os que, com denodo e precisão, lhe defendam os direitos.

Salvé, Senhora da Saúde da Serra!

Quintaliano Negrão

*

* *

(Efectivamente, com a abertura da estrada da Decide ao Santuário e a compra da casa que em dias de festa servia de residência ao falecido Padre Joaquim Manuel Tavares, logo nos primeiros anos que a nova Direcção Administrativa tomou conta, o povo da região ficou persuadido que em poucos anos o planalto de Gestoso seria transformado em magnífico e bem delineado parque.

Acontece, porém, outros corpos administrativos já sucederam e quanto aos 50 anos que me pareciam ser tempo bastante para realizar a obra, 22 estão passados

sem que coisa alguma de relevante tenha sido feita. Dando assim, a desagradável impressão dos rendimentos do Santuário ter voltado aos tempos antigos.

Todavia, para melhor elucidar o público e desfazer dúvidas, adiante vai publicada uma pequena entrevista que o Director da Irmandade, Senhor Rev. Padre João Martins das Neves, fez o favor de me conceder).

UMA CRÍTICA APANHADA AO ACASO, SOBRE O DESLEIXO EM QUE FOI DEITADO O PATRIMÓNIO DO SANTUÁRIO

De entre as várias críticas que a Imprensa da região tem verberado sobre as coisas da Senhora da Saúde, vamos transcrever uma publicada no «Jornal de Cambra», para que o leitor possa fazer ideia concreta da razão que tem havido para comentários desfavoráveis aos que têm administrado os rendimentos do Santuário.

Eis a transcrição

De «O JORNAL DE CAMBRA», de 30 de Agosto de 1959.

Castelões

No arraial da Senhora da Saúde — Há já alguns anos que não ia àquele aprazível local, de tão belos panoramas.

Mas este ano dei-me ao cuidado de ali subir para mais uma vez — quem sabe, talvez a última! — contemplar as maravilhas da Natureza e não as obras dos homens, porque ali não as há, a não ser aquilo que o saudoso Padre Joaquim Manuel Tavares mandou fazer, quando único mandatário do Santuário.

Tive ali um encontro com um velho amigo de infância que já há anos não via, por sua ausência. Fui encontrá-lo como pasmado a contemplar as velhas obras em ruínas.

Depois dos cumprimentos habituais de velhos amigos que se não viam há anos, começou este bom amigo a fazer-me algumas perguntas sobre a actual Comissão e da aplicação do rendimento da Senhora da Saúde.

Dizia ele:

— Estive aqui, se não estou em erro, há 16 anos e, segundo me parece, no último ano em que fez parte na administração dos bens da Santa o saudoso Padre Joaquim, com quem falei por largo tempo, tendo-me dito aquele bom amigo que seria o último ano que ali ia tratar dos assuntos de Nossa Senhora da Saúde, pois as forças e a saúde já não lhe permitam andar por ali.

«Mas dizia ele que ficava confiado que tudo aquilo continuaria a seguir em bom ritmo; ia cair em mãos de gente que não deixaria ir por terra tudo quanto ali se tinha feito, porque tudo tinha custado muito dinheiro, pois todos os materiais ali aplicados tinham sido transportados por espinhosos caminhos.

Dizia-me o amigo, com triste exclamação:

— Pobre Padre Joaquim! Como te enganaste!

Depois de uma longa conversa e um passeio pelo arraial, sentando-nos aqui e ali, afastados do bulício, dizia-me o velho amigo:

— Olha para aqueles muros, para aquele lago! Tudo desmoronado! Parece não haver ninguém para olhar por isto! Que faz a comissão, desde há 15 anos, aos rendimentos?

— Disse-lhe eu:

— Olha! Não viste ainda a capela por dentro; este ano foi pintada.

Uma risada de desdém sai dos lábios do amigo.

— Pintaram a capela... diz ele. Há 15 anos a receber talvez alguns cem contos por ano e dizer que pintaram a capela!... Isso o que é?

— ... Também parece que já compraram umas courelitas, para o alargamento do arraial e fizeram essa estrada que vês aí em baixo, e alcatroada. Como vês, é uma coisa boa...

— Ou tu me estás a querer deitar terra nos olhos ou não sabes nada.

Corei de vergonha ao ouvir isto.

— ... Então não sabes que quem deu o dinheiro para a estrada foi o Estado?! Cálculas que pelo facto de eu estar ausente, não ando a par destas coisas?

«A nossa terra é uma das mais atrasadas do país; nunca se vê nos jornais diários, nem no da terra, a inauguração de um melhoramento de destaque.

«Alguns membros da actual Comissão da Senhora da Saúde ou que dela já fizeram parte, diziam, no tempo do saudoso Padre Joaquim, que ele vinha buscar o dinheiro da Santa para fazer obras para deixar aos sobrinhos, mas agora é que se têm visto as obras dele e as dos outros.

— Não, esta gente é digna de toda a confiança!

— Sim; dizes que são de confiança, mas nada de mandar aqui fazer alguma coisa que se veja. Ora assim, como se pode compreender?

Então têm muito dinheiro em depósito?

— Sim, devem ter; talvez mais de mil contos!

— Não sei; como sabes, em tudo se gasta muito dinheiro.

— Nas festas gastam pouco.

— Ainda gastam...

— Em quê? Na ornamentação? Na iluminação? No fogo? No arranjo do arraial? Há para aí buracos por todos os cantos...

Com uma pergunta ríspida e nervosa, repete-me:

— Em quê? Diz-me: tu pareces-me fazer parte da Comissão...

— Não, mas as músicas, o fogo, embora pouco e de fraca qualidade, tudo custa dinheiro. Sustentar essa gente por aí e pagar uns poucos de dias, isto, como sabes, é ou deve ser bem pago. Não é o preço de qualquer artista que trabalha oito horas. Isto aqui principia-se de madrugada e vai até às tantas da noite.

«Eu até já ouvi dizer que o rendimento mal chega para a festa e para a conservação do que o Padre Joaquim fez...

À medida que eu ia explicando isto ao amigo, via-lhe os nervos encrespando-se-lhe. O que estávamos era sentados num local um pouco afastados do movimento que no arraial reinava, e não estava ninguém a observar-nos, porque, senão, diriam que estávamos zangados...

— Então — dizia-me com razão o amigo — e o Padre Joaquim como é que fez e conservou tudo e ainda fez casas para sobrinhos?...

Disse-me o amigo que eu estava mal informado, que as obras que se tinham feito na Igreja tinham sido com dinheiro que tinha vindo da Senhora da Saúde, ao que eu tive de retorquir que não, que essas obras são feitas à custa do povo da freguesia. Este velho amigo sentia mais a falta de obras ali, que os que daqui não têm saído.

A nossa conversa prolongou-se por muitas horas, e sobre vários assuntos referentes à nossa querida terra, de que o amigo muito falava com saudades do passado e por tudo se encontrar como nos tempos em que daqui saiu, ainda jovem, e hoje, como eu, velho, e tudo no mesmo pé de atraso.

Um assinante

ENTREVISTA COM O DIRECTOR DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA SAUDE DA SERRA

Para complemento dos factos narrados nas crónicas precedentes, impunha-se-me a necessidade de ouvir o actual director da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, Senhor Rev. Padre João Martins das Neves, também muito digno pároco da freguesia e vigário da Vara.

Pedida a entrevista, amàvelmente fui recebido na sua residência e exposta a minha pretensão, embora o assunto a tratar, de momento, fosse de surpresa, ponderou um pouco e retirou da estante que lhe ficava à mão uma pasta de arquivo.

Previ serem os documentos comprovativos e fiz a pergunta:

— *Na ordem dos conceitos sobre as coisas da Senhora da Saúde, como é do conhecimento de V. Rev., o período de 1945 a 1967 tem sido muito criticado. Haverá ou não razão para tão desfavorável crítica?*

— Na realidade há alguma. Mas convém não esquecer que, quase sempre acontece, os que menos dão e menos trabalham são os que mais censuram...

— *Quantos anos esteve o Senhor Emídio Gonçalves na presidência da*

Irmandade e quais as obras realizadas em benefício do Santuário e do local durante o seu mandato?

— Quase 17 anos. Abriu-se a estrada que ainda hoje serve o Santuário desde a Decide ao alto da romaria; adquiriu-se o prédio conhecido por «Casa da Comissão» com o terreno anexo, plantado de cedros por detrás dela, comprou-se uma escada de ferro para a torre, a fim de haver acesso fácil ao coro; para o mesmo fim colocou-se o pátio de cimento que está por detrás da torre; dotou-se a torre dum pára-raios; adquiriram-se 2 altares laterais, em madeira, para o Santuário, com algumas das suas imagens. Canalizou-se a água para o Santuário e para a casa da irmandade; adquiriram-se alguns terrenos para a irmandade, cujo valor já me não recordo.

— *Em que ano tomou conta V. Rev. na direcção da Irmandade?*

— Em Junho de 1945.

— *Sob a direcção de V. Rev. que obras foram levadas a efeito e qual o seu valor?*

— Desde 1962 a Irmandade dispôs, provisòriamente dum hectare de terreno para estacionamento de carros; aumentou para o dobro a casa da irmandade; adquiriu, a muito custo, terrenos vizinhos no montante de quase 90 mil escudos; em 1964, no mês de Novembro contratou com o Arquitecto Mário Borges de Araújo, do Porto, um anteprojecto do arranjo do local da Senhora da Saúde o qual foi aprovado oficialmente este ano em 18 de Julho e pelo qual pagou ao mesmo arquitecto a «bagatela» de 70.000$00; dotou o Santuário de luz eléctrica; colocou uma Cruz luminosa no vértice da torre, na importância de 30 mil escudos.

— *Agora, que o anteprojecto para o parque foi aprovado, qual a primeira obra a realizar?*

— Arruamentos para carros e peões. O levantamento destes arruamentos já foi entregue ao Engenheiro Delgado, de Pindelo; esperamos passar à execução na próxima primavera, para que na ocasião da festa do próximo ano já esteja ao menos alguma coisa começada.

— *Visto que no anteprojecto existe a construção de uma pousada, qual a estrutura da mesma em aposentos ou ainda depende do plano que lhe queiram dar?*

— A Pousada, como outras instalações lá previstas ou a prever, requerem projecto para cada uma.

— *Qual foi a sensação que o Senhor Ministro do Interior manifestou ao visitar o local em Abril de 1963?*

— Sem dúvida, agradável e aconselhou logo ouvir um arquitecto paisagista, o que de facto se fez.

— *A despesa com a festa, capelania, conservação do templo, etc., a quanto vai por ano?*

— 91.367$20 o ano p. passado.

— *No orçamento das despesas entra em conta alguma verba para propaganda da festa e do local?*

— A dos cartazes.

— *É uso, em festas de nomeada, fazer propaganda na Rádio e na Imprensa.*

Porém, quanto à nossa Senhora da Saúde da Serra, essa grandiosa honra não existe. Qual é o motivo da falta de propaganda?

— De facto pouca propaganda se tem feito: mas é defeito que se corrigirá.

— *O número de irmãos aderentes à Irmandade tem aumentado ou mantem-se estacionário?*

— Estacionário.

— *Podem fazer parte da direcção da Irmandade os irmãos residentes fora da freguesia?*

— Podem, mas nada aconselha tal procedimento.

— *Tem vindo alguma verba dos rendimentos da Senhora da Saúde para as obras da Igreja?*

— Toda a freguesia o sabe: pelo menos 76 mil escudos, por várias vezes e aproximadamente uns 50 em melhoramentos da residência paroquial, melhoramentos que são *«para ficar»*.

— *E para obras de caridade?*

— Alguns contos também já se gastaram do cofre da Senhora da Saúde nos géneros das «Caritas» durante alguns anos.

— *Desde que o saudoso Rev. Padre Joaquim Manuel Tavares entregou o mandato da Irmandade, em 1944, não mais se teve conhecimento a quanto monta o rendimento anual da Senhora da Saúde. Não será possível V. Rev. dizer alguma coisa sobre esta particularidade?*

— Este ano de 1967 o rendimento global da romaria foi de 125.066$50.

— *Levando em conta receitas e despesas, V. Rev. não tem elementos por onde possa dizer a quanto monta o saldo que a irmandade tem em cofre?*

— O saldo actualmente existente anda à volta de 400 contos.

— *No prosseguimento do plano das obras a realizar V. Rev. não tem algo de novo a dizer?*

— Alguma coisa se poderia acrescentar, mas é preferível trabalhar sem alarde e fazer o que estiver ao nosso alcance. Para estes trabalhos e outros parecidos só servem homens que estejam resolvidos a fazer sacrifício da sua paciência e do seu tempo, da sua saúde e da sua bolsa, e não de pessoas dadas a vaidades. Os vaidosos, regra geral, não valem nenhum...

*

* *

(Houve perguntas que ficaram sem resposta, por os elementos para o assunto perguntado se encontrar nos arquivos da irmandade em poder do tesoureiro, Quanto a comentários, se há razão para o fazer, ficam ao critério do leitor).

ELECTRO-RÁDIO e T. V.

CAMBRENSE

Rua Prior da Lapa, 61

«Largo do Jardim»

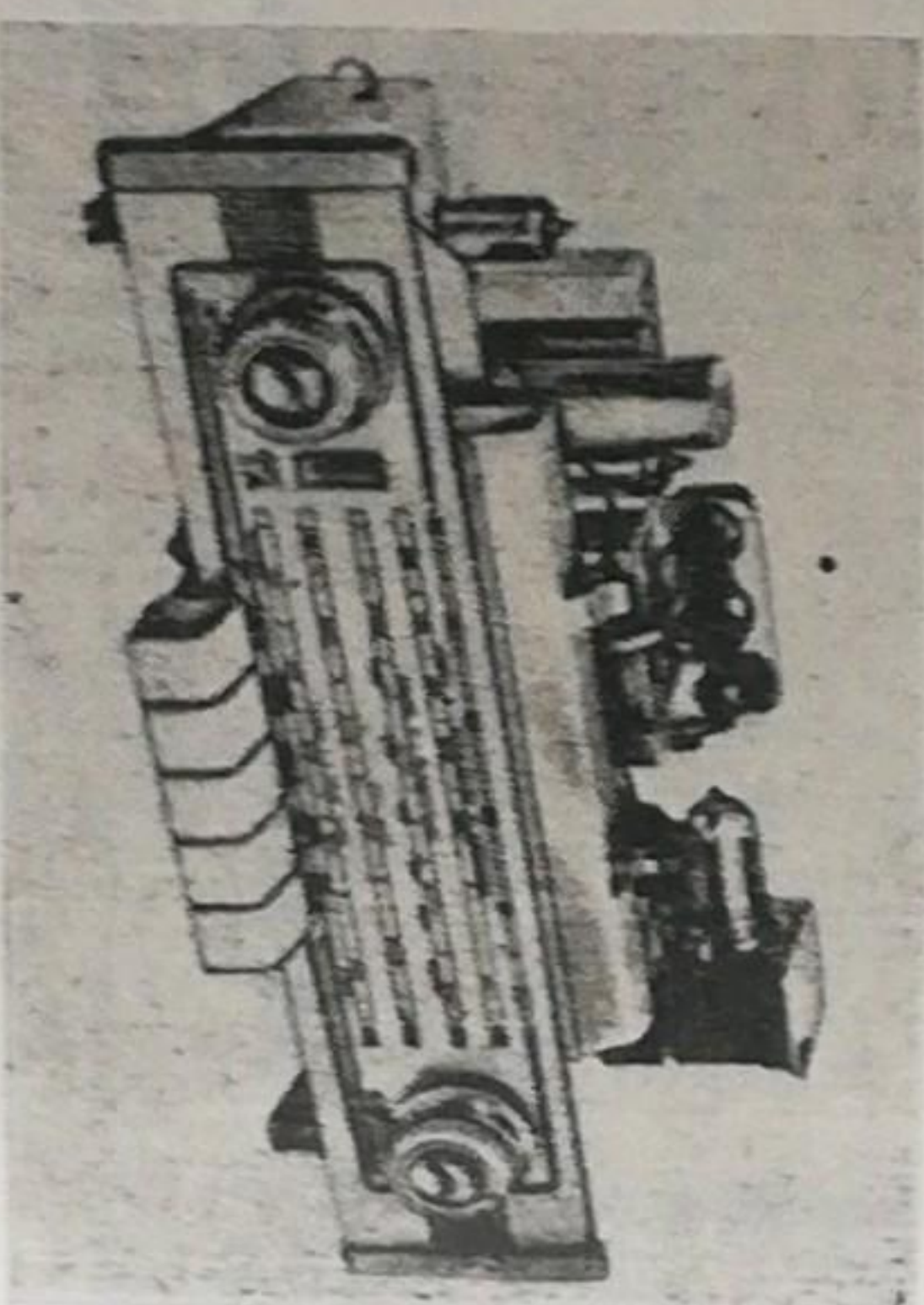
Telefone, 42158 (P. F.)

REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

EM RÁDIOS

e

TELEVISORES

Serviços perfeitos com material de 1.ª qualidade

SECÇÃO DE BOBINAGENS
DE
MOTORES ELÉCTRICOS

TÉCNICO ESPECIALIZADO

Agostinho Martins de Pinho

VALE DE CAMBRA

FOTOGRAFIA CENTRAL

de — *Manuel Tavares de Sousa*

Retratos Artísticos, Esmaltes, Ampliações, Máquinas, Rolos e Reportagens.

TRABALHOS DE AMADOR

Telefone, 42165 — Vale de Cambra

ALFAIATARIA PINHO

Fazendas Nacionais e Estrangeiras

— Fatos para homem, Senhora e Criança —

Fernando Gomes de Pinho

Telefone, 42324 (P. F.) VALE DE CAMBRA

TALHO MODERNO

Especialidade em enchidos da região

Vitela, Vaca, cabrito e carneiro

Arlindo Soares Gomes

R. DR. DOMINGOS A. BRANDÃO, 142

Telefone, 42323 VALE DE CAMBRA

CASA COMERCIAL

ALBINO TAVARES DE SOUSA

Mercearia, Comidas, Bebidas e Tabacos

Esteios para ramadas

Telefone, 42293 Vale de Cambra

FIM DE SEMANA EM VALE DE CAMBRA

O ilustre jornalista Daniel Constant, aufacioso investigador das belezas de Portugal e da culinária regional, na sua sábia colaboração, exclusiva para «O Primeiro de Janeiro», no dia 19 de Junho de 1953, entre outras coisas, diz:

Chegado a Vale de Cambra, à longa praça ajardinada em cujo fundo está o edifício dos Paços do Concelho, repare no aspecto desenxovalhado e limpo do local; cafés, esplanadas e um ar agradável de progresso. No final da praça siga pela estrada de S. Pedro do Sul... Depois da aldeia de Santa Cruz há-de ver à sua esquerda a sinalização da Barragem Duarte Pacheco; o caminho não está em bom estado (presentemente está melhor) mas, sem pressa, com atenção, pode descê-lo afoitamente... É este um dos locais

Barragem Duarte Pacheco

desconhecidos do turismo português; a profunda lagoa azul, o vasto e tranquilo leito do Caima, as ribas arborizadas, as encostas da serra, a luxuriante vegetação e a suavidade são coisas maravilhosas que é preciso agradecer a Deus. Se é bom nadador, aí tem uma vastíssima piscina; caso contrário não se arrisque, pois aquilo é muito fundo.

Agora... prepare-se para continuar. Desça a Vale de Cambra e a meio da praça, à esquerda, siga pela avenida que é o início da estrada para Sever do Vouga; está óptimamente asfaltada até onde o vamos levar, num percurso de 8 quilómetros. Atravessamos várzea verdejante, alcançamos o casario de Castelões e começamos a subir para o planalto de Gestoso. Dentro em pouco a estrada, coleante, permite-lhe admirar, leitor, um soberbo panorama do vale que até aqui desconhecia. Vá ganhando altitude e pare de onde a onde para sossegadamente admirar a empolgante paisagem. Antes da estrada se desviar para atingir o planalto, (a) o que fàcilmente percebe, volte a parar pois está no melhor ponto para abranger a vastidão do quadro. Quantas freguesias, quantos povoados e quantos campos e leirinhas estão debaixo dos seus olhos! Acolá, a poente, é a Serra de Lordelo e a colina de Baralhas. A meio do vale, a grande mancha de casario é o Vale de Cambra; aquela verdura e aqueles campos são de Burgães.

Perto de si o vale estreita mas ganha ainda mais beleza; acabou a planície e as culturas vão subindo de socalco em socalco, de geio em geio. Aqui é Vale de Lobo, já alcandorado na encosta; ali é a quinta da Costa Boa e mais longe, dominando o casario dum povoado, é a velha casa dos Viscondes de Baçar. Como isto é belo! Entre as estradas

(a) Actualmente tem miradouro público.

da montanha reputamos esta uma das mais belas de Portugal; a subida, desde Vale de Cambra, lembra por vezes a estrada de Gouveia para as Penhas Douradas, mas a que percorremos tem o encanto da montanha arborizada.

Alcançando o planalto de Gestoso faz-se um pequeno desvio para atingir o templo da Senhora da Saúde que se ergue num local maravilhoso, com soutos frescos e sombrios, carvalhos seculares e cedros de bom porte. Um sítio de sonho na doce paz da montanha!

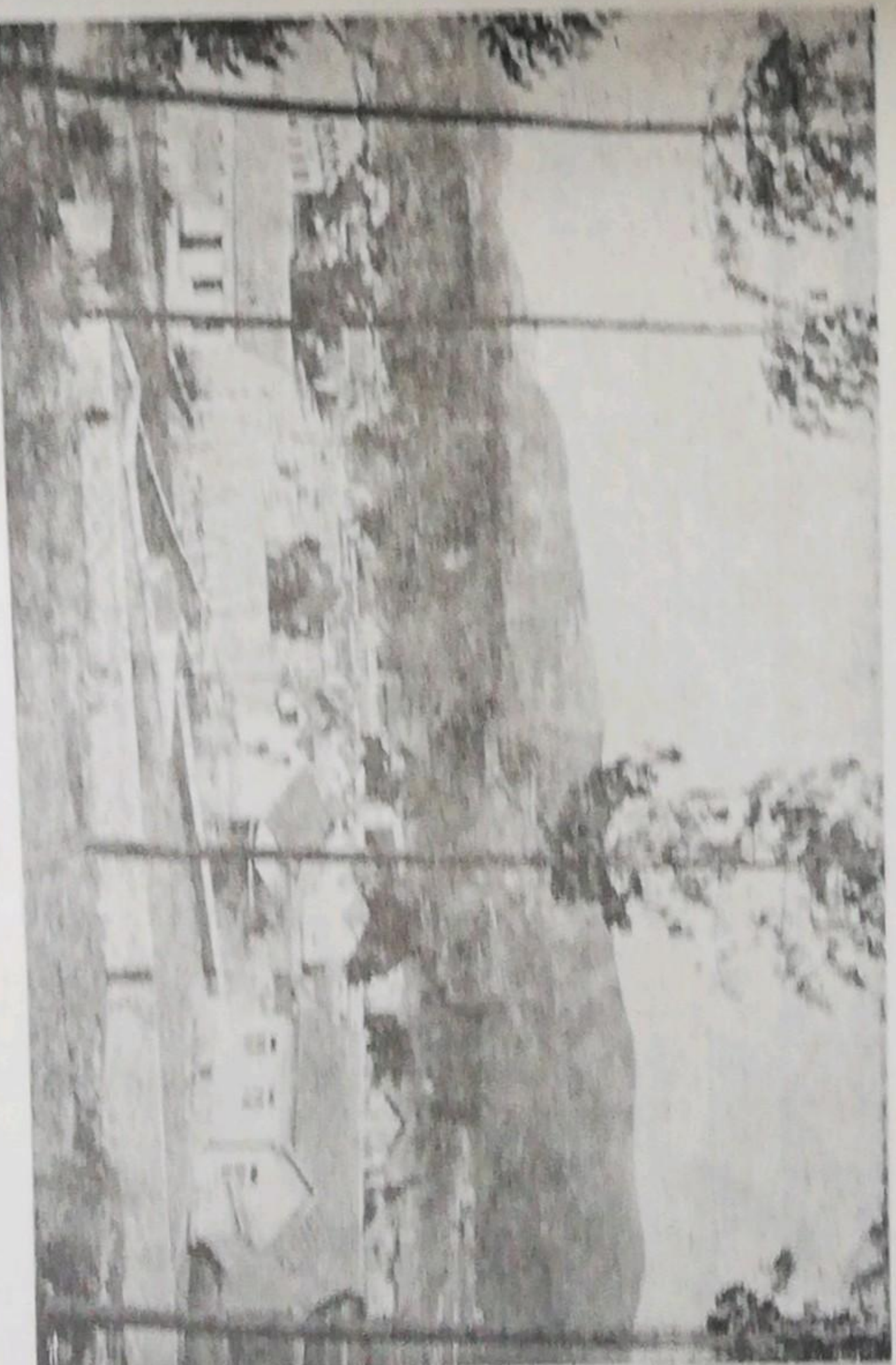
Suba um pouco a colina e veja o que daqui se abrange: toda a ria desde Ovar à Costa Nova; S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Estarreja, montes de Agueda, as Talhadas, Serra da Boa Viagem, o Arestal, o vale de Ossela, o vale de Lafões e ao longe, de norte a sul, a vastidão azul do mar, tudo isto parece estar ao alcance da sua mão. Respire com prazer o ar das alturas e grite a plenos pulmões a doida alegria de viver...

«CIDADES E VILAS DE PORTUGAL»
Em número dedicado ao Vale de Cambra, publicado em Fevereiro de 1957, abre o texto a oração que transcrevemos :

VALE DE CAMBRA

Não são muitas as vezes, mas algumas há em que o escritor não encontra suficientes palavras para descrever o que vê. Então fala o espírito maravilhado pelos óculos da sua retina : os olhos, que num êxtase místico pousam em tudo, incrédulos de uma beleza que nunca supuseram poder existir na terra. É o caso de Vale de Cambra. Vale enorme, florão gigantesco, não sabemos como a Natureza algumas vezes pode ter tido tão sublime capricho de criação. Ai !... este vale, quem nos dera poder levá-lo na mão, pô-lo na alma como ermida da devoção que temos pelo belo, tê-lo onde o nosso olhar se pudesse pôr todos os dias, como o sol no poente ! Ai !... este vale, quem não desejaria ser coração a pulsar desordenadamente no seu corpo de verdura e não morrer nunca, ser eterno como a lei que o criou ! Vem, poeta, deixa a tua tebaida de cismador solitário e contempla, deste alto de Baralhas, toda a vastidão imensa desta bacia que um outro poeta sonhou, que um outro poeta fez. Só tu na verdade és capaz de ter um peito onde caiba tanto encanto, onde caiba, no teu vale de inspiração, este Vale de Cambra.

Passar através deste alto, de olhar despreocupado, sem sentir, sem viver até, a fascinação que vem lá do fundo, sem escutar os acordes da sua sinfonia feita de mil verdes, é como ser crente sem saber rezar, é como um rezar sem ser de crença. Ajoelha, viajante, ajoelha se passares aqui, como diante do templo que alguém fez para tua fé. Ajoelha e reza o credo dos sonhadores, dos que desejariam que o mundo fosse realmente um templo com versos por orações, com o chilrear das aves como salmos, com altares, com muitos altares, mas onde cada altar fosse um vale e o altar-mor este Vale de Cambra. Ajoelha, escuta ! Ajoelha porque só de joelhos se pode entrar num reino de beleza como este.

A povoação de Gandra, hoje sede do concelho de Vale de Cambra, em 1910 ou 1912.

Outro aspecto da Gandra em 1921 ou 1922.

PUBLICIDADE

Os anúncios espalhados nas páginas deste opúsculo, por modestos que sejam, são a confirmação do crédito e competência que os seus anunciantes gozam; pois, sem dúvida alguma, no presente, são as casas que melhor e mais conscientemente servem os seus clientes, tanto no ramo comercial como no sector industrial. As oficinas de reparações, são também as que merecem maior conceito profissional.

Agradecimento e Desculpa

As individualidades particulares que se dignaram colaborar comigo, e as firmas que me auxiliaram com anúncios, deram prova de bairrismo e amor pelas coisas da nossa terra. A todos, com muito respeito, aqui lhes deixo os meus sinceros agradecimentos, muito particularmente aos Reverendos Párocos das freguesias a quem dei incómodo. Das transcrições sem permissão de seus autores, e aos comerciantes e industriais a quem não permiti conhecimento do meu trabalho, peço muita desculpa.

ELUCIDAÇÃO ÚTIL

O concelho de Vale de Cambra, há pouco tempo ainda era de 3.ª classe, presentemente é de 2.ª. Faz parte da comarca de Oliveira de Azemeis, distrito de Aveiro, província da Beira Litoral, relação e bispado do Porto, excepto as freguesias de Junqueira e Arões que, no eclesiástico, são da diocese de Viseu.

As estações do caminho de ferro mais próximas, no Vale do Vouga, são: Oliveira de Azemeis e S. João da Madeira, a 12 quilómetros. Duas empresas de transportes colectivos, com diversos horários ascendentes e descendentes, ligam diàriamente a sede do concelho às vilas vizinhas e capitais dos distritos de Aveiro, Porto e Viseu.

Tem Estação dos C. T. T. com serviço de vales declarados, encomendas postais, cobrança de títulos, letras e vales. O serviço telégrafo-postal e telefónico está ligado à rede de S. João da Madeira. O telefone é automático e permanente. A distribuição da correspondência está dividida em giros que abrange a maioria das povoações do concelho e algumas terras vizinhas. É chefe da estação, há mais de 25 anos, o Senhor Evaristo de Almeida, muito digno funcionário.

A C. P. tem uma Central no centro da vila que recebe e despacha mercadorias, em grande e pequena velocidade, para qualquer ponto do país.

Tem Grémio de Lavoura e uma Delegação Vitivínicola da Região dos Vinhos Verdes. É gerente do Grémio e da Delegação o Senhor Agostinho Soares Pinheiro e Silva.

Existe um Posto da Guarda Nacional Republicana, com 7 praças comandado, presentemente, pelo 1.º cabo, Senhor Ernesto Orfão Terras.

Há uma Agência Bancária com serviço de câmbios, e vários correspondentes de bancos e companhias de seguros.

A Delegação da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, está instalada na Repartição de Finanças e é chefe da Delegação o Senhor Carlos Humberto Felgueiras Machado, tesoureiro o Senhor Antero Meneses Gandra, funcionário o Senhor Alcindo Soares de Pinho.

A Conservatória do Registo Civil está instalada no edifício dos Paços do concelho e é conservador o Ex.mo Senhor Dr. Artur Correia Barbosa, ajudante o Senhor Humberto de Almeida Guerra.

O Cartório Notarial funciona em prédio particular e é tabelião o Senhor Dr. António José Tavares Prado de Castro, e ajudante o Senhor Alberto Henriques de Pinho.

A Delegação clínica das Caixas de Previdência e os consultórios médicos estão instalados no centro da vila.

JACINTO SOARES

— EMPREITEIRO DE OBRAS —

Executa todos os trabalhos de Construção Civil

Telefone, 42241 — MOURIO DE CASTELÕES — VALE DE CAMBRA

ALFAIATARIA PROGRESSO

— *António Tavares da Costa* —

Completo Sortido de Fazendas de Lã e Algodão Nacionais e Estrangeiras
Execução perfeita em Fatos para Homem, Senhora e Criança.

Avenida Camilo de Matos
VALE DE CAMBRA

Angelo Henriques de Oliveira

Mercearia
Vinhos
Comidas

Telefone, 42320

Vale de Cambra

António da Costa Lamego

Oficina de Pintura em Automóveis

VALE DE CAMBRA

Henrique Dias Ferreira

Compra e venda de Camiões e Automóveis para a Sucata

Agente de Recauchutagem

Venda de Pneus novos nacionais e estrangeiros

Telefone, 42386 — Residência 42312

VALE DE CAMBRA

PENSÃO BASTOS

Modernas Instalações, Mercearia Fina, Tabacos, Champanhe e Vinhos Finos. — Vinho Branco e Tinto dos melhores da região.

Constantino de Bastos

Garagem e serviço permanente
— de Automóveis —

Telef. 42113 Vale de Cambra
PORTUGAL

A. M. PINHEIRO

Torrefação e Moagem de Café — Agente de Seguros

Telef. 42296 - PINHEIRO MANSO
Vale de Cambra

Mercearia Fina, Gorduras e Cereais
Fazendas brancas e de Lã, Miudezas

Calçado de Homem Senhora e
— Criança —
Artigos eléctricos de toda a categoria
— Perfumes e artigos Hortícolas —

Agência de Viagens e Turismo

Gomes & Coutinho, Lda.

PASSAGENS AÉREAS, MARÍTIMAS E TERRESTRES

PASSAPORTES

VALE DE CAMBRA

Telefone, 42100

TURISMO
VIAGENS
EXCURSÕES

VISTOS CONSULARES

Adriano Martins de Pinho

Agente da CIDLA

Av. Camilo de Matos, 238
— Telef. 42130 —

Fogões nacionais e estrangeiros, Caloríferos, Esquentadores, etc.

Afinações e reparações em todo o material de queima

Representante dos colchões AÇOFLEX e Agente da Companhia de Seguros ATLAS

VALE DE CAMBRA

Irene S. de Almeida

— COM —

Estabelecimento de mercearia, roupas feitas, malhas e miudezas.

COBREM-SE BOTÕES

VALE DE CAMBRA
Telefone, 42167 (P. F.)

SAPATARIA CAMBRENSE

TAMANCARIA

— Calçado de Homem —
Senhora e Criança

António Henriques de Pinho

Av. Camilo de Matos

VALE DE CAMBRA

Miller

Sociedade Metalo Cambrense, Lda.

Telefone, 42269 - Apart. 16
Telegramas, METALO
Vale de Cambra
(Portugal)

Fábrica de Louças de Alumínio
Artigos para Brindes
Representações

Alfaiataria Silva

de —
António de Almeida e Silva

Av. Camilo de Matos
Vale de Cambra

Completo Sortido de Fazendas Nacionais e Estrangeiras

Maria A. Leite de Almeida

VALE DE CAMBRA
Telef. 42351

Lanifícios, Sedas, Tecidos de Algodão, Cobretores, colchas e — Atoalhados. —

Gravatas, Cache Cols, Lenços, — Malhas, Meias, Peúgas e — — Miudezas. —

CORPORAÇÕES ADMINISTRATIVAS

No precedente quarto de século (anteriormente, ver monografia de «Vale de Cambra») a direcção política-administrativa do concelho tem estado a cargo das pessoas de maior relêvo social.

Em 1944, já era Vice-Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional o Ex.mo Senhor Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida, e, anos depois, com o falecimento do Presidente, Dr. Joaquim António de Seixas, assumiu a presidência e nela se tem mantido com raro brilho e acertado critério.

Ainda no mesmo ano, era Presidente da Câmara o Senhor António Joaquim Borges Ferreira, proprietário; e, de então ao presente, seguiram-se-lhes os Ex.mos Senhores Drs. António Bernardo Coelho, advogado; António Henriques de Almeida, veterinário; Armindo Ferreira de Matos, farmacêutico; António Henriques Tavares de Almeida, médico; Rogério Martins Fernando, advogado; e, actualmente, António José Tavares Prado de Castro, advogado e notário. Individualidades que, pelas suas qualidades dinâmicas e espírito empreendedor, realizaram uma série de melhoramentos que engrandeceram o concelho e contribuiram para melhorar a vida dos seus munícipes. Porém, se algo ficou por fazer, não resta dúvida, a fôrça das circunstâncias e a deficiente receita camarária a tanto obrigaram.

Cada vereação, no desempenho do cargo, tenta fazer o mais e melhor possível; mas, por vezes, o imprevisto detém a marcha das realizações e, consequentemente, vem o descontentamento; quando afinal, desde todos os tempos e em toda a parte, por boa que seja a administração de qualquer concelho, acontece e acontecerá sempre algumas das obras em curso não atingir a pretensão em vista, ficando para mais tarde a sua conclusão.

Dentro dos assuntos concelhios, o Senhor Dr. Emes Ribeiro Martins, chefe da Secretaria Municipal há muitos anos, tem prestado relevante auxílio administrativo às vereações a que tem servido.

Desde há anos bastantes, a presidência do Município tem sido exercida por individualidades filhas do concelho. Porém, agora, com o Senhor Dr. Prado de Castro radicado em Vale de Cambra no cargo de notário, (sua terra natal Oliveira do Bairro, com descendência cambrense) o povo espera das suas nobres virtudes cívicas, morais e lucidez de espírito o delineamento de novas obras e o acabamento das que estão por findar.

É de salientar, também, as qualidades activas e lúcida compreensão do Vice-Presidente, Senhor Delmiro Henriques de Almeida, que, por vezes, tem sido membro da câmara e, pela sua experiência, não deixará de prestar o seu valioso auxílio na tarefa dos trabalhos concelhios.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

A Câmara Municipal, a Comissão Municipal de Assistência e a Conferência de S. Vicente de Paulo, são os organismos que mais assiduamente prestam assistência aos que necessitam. Distribui géneros alimentícios, agasalhos e medicamentos pelas pessoas necessitadas, promove o internamento de doentes pobres nos hospitais de Lisboa, Coimbra, Porto e regionais, conforme a doença de que sofrem.

Os médicos do Partido, Senhores Drs. Abel Augusto Gomes de Almeida e Arnaldo Soares de Pinho, concedem consultas gratuitas aos indigentes e aos pobres mais necessitados. Os médicos de clínica particular, Senhores Drs. António Teixeira da Silva, António Henriques Tavares de Almeida, Abílio António dos Santos Araújo e Adão Pinho da Cruz, também, mercê de sua generosidade humanitária, prestam serviços sem remuneração aos pobres que os solicitam. Há também, na sede do concelho, uma Delegação Clínica das Caixas de Previdência, em que são médicos os Senhores Drs. Abel Augusto Gomes de Almeida e António Henriques Tavares de Almeida que prestam assistência a mais de 5.000 pessoas (beneficiários e familiares) residentes nas freguesias de Castelões, Vila Chã, Codal e Vila Cova do Perrinho. Na

Dr. António Joaquim de Matos

Casa do Povo da freguesia de Macieira de Cambra há uma outra Delegação das Caixas de Previdência a cargo do Senhor Dr. Arnaldo Soares de Pinho, que também, a beneficiários e familiares, presta assistência a mais de 3.000 pessoas, residentes nas freguesias de Macieira, Roge, Capelos, Junqueira e Arões. Ainda sobre clínica das

Caixas de Previdência, existe na sede do concelho um consultório de estomatologia do Senhor Dr. António Júlio Correia Teixeira da Silva. Há também na vila um consultório dentário do Senhor Dr. Manuel Augusto Gomes de Almeida, e uma consulta de crianças do Senhor Dr. Abílio António dos Santos Araújo. Em Macieira de Cambra, na casa que foi Seminário, há um Sanatório-Abrigo conhecido por Casa de Saúde Almeida Pinho, com capacidade de 200 camas e em que são médicos os Senhores Drs. Orlando Martins, Abílio António dos Santos Araújo e D. Maria do Céu Paço de Moura Martins.

De entre estas organizações, que são de reconhecido valor social no meio cambrense, uma outra obra há de premente necessidade a ser realizada : a construção de um hospital Sub-Regional. Para tão filantrópico fim existem dois legados doados pelos saudosos beneméritos Dr. António Joaquim de Matos e Albino Augusto Soares de Albergaria, avaliados em cerca de cinco mil contos. As propriedades estão na posse da Misericórdia local mas, até agora, (e já são decorridos bastantes anos) infelizmente e lastimàvelmente ainda não foram removidas as dificuldades que impedem a construção desta tão desejada e imprescindível obra.

Os rendimentos desses importantes legados estão a ser administrados pela Misericórdia de Vale de Cambra, que já dispõe de verba apreciável para, com a comparticipação do Estado, construir a primeira fase da obra.

Existe um outro legado, também avaliado em cinco mil contos, deixado pelo grande benemérito Luís Bernardo de Almeida, destinado a sustentar um Asilo de inválidos pobres, cuja realização só pode ser posta em prática depois das propriedades passarem à posse da Câmara Municipal, por a viúva do doador ser usufrutuária. [a]

*

* *

Não inserimos a fotografia de Luís Bernardo de Almeida por constar no livro «Vale de Cambra». A de Albino Augusto Soares de Albergaria não existe.

(a) Acabamos de saber que faleceu D. Marinha S. dos Santos Almeida, usufrutuária das propriedades destinadas ao Asilo.

CULTURA e EDUCAÇÃO

O Externato Cambrense começou a funcionar há mais de vinte anos num edifício modesto e com uma frequência reduzida. O ensino então ministrado limitava-se à instrução primária e ao 1.° ciclo dos liceus. De ano para ano, porém, o número de alunos foi crescendo e a Direcção do Externato teve necessidade de procurar outra casa e de alargar o quadro do corpo docente. E assim ao mesmo tempo que fez transferir as suas instalações para um edifício mais amplo, estendeu o ensino ao 2.° ciclo e recrutou mais professores. Os estudantes foram obtendo bons resultados nos exames e a utilidade do Externato tornou-se patente a todos, excepto àqueles que não querem ver.

Decorridos vários anos e em presença de medidas oficiais cada vez mais exigentes com vista à valorização do ensino, a Dig.ma Inspecção Superior do Ensino Particular, aliás com inteira justificação, emitiu o parecer de que as instalações eram incompatíveis com a higiene escolar e rendimento do ensino, além de totalmente desprovidas de conforto. E, em face de tão justo parecer, Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional cancelou o alvará e ordenou o encerramento do Externato.

E foi precisamente nessa difícil conjuntura que o actual proprietário Senhor Dr. Arnaldo Soares de Pinho sem colaboração de ninguém e desprezando todos os riscos inerentes, depois de reprovado um plano de obras tendente à beneficiação das referidas instalações e de rejeitadas outras propostas no mesmo sentido, com o fundamento de que uma solução capaz reclamava a demolição do prédio, se comprometeu, perante o Ex.mo Senhor Inspector Superior do Ensino Particular, a construir um edifício privativo segundo um projecto orientado e aprovado pela mesma Repartição.

Assim nasceu o Externato de Alexandre Herculano por entre uma floresta de pinheiros dotado com salas amplas e bem iluminadas, expostas a sudeste, com capacidade para uma população escolar superior a 400 alunos e, com ele, se assegurou a sobrevivência do ensino liceal nesta vila que, doutro modo, se extinguiria com o Externato Cambrense.

E, apesar da sua modesta frequência, no confronto com outros, já se contam muitos diplomados com cursos médios e superiores que ali receberam instrução até ao 5.° ano e, são em número mais elevado ainda, os que nele concluíram o 2.° ciclo dos liceus e que por dificuldades de ordem económica nunca teriam passado da instrução primária.

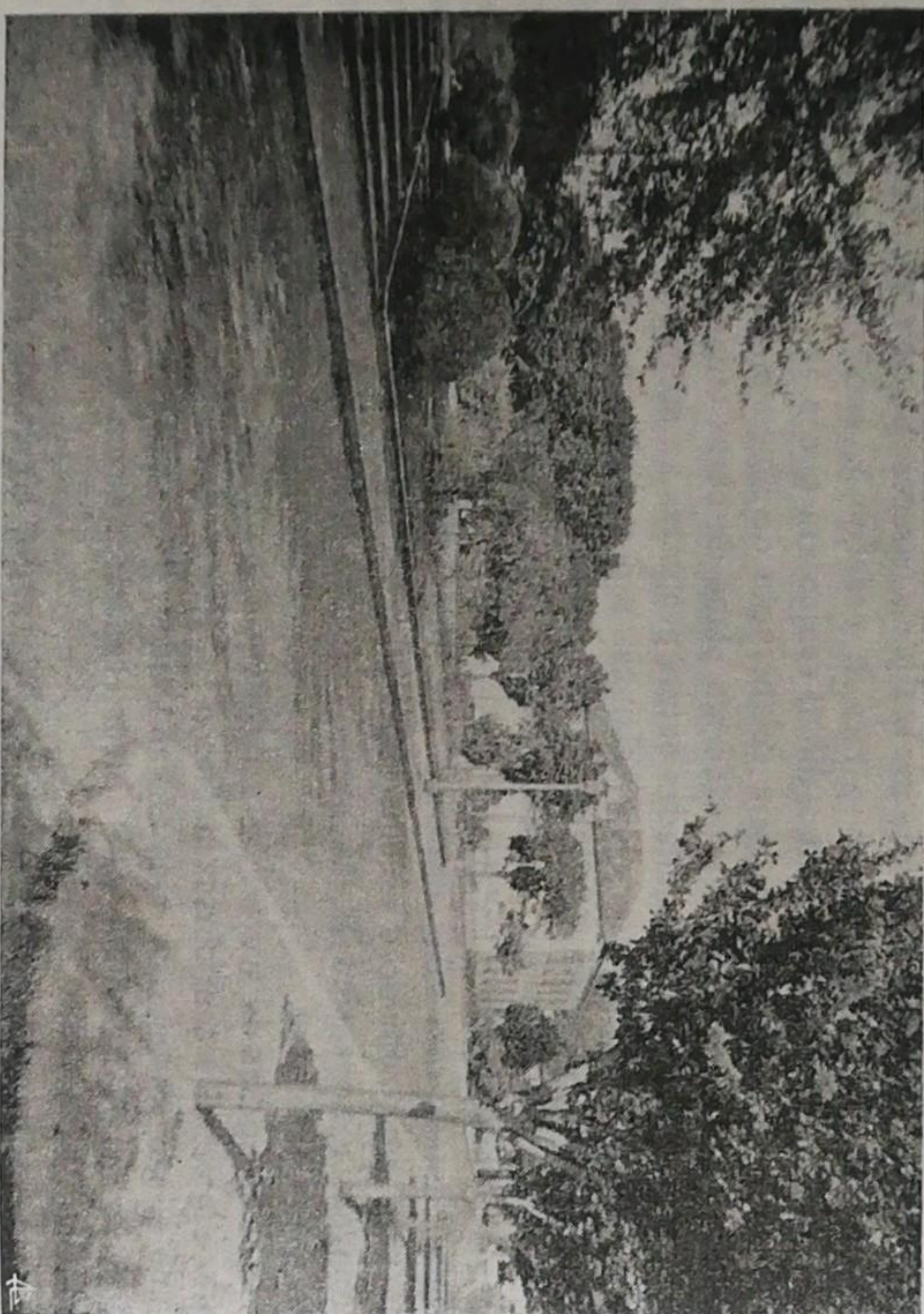
A direcção do Externato de Alexandre Herculano pretende alargar o seu campo de acção ao 3.° ciclo e, para esse efeito, aguarda a publicação da nova reforma do ensino liceal.

Abril de 1968

VALE DE CAMBRA

Urbanização da sede do concelho

De 1926 a 1942, no livro «Vale de Cambra», a páginas 14 e 15, faz-se referência às obras que o Município mandou realizar na sede do concelho e respectivas freguesias. No presente opúsculo, vão ser referidos, apenas, os melhoramentos de maior vulto efectuados no decurso dos anos seguintes, ou seja de 1943 a 1967.

Jardim Público : — Obra de valia, concebida e realizada em moldes modernos no coração da vila. Circundado a boa cantaria que lhe deu graça e muito a valorizou.

O Jardim Público—ao fundo os Paços do Concelho

Escolas Primárias : — Construidas de modernas linhas arquitectónicas, amplas, desafogadas, com vários salões para ensino e cantina anexa, é uma das obras que mais contribui para o engrandecimento da vila.

A compra e a exploração da água e a consequente canalização e abastecimento ao domicílio; o prolongamento da iluminação pública; as instalações sanitárias; o calcetamento dos passeios públicos em alguns locais; a designação toponímica das ruas e respectiva numeração e mais alguns melhoramentos, dão bem ideia do sentido de valorização, sempre crescente, que tem animado os homens do poder camarário.

Particularmente, alguma coisa se tem feito também. Mas não há dúvida de que muito mais se poderia ter realizado se o plano de urbanização, que dizem já delineado, estivesse aprovado. De entre as obras particulares, é justo destacar a construção do edifício destinado a cinema, na Avenida Camilo Tavares de Matos e que o Senhor Gabriel Pinho da Cruz, grande industrial no Brasil e grande amigo da terra que o viu nascer, está a edificar nesta altura.

Realizações em causa : — Ainda no campo das realizações urbanas dentro da vila, efectuadas pelo Município, também é lógico dar a conhecer aos vindouros aquilo que na época presente o povo reclama.

Com isto não quero, de forma alguma, empalidecer as obras realizadas nem obscurecer a mentalidade dos seus promovedores. Única e simplesmente desejo recordar que no ano de 1968 a vila ainda não tem fontenários públicos para abastecer do precioso líquido a população que todos os dias acorre à sede do concelho, muito especialmente nos dias de feira, assim como os excursionistas que na época calmosa visitam a vila.

Também uma breve alusão aos nomes que deram às ruas da vila. Entre os filhos do concelho que mais se distinguiram no bem-fazer humano, apenas foi lembrado o grande benemérito Luís Bernardo de Almeida, natural da freguesia de Macieira de Cambra. Os outros, como o Dr. António Joaquim de Matos e Albino Augusto Soares de Albergaria, e até mesmo, pelo lugar que ocupou, D. Tomaz Gomes de Almeida — Bispo da Guarda, — Padre Mestre do Cabeço e outros, ficaram no olvido. A principal artéria da vila, que durante alguns anos se chamou Avenida dos Combatentes passou a denominar-se Avenida Camilo Tavares de Matos. Sem dúvida alguma que se trata de um filho do concelho merecedor da homenagem. No entanto há quem ponha objecções na mudança de nome.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VALE DE CAMBRA

Esta beneméiria Associação, como consta dos seus estatutos aprovados por Alvará passado pelo Governo Civil de Aveiro, foi fundada em 6 de Janeiro de 1960.

Foram seus fundadores os senhores :

Dr. António Henriques Tavares de Almeida
Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida
Dr. Emes Ribeiro Martins
P.ª Joaquim de Oliveira Maurício
Dr. Martinho Luís de Almeida
Dr. Álvaro Tavares de Matos
Sebastião Fernandes de Almeida
Antero Meneses Gandra
Dr. Armindo Ferreira de Matos
Agostinho Soares Pinheiro e Silva
Delmiro Henriques de Almeida
Evaristo de Almeida

Inscreveram-se bombeiros voluntários 22 homens e as primeiras viaturas foram um pronto socorro e um carro de comando.

O primeiro socorro prestado foi o combate a um fogo na serra de Fuste. De então para cá os seus préstimos têm sido muitos e do mais relevante valor humanitário, prestados na área do concelho e nas terras vizinhas. Presentemente tem 33 bombeiros inscritos no activo e 4 motoristas, com bastante pessoal na escola de aprendizagem. O número de sócios efectivos anda por volta dos mil e com tendência a aumentar. Têm sido feitas várias subscrições a que o público tem correspondido bem.

Quando da sua fundação, o Conselho Nacional do Serviço de Incêndios contribuiu com 100.000$00 para a compra do pronto socorro ; 100.000$00 para a compra do Jeep e mais 20.000$00 para o carroçamento. Houve também várias doações para compra de material de incêndios. Do Governo Civil de Aveiro 30.000$00 e mais 10.000$00 para a compra da ambulância ; do Ministério da Saúde e Assistência 20.000$00 para a compra da ambulância. Teve o oferecimento de uma moto-serra de cadeias e uma de discos feito pela Junta de Colonização Interna. A Legião Portuguesa também forneceu vário material. A Câmara Municipal já ofereceu terreno para ser construido o novo quartel, o projecto está pronto e a construção deve iniciar-se brevemente.

É seu muito digno Comandante o Senhor Dr. Armindo Ferreira de Matos, que sempre tem trabalhado em prol da Associação e não se cansa de comparecer onde se torna necessária a sua presença.

O Ilustre cambrense Senhor Joaquim de Almeida, conceituado Presidente da Direcção associativa, fez publicar no «Jornal de Cambra», de 15 de Abril de 1968, o

relatório de contas da Associação referente ao ano de 1967, do qual transcrevemos apenas o seguinte :

RECEITA	
Saldo que transitou de 1966	175.302$80
Outras receitas	149.415$70
	324.718$50
DESPESAS	
Diversas	166.364$50
Saldo que transita para 1968	158.354$00
	324.718$50

A Direcção tem andado a angariar fundos para a construção do quartel, e, logo nos primeiros impulsos, a subscrição atingiu 463.000$00

Abriu a subscrição o presidente da Direcção, Senhor Joaquim de Almeida com 100 contos.

BEM HAJAM TODOS QUANTOS CONTRIBUI PARA O ENGRANDECIMENTO DA TÃO BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO.

BANDAS DE MÚSICA NO CONCELHO DE VALE DE CAMBRA

Em 1873, na sede do concelho, então, Macieira de Cambra, foi fundada a Banda de Música de Macieira de Cambra. Foram seus fundadores : Padre Manuel Tavares de Paiva, natural de Tajim ; Padre Manuel Tavares de Amorim, pároco da freguesia de Roge e Manuel Correia Vaz de Aguiar, natural da sede do concelho. Foram seus impulsionadores :

Isaias de Almeida Vide
Luís Bernardo de Almeida
Alberto de Almeida Cruz
Vasco Ernâni da Graça Branco

Conquistou fama entre as melhores da região e manteve-se até há poucos anos.

*
* *

Em 11 de Setembro de 1898, com o nome Flor da Mocidade Junqueirense, foi criada a Banda de Música que ainda hoje existe e é conhecida por Música de Junqueira. Teve seu berço na Calvela e por padrinho o Rev. Padre Domingos Tavares da Silva, natural do mesmo lugar. A sua primeira exibição em público fez-se em Abril de 1899. Teve a sua primeira sede na Calvela ; em 1921 foi transferida para Junqueira de Baixo e em 1943 passou para Junqueira de Cima onde actualmente funciona em edifício próprio — seu legítimo património. Foi seu regente e grande impulsionador, durante longos anos, o Senhor Manuel Marques, do lugar de Pontemieiro, desta freguesia. Pràticamente, tem 70 anos de vida e mantém o vigor dos primeiros anos. A sua capacidade musical goza de larga fama e, por conseguinte, engrandece a freguesia de Junqueira e eleva o nome de Vale de Cambra.

*
* *

Entre os anos 1898 e 1900, na povoação da Gandra — hoje Vale de Cambra, foi fundada uma Tuna com o nome de TUNA DA GANDRA.

Foi seu fundador o Senhor Manuel Gomes da Costa, natural de S. Tiago, Oliveira de Azemeis, que nessa data veio prestar serviços na Farmácia do Senhor Camilo de Matos. Foram seus executantes : — Manuel Soares Albergaria, da Povoa ; Alfredo Correia Fuste (galinha), José de Pinho (terezo), Ernesto Tavares de Almeida, José Maria, da Corredoura ; Joaquim Soares, José Moreira e Manuel Gomes da Costa que foi o seu primeiro ensaiador e regente. Foi seu segundo regente Artur Tavares de Pinho, que era, também, o autor de todos os números executados pela tuna. Durou cerca de oito anos.

*
* *

A colectividade musical que hoje tem o nome de «BANDA DE MÚSICA DE VALE DE CAMBRA» foi fundada em 1913 com o nome de — Sociedade Recreativa Beneficente. Foram seus fundadores os Senhores :

Francisco Tavares de Almeida
Manuel Luís de Almeida
António Henriques de Almeida
José Moreira
Manuel Borgia
Domingos Tavares de Almeida (da Russa)
António de Almeida Caniço
Joaquim de Almeida
José Lameira, e outros.

Foi causa próxima da fundação da Banda de Vale de Cambra a mudança da casa dos ensaios da Banda de Macieira de Cambra que era na Varziel e passou para a Praça de Macieira, da qual eram executantes os indivíduos citados.

Suscitados por adeptos da Gandra, os senhores Francisco Tavares de Almeida, Manuel Tavares de Pinho e José Moreira, lançaram a ideia da fundação de uma Banda de Música na Gandra.

Pensá-lo e abeirar-se de pessoas que pelos seus teres e boa vontade podessem ajudar a nova Banda, foi obra de momento.

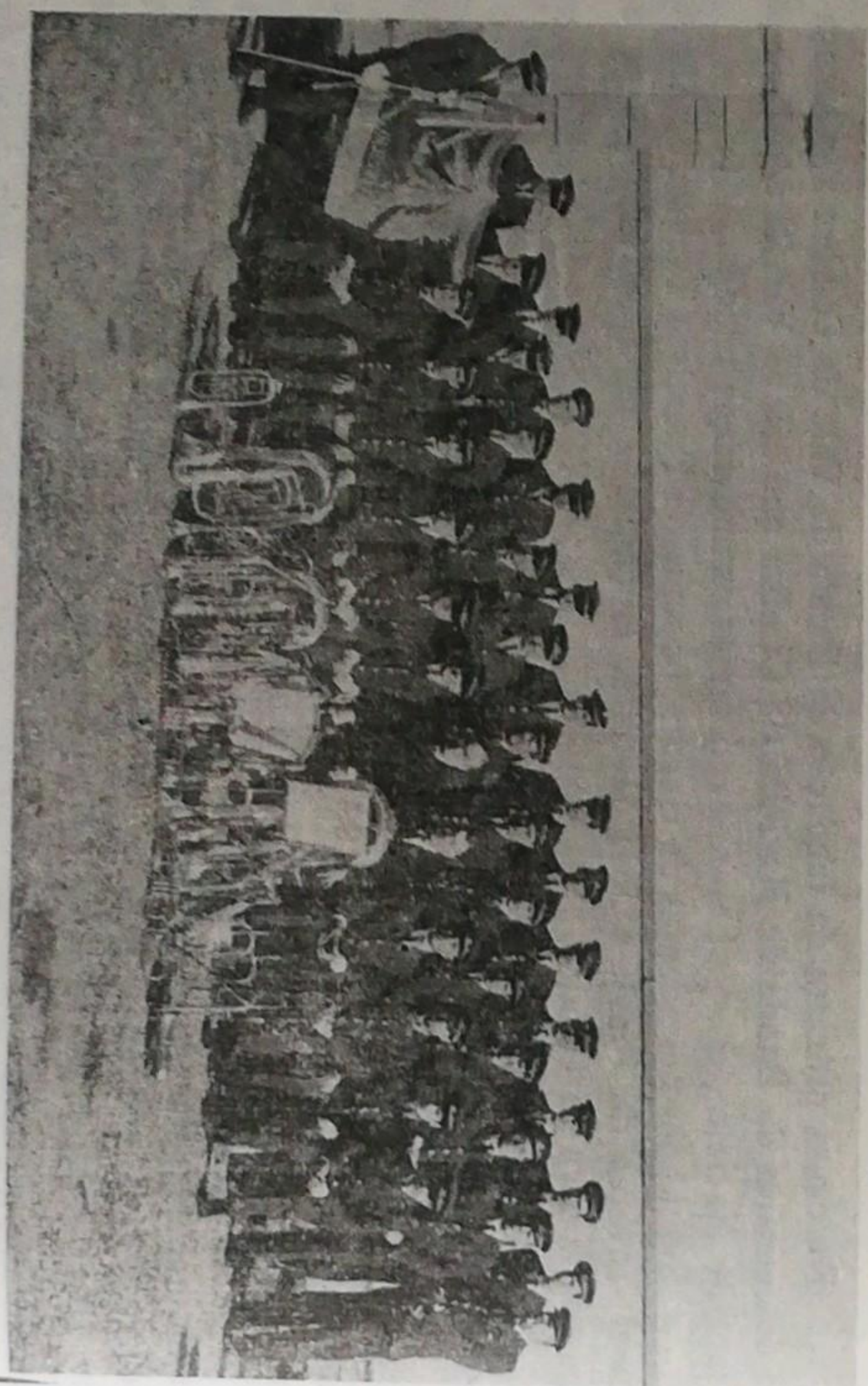
Assim, abeiraram-se dos Senhores Camilo Tavares de Matos, Padre Joaquim Manuel Tavares, Joaquim Henriques Tavares de Bastos, Abílio Pina, Manuel de Almeida Martins e outros. A iniciativa foi bem acolhida e passados poucos dias chegava à Gandra, hoje Vale de Cambra, o instrumental para a nova Banda.

A princípio a Banda não tinha qualquer direcção. Havia apenas, uma pessoa encarregada de pagar mensalmente ao regente. Quem primeiro disso ficou encarregado foi Manuel Tavares de Pinho, do Pinheiro Manso. Seguiu-se-lhe o Rev. Dr. Domingos de Almeida Brandão e, depois, o Rev. Padre Manuel de Almeida Oliveira.

Ao falar de Padre Manuel de Almeida Oliveira não se pode deixar de lhe prestar a devida homenagem, afirmando, bem alto, que ele foi o maior Amigo, o maior benemérito e o maior impulsionador da Banda de Vale de Cambra. Quando alquebrado, receando que a Banda que tanto estimava e por quem tantos sacrifícios fazia viesse a sofrer qualquer baixa no seu nível artístico, convidou um grupo de indivíduos para constituirem uma direcção que outro fim não tinha senão o de a auxiliar. Essa primeira direcção era constituida por : Padre Manuel de Almeida Oliveira, Dr. Armindo Ferreira de Matos, Delmiro Henriques de Almeida, Américo de Almeida Freitas e Evaristo de Almeida.

Padre Manuel de Almeida Oliveira, como membro da direcção, era também seu director eclesiástico. Quando faleceu, e porque o Bispo do Porto exigia que a Banda tivesse um director eclesiástico, foi escolhido o Rev. Padre Joaquim de Oliveira Maurício para ocupar o lugar, que se não estámos em erro ainda continua no cargo.

As individualidades que têm feito parte da direcção, e as que actualmente desempenham essa missão, não se têm poupado a esforços para manter o elevado nível artístico da Banda; colocando-a assim no plano das melhores do país. É de salientar que, nos concursos a que tem concorrido, a sua classificação tem sido sempre das primeiras. O seu conjunto musical, em número nunca inferior a 30 executantes, apresenta-se com simpático aprumo e os seus concertos conquistam fama, elevando o nome de Vale de Cambra.

É também de salientar o estímulo que o Senhor António de Almeida, grande industrial e gerente da firma Almeida & Freitas, L.da tem prestado aos componentes da Banda.

Banda Musical de Vale de Cambra

A IMPRENSA EM VALE DE CAMBRA

Há 60 anos, 12 de Janeiro de 1908, apareceu o 1.º número de «O JORNAL DE CAMBRA». Era seu director o Senhor Manuel A. Martins, redactor o Senhor António Aires Martins, e proprietários os Senhores Camilo T. de Matos e Manuel A. Martins.

A Redacção, Administração e Tipografia estavam instaladas na Gandra. Publicava-se ao Domingo e a assinatura anual, no Continente, Ilhas e Ultramar custava 1$400 reis (1$40) Brasil, moeda forte, 2$500 reis (2$50).

Anos depois, na sede do concelho, (Macieira de Cambra) foi criado um outro jornal — «O POVO DE CAMBRA». Publicava-se também ao Domingo e era impresso em Aveiro. Por volta de 1914/15, apareceu outra publicação na Gandra «O GAFANHOTO», pequeno periódico humorístico que pouco tempo viveu.

«O JORNAL DE CAMBRA» e «O POVO DE CAMBRA» mantiveram-se alguns anos. Eram de política diferente e, cada um, em secção especial, digladiava a seu bel-prazer a política que defendia, mas em 1920 nenhum existia.

Em 15 de Julho de 1931, reapareceu «O JORNAL DE CAMBRA», Órgão regionalista, de carácter independente, bom aspecto gráfico e noticiário escolhido. Foi seu fundador, director e proprietário o, então, jornalista de louvor e grande Amigo de Vale de Cambra, Senhor Carlos Alberto da Costa, natural do concelho de Sever do Vouga, casado com uma ilustre senhora de Vale de Cambra, residente na vila de Estarreja e proprietário e Director do conceituado «JORNAL DE ESTARREJA».

Ao falar de Carlos Alberto da Costa — meu grande Amigo — não posso deixar no olvido a estima e gratidão que mantenho pela sua saudosa pessoa como homem de bem e lúcido jornalista. Embora tarde e póstumamente, aqui lhe presto a minha humilde mas sincera homenagem.

A seus filhos, Senhores Dr. Eduardo Costa e Adalberto Costa, os meus parabens pela continuação da grandiosa obra que seu saudoso pai criou com puro Amor e Carinho, bem como também, pela consideração que me têm dedicado, lhes agradeço respeitosamente.

COMÉRCIO, INDÚSTRIA, ARTES E OFÍCIOS

Nos princípios deste século, a sede do concelho era na freguesia de Macieira de Cambra. Porém a Gandra, (hoje sede do concelho de Vale de Cambra), era o centro de maior valia comercial e industrial. — Ayres Martins, na sua obra «Virgem de Codal», diz que a povoação de Gandra, no século X, era o local onde os mercadores da época se reuniam para fazerem suas transacções. Com a mudança dos Paços do concelho (1926), os seus habitantes, entusiasmados com o sucesso da mudança, começaram por criar novas actividades industriais, e o comércio também acelarou o desenvolvimento. Com a guerra de 1939 a 1945, a marcha das realizações afrouxou um pouco, mas quando a guerra findou, não só na nova sede do concelho como nas freguesias vizinhas, o progresso em todos os ramos de actividade ultrapassou o previsto. No ramo comercial, criaram-se estabelecimentos de toda a espécie de negócio, na indústria, a começar pelos lacticínios, a evolução foi espantosa.

Em 1942, a indústria dos lacticínios já estava regulamentada pela Pecuária e subordinada a duas empresas, instaladas em edifícios modestos e com máquinas que lhes permitiam apenas extrair do leite manteiga e queijo. Actualmente, as suas instalações ocupam grandes edifícios e tem em laboração maquinaria que lhes proporciona aproveitar do leite todos os produtos que a sua génes oferece.

No campo da mecânica o incremento também foi extraordinário. Montaram-se fábricas e oficinas do mais variado labor. Principalmente no fabrico de equipamentos em aço inoxidável, embalagens em folha de flandres, serração de madeiras e caixotaria; portas, janelas e contraplacados; cunhos cortantes para ferro e aço; mesas e peças lapidadas para máquinas de costura, louças em alumínio, cromagem e niquelagem; tecidos, malhas, camisaria, tipografia e encadernação, etc., etc., são laborações que se mantém em constante actividade e que, pela quantidade e qualidade dos seus produtos, testemunham em todo o país o valor industrial do novo concelho de Vale de Cambra. As artes e ofícios, outrora pouco acentuadas, também alcançaram posição de destaque. As carpintarias, de simples banco de carpinteiro, serra de mão, enxó, plaina e pouco mais, passaram a mecanizadas e a fazer os mais artísticos móveis. Criaram-se oficinas mecanizadas para reparações de automóveis e outros veículos de tracção mecânica.

A panificação, que andava espalhada pelo concelho em pequenas padarias, na maioria fez fusão, centralizou-se na vila em prédio que mandou construir, adaptou material moderno e actualmente são apenas três unidades que abastecem a população do concelho em pão de trigo e de milho; se bem que uma grande parte do povo, principalmente a classe dos lavradores, ainda coze a broa em casa.

Tão grande desenvolvimento fabril e comercial, proporcionou trabalho a muitos milhares de pessoas que, concomitantemente, melhoraram o nível de vida familiar, com a vantagem ainda de beneficiar das regalias que as Caixas de Previdência oferecem aos seus associados e familiares. Transformando a vida no concelho mais firme e suave.

Vale de Cambra é, sem dúvida alguma, um Éden de belezas e um recanto de trabalho.

MANUFACTURAS CASEIRAS

Em alguns lugares do concelho, desde tempos antigos, existem artes caseiras que, pelo pessoal que empregam e valor dos produtos manufacturados, representam valia industrial.

Na freguesia de Roge, por exemplo no lugar de Sandiães, a arte de fabricar foguetes é muito velha. Ali, poucas são as pessoas que não conhecem de pirotécnica, e os mestres, pelo fogo de artifício que fornecem para festas, dão prova de exímios fabricantes. Os fundadores da grande fábrica de fogos de artifício «ADRIANINOS», no Brasil, eram naturais de Sandiães.

Na freguesia de Castelões, há também, desde remotos tempos, um elevado número de pessoas que trabalham no fabrico e conserto de canastras. No artesanato laboram oficinas de alfaiate, sapateiro, tamanqueiro, funileiro, etc., etc.

No lugar do Barbeito, talvez há 40 anos, ainda existia o fabrico de louça de barro preto; porém, com a morte do seu principal fabricante, («ti» Luís Pocareiro) natural da freguesia de Ossela, a laboração pouco tempo se conservou na mão dos seus herdeiros. Mais tarde, por volta de 1950, no lugar da Relva, freguesia de Vila Chã, foi montada uma nova fábrica de louça de barro; mas, apesar da instalação ser moderna, poucos anos teve de vida e, o tempo que durou, fabricou louça artística. Depois, o técnico da louça, que era pessoa de fora, ainda tentou na vila o fabrico de imagens e bonecos de barro, mas, também, a laboração pouco tempo se manteve.

Na freguesia de Codal, desde tempos antigos até fins do século passado, existiu a indústria de chapelaria, e, no dizer do povo, foi transferida para S. João da Madeira quando começou a transitar o comboio entre o Porto e Lisboa, por ficar mais perto da grande via de comunicação. Há poucos anos ainda havia restos da casa onde laborou a indústria.

*

* *

Em anos que ainda não vão longe, havia em diversos pontos do concelho uns maquinismos conhecidos por engenhos do linho. Trabalhavam cerca de dois meses por ano accionados a água na margem dos rios e destinavam-se a desarestar a fibra do linho. Com o abandono da cultura do lináceo também desapareceram.

Uma laboração que ainda se mantém em pequena escala, são os velhos teares caseiros. Em outros tempos raro era o lugar onde não havia um ou dois teares para tecer as afamadas teias de linho. Havia mulheres que passavam o ano a tecer de conta própria ou para os vizinhos. Os lavradores mais abastados tinham teares em casa para tecer teias, mantas de lã, liteiros, serguilha e burel. Presentemente, algum teare que existe é de mulher pobre que faz do tecer profissão para angariar o pão de cada dia. O aparecimento dos modernos tecidos tiraram o valor das teias.

* * *

Nos princípios deste século, em Vale de Cambra, o burel e a serguilha ainda eram bastante usados no vestuário dos trabalhadores do campo. O burel mais próprio do homem, a serguilha da mulher. Actualmente raríssimo é ver-se pessoa com tal indumentária.

As teias de linho, eram o orgulho das boas donas de casa, por vezes destinadas às filhas que tinham para casar; ou mesmo para ser vendida a fim de pagar uma dívida. Nesses tempos havia negociantes de feira em feira, de porta em porta, na compra de teias de linho, o que garantia à possuidora da teia mobilizar dinheiro com facilidade. O que por vezes contrariava a dona da casa era a teia não ter as varas que ela desejava. Tudo isto acabou em Vale de Cambra.

Diga-se de verdade: nessas velhas épocas o povo era de moral sã, mas a maioria vivia em estado de pobreza.

EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS, ORGANISMOS ASSOCIATIVOS, RELATOS ESTATÍSTICOS E GENERALIDADES DA REGIÃO

No livro «Vale de Cambra», a páginas 46/47, alguma coisa consta das culturas em uso na região por volta de 1942. Porém agora, com o constante aumento da indústria e o êxodo imigratório para o estrangeiro e ultramar, as áreas de cultivo têm decaído, apenas se nota um pequeno aumento de terra cultivada junto às novas habitações. Os velhos campos, que outrora eram a fonte de riqueza do concelho, por falta de pessoal, de ano para ano aumenta os que ficam por afrutar. No entanto, mercê das Leis do país e do espírito compreensivo dos seus proprietários, da ciência dos agrónimos e da técnica dos engenheiros, alguma coisa tem sido feita em auxílio da agricultura. Mormente em Vale de Cambra foram criados organismos de carácter associativo que muito tem feito em defesa da lavoura.

O Grémio da Lavoura, a Associação dos Regantes de Burgães, a Adega Cooperativa de Vale de Cambra e a Cooperativa Agrícola dos Criadores de Gado e Avicultores do Caima, tem desenvolvido papel preponderante no aprefeiçoamento das culturas, melhor qualidade dos produtos e mais pura conservação.

A Adega Cooperativa tomou a seu cargo a industrialização e comércio do vinho, garantindo aos seus associados venda certa e por melhor preço. A Cooperativa Agrícola alargou a exploração agro-pecuária e tem desenvolvido vasta propaganda sobre a sementeira do milho híbrido. Montou também um parque de máquinas agrícolas para serviços dos associados e, ainda, entre outras inovações, comprou uma quinta na freguesia de Macieira onde está a construir pavilhões para incrementar a avicultura e a suinicultura. Dentro da mesma quinta cedeu terreno à UNIAGRI — União de Cooperativas Agrícolas do Noroeste Português — para montar uma grande fábrica — já em construção — para rações de animais.

A indústria avícola e suína, em 1942, não constava na tabela industrial no concelho de Vale de Cambra; esses animais, porcos e galinhas, apenas se destinavam para uso dos seus criadores; actualmente tomou tão largas proporções que nos parece interessante transcrever alguns números do relatório que a Direcção da referida Cooperativa Agrícola, bem como da Adega Cooperativa fizeram distribuir pelos seus associados no exercício do ano de 1967.

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS CRIADORES DE GADO E AVICULTORES DO CAIMA

Produtos Entregues Pelos Associados

Produtos	Quantidade		Valor
Ovos	408.437	Dúz.	3.692.427$40
Frangos	63.335	Kg.	995.385$50
Carne de Porco	11.496	Kg.	283.973$90
Leitões	316		169.507$00
Produtos Avícolas	— — —		230.063$00
	Total . . .		5.371.356$80

FORNECIMENTO AOS ASSOCIADOS

Produtos	Quantidade	Valor
Pintos para carne	65.935	362.950$00
Pintos para postura	19.046	257.121$00
Rações	2.143 ton.	7.222.009$30
Medicamentos/zotécnia	— —	39.321$00
Adubos	241 ton.	459.051$80
Pesticidas	— —	217.490$00
Sementes	— —	157.002$50
Diversos	— —	242.932$00
	Total...	8.957.877$60

MOVIMENTO DE ASSOCIADOS E CAPITAL

Data	Associados	Aum. Ass.	Capital Subscrito	Capital Realizado
7/7/64	64	—	320.000$00	— — — —
31/12/64	136	112 °/o	389.000$00	314.450$00
31/12/65	292	114 °/o	499.800$00	411.650$00
31/12/66	377	29 °/o	640.200$00	528.300$00
31/12/67	504	33 °/o	710.800$00	600.850$00

Estes números demonstram bem o desenvolvimento que a Cooperativa alcançou nos primeiros anos de laboração.

São Directores, os Senhores:
Joaquim Abrantes Zenhas
Joaquim José de Pinho da Cruz
Técnico de Contas,
Aldina A. Oliveira Coutinho.

ADEGA COOPERATIVA DE VALE DE CAMBRA

Do progresso e valor vitivinícola que a Adega Cooperativa representa no concelho, falam os números do exercício de 1967.

Anos	UVAS					
	TINTAS			BRANCAS		
	Entradas Kgs.	Litros aprox.	Pipas	Entradas Kgs.	Litros aprox.	Pipas
1964	402.842	277.500	556	11.010	6 500	13
1965	883.004	592.500	1.185	86.109	57.509	115
1966	683.627	509.000	1.013	44.478	27.500	55
1067	837.341	557.400	1.259	84.158	29.985	115

DERIVADOS

Anos	Aguardente vinc. litros	Aguardente bagaceira litros	Grainha Kgs.	Bagaço Kgs.	Borras pipas
1964	7.700	7.200	1.700	5.800	12
1965	6.000	4.000	10.000	—	—
1966	7 050	9.700	40.000	—	—

A Direcção:
António de Almeida Henriques Dr.
José da Costa Leite Júnior

Técnico de Contas:
Telemaco João R. da Cunha Vaz.

A Adega Cooperativa de Vale de Cambra «S. C. R. L.», tem os seus Estatutos aprovados por despacho ministerial de 18 de Abril de 1961, publicados no Diário do Governo n.º 100-3.ª série, de 27 de Abril de 1961.

Foram seus fundadores:
Dr. Armindo Ferreira de Matos, farmacêutico e proprietário
Dr. António de Almeida Henriques, veterinário e proprietário
José da Costa Leite Júnior, proprietário
Delmiro Henriques de Almeida, industrial e proprietário
Agostinho Soares Pinheiro e Silva, proprietário

Evaristo de Almeida, primeiro oficial dos C. T. T. e proprietário
Emídio Henriques Gonçalves, proprietário
Manuel Soares de Pinho, proprietário
Isac de Almeida Máximo, proprietário
Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida, médico e proprietário
Manuel Soares de Albergaria Pinheiro, industrial e proprietário
Francisco António de Almeida, funcionário administrativo e proprietário
Américo de Almeida Freitas, industrial e proprietário
João Gomes Lavrador, industrial e proprietário
José Bento Moreira, agricultor
Angelina de Almeida Matos, proprietária
Dr. Rodrigo António Soares Pinheiro, Juiz de Direito e proprietário
Francisco da Costa Leite, proprietário
António Soares de Almeida, proprietário, na qualidade de procurador do Dr. Vasco Marinho de Almeida Homem de Melo
D. Maria Augusta de Matos Quental, proprietária
D. Ana Augusta de Matos Reis, proprietária
Eduardo da Costa Leite, proprietário
D. Mariana Joaquina de Sousa, proprietária
Tomaz António da Costa Coutinho, proprietário
Abel de Oliveira Campos, proprietário
Adelino Pinheiro de Castro, agricultor
Bernardo Ferreira de Pinho, proprietário
D. Carolina Augusta de Almeida, proprietária
José Rodrigues da Costa Leite, proprietário
José Maria Gaspar, professor primário e proprietário
Francisco Tavares de Pinho, proprietário
Alberto Henriques da Silva, industrial e proprietário
Victorino Correia Vaz de Aguiar, proprietário
Francisco da Costa Leite, proprietário
Manuel Fernandes Cubal, proprietário.

O capital social é de 300.000$00 e funciona em ligação com o Grémio da Lavoura de Vale de Cambra.

VINHO VERDE — PRODUÇÃO

São poucos os concelhos no país que se dedicam à cultura da vinha como Vale de Cambra. Os campos na aba das serras, dispostos em enfiteatro e por estreitos que sejam, estão debruados com ramadas como canteiros de jardim guarnecidos a murta. Mesmo até nas várzeas, em alguns sítios, se destacam as divisões da propriedade pela orla da vinha, pelo que representa um concelho essencialmente vinícola.

O ano passado, 1967, a produção foi média e, no entanto, foram manifestadas as seguintes quantidades :

Vinho tinto	5.026.909 Litros	total 5.846.093 Litros
Vinho branco	819.184 Litros	

Para venda, tinto	3.295.467 Litros	total 3.774.792 Litros
Para venda, branco	479.325 Litros	

Destinado a consumo :

Tinto	1.731.442 Litros	total 2.071.301 Litros
Branco	339.859 Litros	

*
* *

AZEITE

Na área do concelho, embora em pequena quantidade, existem algumas oliveiras, no entanto, não há lagar para o fabrico de azeite nem consta que seja manifestado, a não ser na Junta Nacional do Azeite.

*
* *

CORTIÇA

É natural que a produção tenha diminuido nos domínios da área de Vale de Cambra, visto não se notar novas plantações de sobreiros e os velhos vão desaparecendo.

CASTANHA

Em tempos que ainda não vão longe, Castelões era fértil em castanha de boa qualidade ; porém os soutos da Mata têm desaparecido em grande parte, não há novas substituições e, dentro em poucos anos, é natural que os castanheiros fiquem reduzidos aos que existem, na borda dos campos.

MEL E CERA

A apicultura mobilista, por enquanto, não é explorada na região de Cambra ; todavia há quem tenha algumas colmeias móveis mas em número reduzido. O mel na maioria, é produzido em cortiços junto às moradias de seus donos ou em apiários

— poucos e pequenos — instalados nos montes por arborizar e onde a urze melífera é abundante. Vale de Cambra não exporta cera nem mel.

CULTURAS MAIS EM USO

A cultura do linho e do trigo, decaiu cá na região ; entretanto aumentou a da batata e das forragens.

O milho, a batata, feijão, algum centeio e hortaliças, são as culturas mais em uso. Trigo, cevada, aveia, favas, ervilhas, etc. em pequenas quantidades. Uma coisa se nota em ritmo crescente, é a plantação de vinha na borda dos campos e a arborização dos terrenos incultos, em alguns sítios com prejuízo dos confinantes.

FRUTICULTURA

Pomares, pròpriamente adaptados, são poucos, e algum que exista é dentro de quinta junto à residência do seu proprietário. De resto, grande parte da fruta que há : maçã, pera, ameixa, pêssegos, figos, laranja, etc., etc. é colhida nas fruteiras existentes na orla dos campos ou nos quintais junto de moradias.

ÁRVORES FLORESTAIS

Predomina o pinheiro, eucalipto, carvalha, sobreiro e castanheiro ; em menor quantidade : austrália, cedro, salgueiro, amieiro, freixo, loureiro, acácia, tília, choupo, etc. etc. Sítios há em que estas árvores, pelo seu porte elevado e local onde se encontram, prejudicam a agricultura ou ameaçam habitações.

ARBUSTOS

Giesta, chamiça, queirós, carqueija, tojo, e mais um elevado número de plantas subarbustivas que são aproveitadas para cama do gado, lenha e, em alguns casos, pastagens.

ANIMAIS DE TRABALHO

Em primeiro o boi e a vaca. O cavalo, a égua e a muar, estão em desuso e não consta que, na zona de Vale de Cambra, tenham sido admitidos nos trabalhos do campo, embora prestassem bons serviços no tempo das diligências. O burro, como animal de carga, quase só era usado pelos moleiros para transportar foles ou sacas de farinha, mas há muitos anos tal meio de transporte perdeu de uso e, pràticamente, é animal que deixou de existir no concelho.

ANIMAIS DOMÉSTICOS

A ovelha, não tanto como em outros tempos ; a cabra, também em pequena quantidade ; o suíno e o coelho doméstico. Há também aves de capoeira de diversas espécies.

CAÇA

Coelho selvagem, lebre, perdiz, codorniz, pombo bravo, estorninhos e rolas. Em menor quantidade : galinholas, narceja e pato bravo.

PESCA

Truta, barbo, boga, escalo, enguia e pouco mais.

FAUNA

Em tempos afastados, o burro e a cabra selvagem abundavam nos montes desta região ; há muitos anos desapareceram por completo. O lobo, actualmente ainda aparece, de quando em quando, nas serras que circundam o vale pelo nascente, mas raras vezes se aproxima das povoações. A raposa, o gardunho e o texugo, mais ou menos, em algumas zonas, ainda fazem estragos nas capoeiras e nas culturas.

DESPORTO

A Associação Desportiva Valecambrense, em 1942 já existia e concorria ao campeonato de promoção da Associação de Futebol do Distrito de Aveiro. Rodaram os anos e com eles, por falta de recursos, a Associação Desportiva Valecambrense entrou na decadência. Anos depois foi criada a Associação Académica Cambrense e o Grupo Desportivo Martins e Rebelo, mas também poucos anos tiveram de vida.

Com a decadência destas associações, os valecambrenses adeptos do futebol ficaram contrariados, mas sem perder a ideia e vontade de, mais dia menos dia, criar uma associação desportiva digna de manter-se, como tantas outras, na classificação das Associações Desportivas do Distrito de Aveiro. Alguns anos decorreram e o campo das Dairas abandonado.

Em 1962, uns quantos adeptos do futebol decidiram convocar uma reunião das pessoas gradas do concelho para ser debatido o abandono em que se encontrava o desporto Rei em Vale de Cambra. A reunião foi muito concorrida, o assunto estudado em pormenor e, por fim, nomeada uma direcção em que ficou seu presidente o Senhor António de Almeida Ribeiro Sobrinho.

O estádio das Dairas encontrava-se desmantelado e nas medidas mínimas para a prática de futebol. O senhor António Ribeiro Sobrinho, homem de elevado espírito dinâmico e grande industrial, apoiado pelos membros da direcção e um elevado número de cambrenses, não olhou a despesas nem a sacrifícios. Legalizou de nova a Associação Desportiva Valecambrense, contratou jogadores e quando a Associação pensava em disputar o Campeonato em Setembro de 1963 formou-se a II Divisão de Aveiro constituída por 3 grupos e, apenas, por essa razão foram obrigados a disputar esse Campeonato em Março de 1963, tendo conquistado o título de Campeões. Pertencentes à I Divisão Distrital, começando então, em Setembro desse mesmo ano de 1963, a disputar a I Divisão, tendo ficado classificado em 10.° lugar.

Em 1964/65 o Valecambrense ficou apurado para a III Divisão Nacional, campeonato que disputou, classificando-se em 4.° lugar da sua série.

Em 1965/66 o Valecambrense ficou em 7.° lugar do Distrital de Aveiro e no ano seguinte, 1966/67, depois de disputar a I Divisão de Aveiro ficou classificado para a III Divisão Nacional, tendo sido Campeão de Série, sendo, depois, eliminado pelo Gouveia.

No ano de 1967/68 o Valecambrense novamente na III Divisão Nacional encontra-se à frente da classificação da sua série, esperando ingresso na II Divisão Nacional.

Tem, portanto, o Valecambrense 5 anos de existência e nesse curto espaço de tempo já esteve qualificado 3 anos para o Nacional da III Divisão, lugar que manterá nos anos seguintes, caso não ascenda à II Divisão Nacional, e isto porque vai ser criada este ano essa Divisão (3.ª Nacional).

Foram seus impulsionadores (1962) vários Valecambrenses, dentro dos quais há a destacar o 1.° tesoureiro do Club, Senhor Alceu Ferreira e o seu primeiro Presidente, Senhor António Ribeiro Sobrinho, a quem Vale de Cambra, sem dúvida, fica a dever o ressurgimento da Associação Desportiva Valecambrense.

Escusado será inumerar todas as obras do Campo de Jogos e até angariação de atletas, etc., etc., para fazer um Valecambrense à altura da terra que lhe deu o nome e a qual ele tem representado condignamente.

O campo de jogos é sem dúvida um dos melhores do Distrito e nele está a atestar o esforço do seu 1.° Presidente uma placa de mármore, oferta dos atletas e restantes membros da Direcção, reconhecidos pelo seu alto espírito de sacrifício.

A sede do Club, organizada também pela 1.ª Direcção foi mais um esforço conseguido nesses três primeiros anos de vida do Club.

Em Janeiro de 1966 tomou a Presidência do Club o Rev. Padre Joaquim de Oliveira Maurício. Actuou dois anos no desempenho do cargo e, mercê do seu denodado esforço, conseguiu elevar sempre o nível desportivo para o engrandecimento da Associação Desportiva Valecambrense.

Em 1968 passou a Presidência para o Senhor Dr. António Júlio C. Teixeira da Silva, acompanhado com os Senhores :

Arlindo Tavares da Silva, — Vice-Presidente.
José Dinis Lima da Silva, — Tesoureiro.
Serafim Soares de Oliveira, — 1.° Secretário.
Henrique Dias Ferreira, — 2.° Secretário.
Alberto Correia, — 3.° Secretário.
Joaquim António dos Santos Veloso, — 1.° Vogal.
José de Almeida, — 2.° Vogal.
Adriano Ferreira Gomes, — 3.° Vogal.

Individualidades estas, novas na idade e de espírito dinâmico, que estão a tentar, com ardoroso entusiasmo, levar o Valecambrense à II Divisão Nacional, faltando poucos jogos para se saber qual a posição do Club.

*
* *

O tempo decorreu, e eis que o Valecambrense fica apurado para disputar a final com a União de Coimbra.

O primeiro encontro VALECAMBRENSE — UNIÃO DE COIMBRA, foi disputado no Campo das Dairas (Vale de Cambra). O Valecambrense venceu por 1-0. Em Coimbra a União vence pela mesma tangente de 1-0. Obrigatório novo encontro em campo neutro, a Federação Portuguesa de Futebol mandou que o jogo a disputar para o desempate fosse no Campo do Fontelo, Viseu, no dia 26 de Junho (1968).

Em Vale de Cambra, conhecido o dia do desempate e o campo, não só os adeptos do Valecambrense como toda a população começou por sentir um entusiasmo febril e no dia marcado para o encontro, novos e velhos, homens e mulheres, larga-

ram os trabalhos e deslocaram-se a Viseu. Só visto ! Dezenas de camionetas, centenas de automóveis, motas e motorizadas formava uma caravana poucas vezes vista em terras da Beira. Aquilo, por essas estradas fora, era retumbante.

Os homens que elevaram o Valecambrense à II Divisão
(da esquerda para a direita)

EM PÉ — Manuel Fernandes **VIEIRA** — Carlos Alberto Almeida **BRANDÃO** — AUGUSTO BATISTA da Costa — **ALBINO** Tavares Almeida — **VICTOR** Manuel Correia Henriques — António da **SILVA** — Domingos António Pinho **CORREIA** — **SENTADOS** : — António José Filho **(TONINHO)** — **GABRIEL** Luiz Almeida — **ORLANDO** Pereira Resende — CARLOS ALBERTO Henriques da Silva — **AMARO** Correia Monteiro. *(a)*

Dias antes, a perspectiva já se manifestava tão elevada que, apesar dos meus 71 anos, tomei partido e também fui até Viseu. Foi um passeio agradável e uma tarde de satisfação ; porém o tempo foi passado à volta do campo e não consegui visitar a velha Confeitaria Santa Rita, tanto de meu conhecimento. A festa foi tão delirante que vou transcrever para os vindouros algumas passagens do que disse a Imprensa Diária e Regional a respeito do encontro e sua projecção.

(a) Falta na gravura (por motivo que ignoro) o atleta VIDEIRA, que foi dos homens mais influentes na grande vitória conseguida em Viseu.

De o «JORNAL DE NOTÍCIAS» Porto, 27 de Junho de 1968.

VALECAMBRENSE
na II Divisão Nacional

Derrubados os recordes do Fontelo

Apesar de ser dia de trabalho, o Estádio Municipal do Fontelo registou uma Assistência recorde. Assistência ida, especialmente, de Coimbra, onde o Município pôs à disposição os autocarros dos Serviços Municipalizados, e de Vale de Cambra, onde, igualmente, a Edilidade ofereceu cinquenta por cento do custo total do transporte, encerrando-se os estabelecimentos durante a tarde. Registou-se a entrada de cerca de cem camionetas de passageiros e várias centenas de automóveis. Toda esta affluência se reflectiu nas bilheteiras, nas quais se venderam cerca de 7.500 bilhetes, pelo que a receita deve orçar os cem contos. Bonita soma, sem dúvida, para um jogo da III Divisão.

Académica e Vildemoinhos «estavam lá»

Constituiu curioso espectáculo o duelo das falagens de apoio, que se distribuiram por todos os sectores do Estádio, sendo a sua presença assinalada por centenas de bandeiras e alguns cartazes. Um pouco mais numerosa do que a dos conimbricenses (de Coimbra deslocaram-se 40 autocarros e muitos automóveis), a falange valecambrense foi vivendo, com a evolução do resultado, momentos de euforia. Os cartazes subiram mais alto, podendo ler-se num : «Vamos rapazes ! II Divisão à vista !» Noutro, uma «promessa» : «O Valecambrense em rodagem para o título !» E logo outro «ajudava» com um «Viva o campeão».

Curiosa a «aliança» do Lusitano de Vildemoinhos com um cartaz em que se lia «O Lusitano sauda o Valecambrense».

Nas hostes unionistas, não se viam cartazes. Mas os conimbricenses não estavam sós. A «companhia» era representada por uma bandeira da Académica,

Ondas humanas no sector do peão

Totalmente repleto, o sector do peão evidenciou, por vezes, um ondear humano que provocaria alguns acidentes, entre os quais dois a obrigarem a tratamento no Hospital de S. Teotónio. Com o aproximar do fim do encontro, e embora o entusiasmo não baixasse, os ânimos serenaram, para tal contribuindo o apelo (feito pelos altifalantes) do presidente da Câmara de Vale de Cambra, para que os adeptos do Valecambrense não invadissem o terreno. Assim aconteceu, na realidade, se bem que entusiástica ovação «emoldurasse» a volta ao campo dada pelos vencedores, saudados ainda com o barulho de dezenas de gaitas e sinetas.

Findou então a festa no Fontelo. Continuada, porém, até Vale de Cambra pelo extenso cortejo que levou adeptos e jogadores até à vila.

3-0 AO UNIÃO DE COIMBRA
no desempate em Viseu

Jogo no Estádio Municipal do Fontelo, em Viseu. Árbitro : Aníbal de Oliveira (Lisboa), auxiliado por Fernando Aragão (bancada) e Oliveira Pinto (peão).

VALECAMBRENSE — Vieira, Vitor, Brandão, Albano e Augusto Baptista, Amaro e Silva, Toninho, Gabriel, Videira e Carlos Alberto.

UNIÃO DE COIMBRA — Rasteiro, Leopoldo, Seabra, Rafael e Machado, Carvalho e Assunção, Aníbal, Pombo, Filipe e José Vitor.

Ao intervalo : 1-0. Marcadores : Carlos Alberto (aos 38 ms.), Toninho (aos 46 ms.) e Videira (aos 51 ms.).

Trocados os primeiros passes, viu-se logo a intenção de ambas as equipas — enquanto o Valecambrense procurava jogar recuado, explorando o contra-ataque por intermédio de Toninho, Gabriel e Videira, o União carregava em massa, mas sem convicção. Por sua vez, os defensores contrários fechavam bem o seu último reduto, fazendo morrer os ataques unionistas.

O Valecambrense, sempre na brecha, criava situações aflitíssimas para os defensores antagonistas, dado o seu avanço no terreno. Desfrutou mesmo de duas oportunidades que só não deram golo por manifesta falta de sorte : uma aos oito minutos e outra aos 15. Os valecambrenses exploravam o contra-ataque com certo veneno, sendo de estranhar o facto do adversário não dar por esse perigo. Foi então, que, aos 38 minutos, Carlos Alberto fugiu a Seabra e só com o guarda-redes à sua frente atirou para o melhor sítio, sem a mínima possibilidade de defesa. Estava aberto o caminho da vitória. A partir daí, os jogadores do Valecambrense passaram a atacar com mais frequência.

Após o intervalo, a turma de Gomes de Oliveira, surgiu desde logo impulsionada para o ataque com uma objectividade extrema, conseguindo dois golos nos primeiros cinco minutos. Com o resultado em 3-0, os valecambrenses organizaram de novo a sua defesa e o desafio voltou ao cariz da meia hora inicial.

A vitória do Valecambrense não sofre qualquer contestação. Nos vencedores, Vieira, sempre atento ao jogo, não teve deslizes, bem como toda a defesa : a linha média foi o sector mais fraco da equipa ; a avançada, cheia de força e velocidade, teve em Gabriel e Vieira os seus melhores homens.

No União de Coimbra. Rateiro teve algumas saídas inoportunas e os defesas «abriram» com facilidade : o seu melhor sector foi o meio-campo : na avançada, sòmente Aníbal e Filipe sobressairam.

Arbitragem certa e cheia de autoridade.

«Muralha humana» na cabina vitoriosa

GOMES: tinha fé e... aconteceu

O ambiente nas cabines do Valecambrense era, òbviamente, de enorme alegria — abraços, felicitações, lágrimas. Não havia quem lá chegasse. Depois de muito esforço, sempre conseguimos romper até junto do jogador-treinador Joaquim Gomes de Oliveira, que nos disse :

— O jogo foi correcto e já esperava esta vitória. Depois de ver actuar o nosso adversário, jamais perdi a esperança de subir de Divisão.

— Não teve problemas durante o campeonato ?

— Sim, vários. Mas o principal era a falta de jogadores, na medida em que só dispunha de quinze, o que me levava a alterar constantemente a equipa.

— O que pensa agora do título nacional ?

— Que é muito difícil conquistá-lo, dado que tenho jogadores que já fizeram quarenta e tal jogos nesta época. Em todo o caso, conto, pelo menos, chegar à final.

— Continua no clube ?

— Não. Não sou, como sabe, treinador. Sou apenas amigo do clube e, como jogador do Valecambrense, a Direcção viu em mim qualidades para ficar a tomar conta da equipa. Valeu a pena, pois acabo de ter a maior alegria da minha vida. Agora, têm de arranjar outro treinador, pois a minha vida profissional de modo algum me permite continuar.

CALLICHIO: venceu o grupo de maior experiência

Na cabine do União de Coimbra o ambiente era de desânimo e tristeza.

O técnico Callichio, justificou assim a derrota :

— Ganhou o grupo de maior «calo», como era lógico. Com boa vontade e genica os meus pupilos conseguiram, porém, por vezes, superiorizar-se. Felicito ambas as turmas pelo esforço despendido na luta e os rapazes do Vale de Cambra pela vitória que acabam de conquistar.

PRÉMIO AOS VENCEDORES 2 500 ESCUDOS com tendência para subir...

A subida do Valecambrense à II Divisão valeu a quantia de 2 500$00 a cada jogador, incluindo o treinador. Esta importância foi prometida pela Direcção, prevendo-se, no entanto, que ainda venham a receber muito mais, das listas que se organizaram pelos estabelecimentos da localidade. Assim, os 270 minutos de jogo, embora custassem a cumprir, valeram bem a pena.

De o «COMÉRCIO DO PORTO» 27 de Junho de 1968.

NA CIDADE DE VIRIATO O VALECAMBRENSE

FOI O LUTADOR À ALTURA, ASCENDENDO A II DIVISÃO NACIONAL

Até uma avioneta foi utilizada pelo Valecambrense

Só faltou ir gente a pé! Todos os meios serviram para fazer deslocar os valecambrenses. Até uma avioneta! É verdade, mesmo antes de começar o jogo e mesmo durante a sua duração, uma avioneta sobrevoou o Estádio do Fontelo e suas circunvizinhanças, lançando sobre a multidão papelinhos com as cores do clube de Vale de Cambra, que não se poupou a quaisquer esforços para trazer a Viseu uma das maiores caravanas de apoio que já alguma vez algum clube apresentou em Viseu.

É facto que também o União de Coimbra mandou a esta cidade cerca de 35 autocarros, a par de dezenas e dezenas de automóveis, mas temos de considerar que de Vale de Cambra veio o contingente mais volumoso, mais garrido e mais entusiasta.

Foi feriado, de tarde, na terra. Parece-nos que em Vale de Cambra só deveriam ter ficado os inválidos e as criancinhas de tenra idade.

SAUDAÇÃO do presidente da Câmara de Vale de Cambra

O presidente da Câmara Municipal de Vale de Cambra, Dr. Prado e Castro, em declaração especial para «O Comércio do Porto» declarou:

— Quero, sobretudo, frisar a minha satisfação, a minha congratulação, pelo modo, correcto, simpático, como as gentes da minha terra souberam honrar o nome de Vale de Cambra.

«O jogo — acrescentou — foi pleno de luta, mas disciplinada; mas a maneira garbosa, galharda e correcta como todos os valecambrenses se conduziram nesta linda cidade, isso, repito, ainda me dá mais alegria. O seu aprumo é um exemplo!

E a finalizar:

— Quero, também, aqui, dizer do meu muito apreço pelo carinho com que todos os viseenses nos acompanharam, não deixando de pugnar pela nossa equipa quando disso ela necessitava. Obrigado.

Delirante recepção em Vale de Cambra

O início, a «cabeça» da longa caravana que se deslocou a Viseu começou a chegar a Vale de Cambra cerca das 22 horas e meia. Já ali se encontrava muita gente de todos os concelhos limítrofes: Castelo de Paiva, Cinfães do Douro, Arouca, Sever do Vouga, S. Pedro do Sul, etc.

Milhares e milhares de pessoas. Um mar de gente! Quando os carros que transportavam os jogadores atingiram portas de Vale de Cambra, era quase meia-noite. Foi o delírio. Delírio colectivo da população anónima, mas carinhosa, que ansiava por abraçar os seus «heróis» desportivos.

Deslocando-se muito lentamente, os jogadores foram atravessando aquela mole imensa, logrando, com bastante custo, chegar aos Paços do Concelho. Aí, o presidente e vice-presidente da Câmara Municipal, respectivamente Dr. António Tavares de Prado e Castro e Delmiro Henrique de Almeida, acompanhados de toda a vereação, e, ainda, do presidente da Direcção do Valecambrense, Dr. António Júlio Correia Teixeira da Silva, e Dr. Rufino Ribeiro, presidente da Assembleia Geral, receberam os componentes da equipa que acabara de subir à II Divisão Nacional, os quais tiveram de vir à varanda do edifício acenar para os seus entusiasmados admiradores.

Presente, também, o representante da Associação Desportiva Sanjoanense, Oliveira Figueiredo, presidente da Direcção, que, sempre, se manteve em colaboração contínua com o concelho de Vale de Cambra, em comunhão de ideias desportivas.

Aos discursos, falou, em primeiro lugar, o presidente da Câmara, que se referiu, largamente, ao acontecimento, reconhecido de grande valor para o concelho. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o presidente da Direcção do Valecambrense, o presidente da sanjoanense e, por último, o jogador Gabriel de Almeida, que, em nome de todos os seus colegas, agradeceu a grandiosa manifestação de que acabavam de ser alvo.

A festa prolongou-se pela noite dentro.

De o «JORNAL DE CAMBRA» de 30 de Julho de 1968

Extraordinária Festa Desportiva

em —

VALE DE CAMBRA

Reportagem dedicada aos briosos jogadores da A. D. V.

O encontro do Valecambrense com o U. de Coimbra deu origem a uma grande vitória. O Valecambrense ganhou o primeiro encontro e teria ganhado em Coimbra, se vento desfavorável não superasse do lado do árbitro. Porém, originou maior vitória. Foi tal a evolução feita no ânimo de todos os valecambrenses dos dois sexos, por esta eventualidade, mesmo os menos afeiçoados a este desporto, que tenho a certeza de que, se o vento soprasse desfavorável, em Viseu, apareceriam os pára-brisas.

Quis ir a Viseu, mas alguma coisa me impediu...

Era bonita aquela tarde de sol, e os carros de vale de Cambra á Senhora da Saúde, perdendo-se de vista: sonho, esperança, heroicidade, bairrismo, desporto e saudade!... Dizem que Viseu nunca vira uma cena assim desde que lá se joga.

Uma avioneta sobrevoava o campo em saudação. S. João da Madeira acompanhou-nos e estão connosco Arouca, Fajões e Cesar (Oliveira de Azeméis) Sever do Vouga, etc.

— Ganhámos por três-zero! Vitória!...

Aquela caravana enorme, só da Rimarte quase uma dezena de camionetas. Carros de Arouca. Porto, Feira, Mourisca e os nossos todos, motorizadas, etc...

Ao anoitecer, festa esperada. Despovoam-se os lugares. Nunca Vale de Cambra vira tal movimento.

Os Sanjoanenses saudam com a sua grande bandeira os que vão chegando.

Chega uma festa de Castelões, orquestra à moda árabe: tambores como pipas, dizem os antigos que pareciam os célebres tambores da Ricoca, latas, cornetas, gaitas, guisos, etc.

As notas agudas às vezes fugiam às sonoras, mas as gargalhadas do povo faziam a conjugação dos sons.

Chega uma camioneta de Carregosa, com outra tocata de enormes tambores--ricocas, concertinas, violas, percorrendo as ruas. Até o automóvel do representante de S. João da Madeira percorre as ruas da vila em circuito, com uma campainha tocando.

Os jogadores chegam mais tarde: são recebidos pela nossa banda e cobertos de flores por elegantes meninas. A nossa guarda republicana nas escadarias da Câmara mantém o respeito.

A homenagem solene é nos Paços do Concelho.

As nossas bandeiras e a de S. João da Madeira flutuam da sacada. Fala o Exmo. Sr. Presidente da Câmara, Dr. Prado de Castro, fazendo ver a saudação de Viseu e agradece-lhe, fala dos rapazes, enaltecendo o seu valor, honra os sanjoanenses e dá a palavra ao sr. Dr. António Júlio Correia (presidente).

Fala S. Ex.ª fazendo ver quanto é preciso para manter o grupo na 2.ª divisão, apela para os valecambrenses.

Fala o presidente representante de S. João da Madeira:

Agradece a manifestação que Vale de Cambra lhe fez quando da sua passagem, vitoriosa da Covilhã, por esta terra.

Fala o jogador Gabriel de Almeida, pedindo uma salva de palmas para o treinador...

Vale de Cambra, 21-7-1968

Arthur d'Almeida

De o «JORNAL DE CAMBRA» de 15 7 68

HOMENAGEM

de uma Valecambrense ao clube Desportivo da sua terra.

Eu te saudo, clube da minha terra
Pela subida à segunda Divisão!
Alegria em todos nós se encerra,
Pondo em festa o coração.

Lutasteis com amor e valentia
E com um bairrismo eu fui acompanhando
De semana a semana, dia a dia,
Pelas vossas vitórias esperando!

Chegou enfim o dia desejado
Em que nos desteis a satisfação;
E vosso esforço foi bem coroado
Pelo preito da nossa gratidão!

Há quarenta anos vivo no Porto
Mas o bairrismo sempre em acção
E nas notícias lidas do Desporto
Valecambrense era a minha atenção.

Como é linda agora a nossa terra,
Neste ambiente de alegria e beleza !
É o povo que neste momento berra
— Viva a nossa Suíça Portuguesa !

A todos os desportistas em geral
A turma que nos deu esta alegria
Eu quero saudá-los, afinal,
Mostrar-lhes toda a minha simpatia !

Além do bairrismo já citado
Nestes versos que escrevi com mais
[calor,
E' o caso de também ter actuado
Meu sobrinho, que também é jogador.

Albino ! aqui tens a tua tia
A felicitar-te de todo o coração
Por saber que a tua energia
Te ajudou a subir de Divisão !

Que vosso esforço continue no futuro
A elevar mais alto o Valecambrense !
Que ele fique ao menos bem seguro
Na segunda Divisão a que pertence.

Felicito toda a sua Direcção
Pelas horas de ansiedade que passaram :
Nessa faze vivida de emoção
A honra e a glória conquistaram.

Com todos os Valecambrenses, num
[abraço,
Está convosco a vossa conterrânea
E com toda a sinceridade o faço
Nesta minha saudação expontânea.

E agora, para finalizar,
Um desejo que a todos nós convence,
Eu peço para me acompanhar
Num viva ao nosso Valecambrense !

Jesuína Tavares de Almeida Moreira Lopes
Rua de S. Luís, 24-1.º — Porto

REPORTANDO AO COMEÇO DO FUTEBOL EM VALE DE CAMBRA

O meu amigo snr. Artur de Almeida, de Vila Chã, em crónica publicada no «Jornal de Cambra» do dia 15 de Junho de 1967, historiou o começo do futebol na região. Como tenho em vista colocar as coisas do passado em paralelo com as do presente, transcrevo o que me parece mais histórico ; — peço desculpa pelo que fica omisso.

« . . . A obra desportiva em Vale de Cambra foi fundada em 1915 por Veiga, tipógrafo do primeiro « Jornal de Cambra », porém, não vingara.

Em 1921, João Fernando, treinou o Grandra de Cambra F. Clube. O primeiro desafio, que foi o 1.º jogo de futebol realizado nesta terra com a Escola Náutica do Porto, foi realizado no dia 4 de Junho desse mesmo ano, tendo por árbitro o Dr. Urgel Horta. Perderam os principiantes Valecambrenses, mas ganharam ao Oliveirense. Ainda no mesmo ano, em segundo desafio, ganharam à Escola Náutica. Jogaram em « baks » João Fernando e o Dr. Alvaro de Matos, então estudante.

O Dr. Humberto de Matos, Manuel Ribeiro e Manuel Soares de Albergaria, eram os senhores do particular futebol.

Herculano Martins, Francisco da Costa Leite e, mais tarde, Evaristo de Almeida eram os jogadores de nome.

António Pinho, o celebre defesa português, jogou aqui nas férias. Era companheiro de Jorge Vieira, os « baks » portugueses famosos. António Pinho, era natural de Lourosa, Macieira de Cambra, e jogava no Casa Pia de Lisboa . . . »

Vila Chã, 4/6/67

Artur de Almeida

CULTO E RECREIO

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Embora a séde do concelho seja pertença da freguesia de Vila Chã, desde tempos antiquíssimos existe na Vila de Vale de Cambra a capela de Santo António. Outrora templo pequeno, presentemente de dimensão regular mas insuficiente para receber os habitantes da vila e vizinhança que ali procuram a missa. O pároco da freguesia, Senhor Rev. Padre Joaquim de Oliveira Maurício, tem a residência na vila e faz uso da capela para desempenho das suas obrigações eclesiásticas, por a igreja ficar desviada. Se o Templo fosse maior não ficava mal em Igreja Matriz.

Em outros tempos, quando a capelinha era pequena, o sacristão ou pessoa para tal encarregada, em dia de feira, envergando opa vermelha percorria os feirantes, com uma pequena imagem de Santo António, a pedir esmola e raro era a pessoa que não deitava na saca uma moeda de 5 reis, 10 reis ou até mesmo um vintem, — o equivalente, presentemente, a meio centavo, um centavo ou dois centavos. É natural haver quem desse esmola maior, mas o forte eram os míseros cinco e dez reis. Ao receber o óbolo, dava o santo a beijar e, por fim, levemente, batia com ele na cabeça do ofertante e rematava: «Santo António lhe acrescente o que fica». Tempos de crença e fé firme.

ASSEMBLEIA DE VALE DE CAMBRA

Esta simpática associação de Cultura, Desporto e Turismo é frequentada pelas mais altas individualidades da terra. Tem a sua séde na vila e já conta anos bastantes de existência.

Tem biblioteca, salão de jogos e outros atractivos de cultura e recreio. Nos meses de Verão, oferece aos valecambrenses, com aparelhagem sonora, música no jardim e principais artérias da vila.

Promove bailes e outras distracções de prazer e recreio.

DR. MANUEL HENRIQUES GONÇALVES

Justa homenagem

Raras vezes, talvez nunca, Vale de Cambra tenha prestado tão relevante e sentida homenagem a um conterrâneo como foi a que levou a efeito no dia 22 de Dezembro de 1963 ao ilustre castelonense Senhor Manuel Henriques Gonçalves então chefe de Gabinete do Ministro das Comunicações (actual Presidente da JUNTA CENTRAL DOS PORTOS).

Ao lauto banquete, realizado na sede do concelho em salão para tal fim cedido, assistiram cerca de 600 convivas, alguns do mais qualificado mérito político, social e literário. Na mesa do homenageado: sua gentil esposa e outras senhoras, Governador Civil de Aveiro, Presidente da Câmara Municipal, Snr. Dr. Rogério Martins Fernando, conselheiro Dr. Albino dos Reis, Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida, Presidente da União Nacional, e outras altas individualidades.

Usaram da palavra o Snr. Padre Correia Guimarães, em nome da Comissão Organizadora; o Snr. Eng. António Pacheco Almada; Dr. Rogério Martins Fernando; Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida; Dr. Juiz António Bernardo Coelho; Snr. Evaristo de Almeida, pelos C.T.T. locais; Prof. Silvério T. Pinheiro, em nome do povo de Ossela; Snr. António Paiva, em nome do povo da terrado homenageado, Cartim; Dr. António de Almeida Henriques que leu um discurso do escritor Luiz Forjaz Trigueiros; Dr. Vale Guimarães; Dr. Albino dos Reis; Cristiano Borges de Araújo e o Dr. Dulcídio Alegria em nome da Casa da Comarca.

Todos os oradores, em palavras bem claras, exprimiram as virtudes morais intelectuais e sociais que enobrece o homenageado.

Por fim, o senhor Dr. Manuel Henriques Gonçalves, num brilhante discurso, agradeceu o enaltecimento e a grandeza da homenagem.

FALTA EXPLORAR O TURISMO

EM VALE DE CAMBRA

A Imprensa diária e a regional, por vezes, exorta os turistas a visitar as extraordinárias belezas do Vale de Cambra. Porém os Valecambrenses, embora dotados de espírito empreendedor, ainda não deram conta dessa interessante propaganda que os jornais fazem desinteressadamente.

Há pouco tempo ainda, um semanário da região transcrevia de «O Comércio do Porto» — «Vale de Cambra privilegiada zona de turismo, cura e repouso, ainda pouco explorada». Sim !, não resta dúvida, melhor seria dizer ainda não explorada.

Não há monumentos pré-históricos a visitar; mas, em contra partida, há belezas naturais das mais belas do mundo, há também particularidades em obras de arte que dão sensacional satisfação e prazer a quem as visita : — O cruzeiro e a igreja de Roge; o arco cruzeiro e, outrora, o altar do Sacrário da igreja de Castelões; o altar de Nossa Senhora do Rosário na igreja de Codal, e o altar Mor na igreja de Arões, são obras em talha dourada que merecem ser visitadas.

Não resta a menor dúvida, Vale de Cambra tem grandes privilégios para a zona de turismo, o que lhe falta é uma unidade hoteleira capaz de receber e deter os turistas. Seria de interesse para a região criar uma Comissão Regional de Turismo que, por si ou interposta organização, manda-se construir um hotel de categoria, nas imediações da Senhora da Saúde visto que dentro do vale as pensões que existem, embora limpas e de bom aspecto, são de 3.ª classe ; o que no presente não satisfaz as exigências dos que procuram prazer e recreio.

O parque e o Santuário da Senhora da Saúde, são considerados a Sala Nobre do concelho ; assim o prova, entre outros, dois recentes acontecimentos.

Em Dezembro de 1963, quando Vale de Cambra prestou homenagem ao seu Ilustre conterrâneo, Senhor Dr. Manuel Henriques Gonçalves, a missa em acção de graças foi celebrada na Capela da Senhora da Saúde. Também, em 1966, quando na vizinha freguesia de Ossela foi prestada homenagem ao insigne escritor Ferreira de Castro, pelos seus 50 anos de vida literária, o beberete de confraternização, oferecido pelo ilustre cambrense Senhor Joaquim de Almeida, foi servido na esplanada da Senhora da Saúde. O planalto de Gestoso é, na região, o local privilegiado para grandes realizações. Raro é o dia, principalmente ao domingo ou dia feriado, em que a afluência de pessoas não seja excepcional, e não é maior por falta de um estabelecimento com cómodos e gastronomia capaz de servir e propocionar satisfação aos que nele se instalassem.

Durante o ano, por uma questão de devoção, fazem-se muitos casamentos no Santuário, alguns vindos de longe, e muitos mais se fariam se houvesse, nas imediações, pensão ou hotel em condições de servir banquetes.

Agora, com as obras ali em curso, é de prever que algo de novo se faça em benefício do Santuário e do parque ; abrindo assim perspectivas para realizações de carácter particular. Até mesmo a Direcção da Irmandade, saindo um pouco fora das suas atribuições, deveria aproveitar as vantagens que o local oferece para maior receita ao Santuário e engrandecimento da região.

Ao fundo da baixa dos «vareiros», ao lado da estrada circundante do parque, a concavidade do terreno oferece condições especiais para, relativamente com pouca despesa, construir uma piscina para desportos com torre para saltos de mergulho. Tal desporto no parque da Senhora da Saúde, seria, nos mêses do Verão, um atractivo turístico do mais extraordinário chamariz; falta, porém, aproveitar os recursos que o planalto oferece.

Um hotel de classe nos subúrbios da Senhora da Saúde seria o ideal para turistas e forasteiros.

Para levar a efeito tão interessante obra, talvez não fosse difícil uma sociedade constituída por acções em moldes acessíveis, pois é natural que não faltassem accionistas. Até mesmo a Edilidade e a Irmandade do Santuário, visto tratar-se de um empreendimento de grande interesse regional, deviam deitar mão à obra e serem os principais accionistas.

FREGUESIAS DO CONCELHO

— DE —

VALE DE CAMBRA

ADITAMENTO

As nove freguesias do concelho, sob o ponto de vista histórico, **estão pormenorizadamente** narradas no livro "Vale Cambra" publicado em 1942. Agora, com o **transcrito** da G.E.P. e B, os valecambrenses possuidores da publicação antiga e da **presente** tem elementos para conhecer de fio a pavio a história do seu concelho.

ARÕES E JUNQUEIRA

Situadas nas ramificações da serra da Gralheira, sobranceiras ao rio Vouga **e abrigadas** das intempéries do norte desfrutam clima privilegiado.

Com a abertura da estrada 227, Vale Cambra-Viseu, os povos destas freguesias **muito** beneficiariam. O município também, dentro das possibilidades que lhe **são peculiares**, tem melhorado as vias de comunicação com novas estradas, fontenários, **lavadouros**, etc. O problema das escolas, práticamente, está solucionado, e o mais que **falta fazer** encontra-se em vias de realização.

ARÕES

No tocante a melhoramentos na freguesia de **Arões**, é digno de referência especial o Senhor Joaquim **de Almeida**, natural de Souto Mau e residente no Pinheiro **Manso**, freguesia de Castelões, que tem contribuido com **valiosos melhoramentos** para o bem comum dos seus conterrâneos. Mandou abrir a estrada das Lameiras a Souto **Mau**, 1.ª fase; pagou os estudos para o prolongamento **da mesma** estrada até Erverdoso. Mandou construir e **mobilar** a residência da professora em Souto Mau; também pagou a abertura do túnel de rega que conduz a **água** do rio Arões para os campos de Souto Mau. Em **fim**, tem sido um benemérito de elevado sentimento **humanitário** em favor do povo da sua freguesia. Mas a **sua obra** de bem fazer não fica só na freguesia de Arões, **não!** o seu altruismo estende-se a tudo quanto seja **engrandecer** o concelho de Vale de Cambra.

Joaquim de Almeida

O QUE NOS DIZ O REV. PÁROCO DA FREGUESIA DE ARÕES SENHOR PADRE ANTÓNIO DOS SANTOS.

— V. Rev. é natural da freguesia?

— *Não sou. Minha terra natal é Igreja velha de S. Miguel do Mato, Vouzela.*

— Há quantos anos tomou conta na paróquia?

— *Há vinte e oito anos.*

— Quantos fogos e habitantes tem a freguesia?

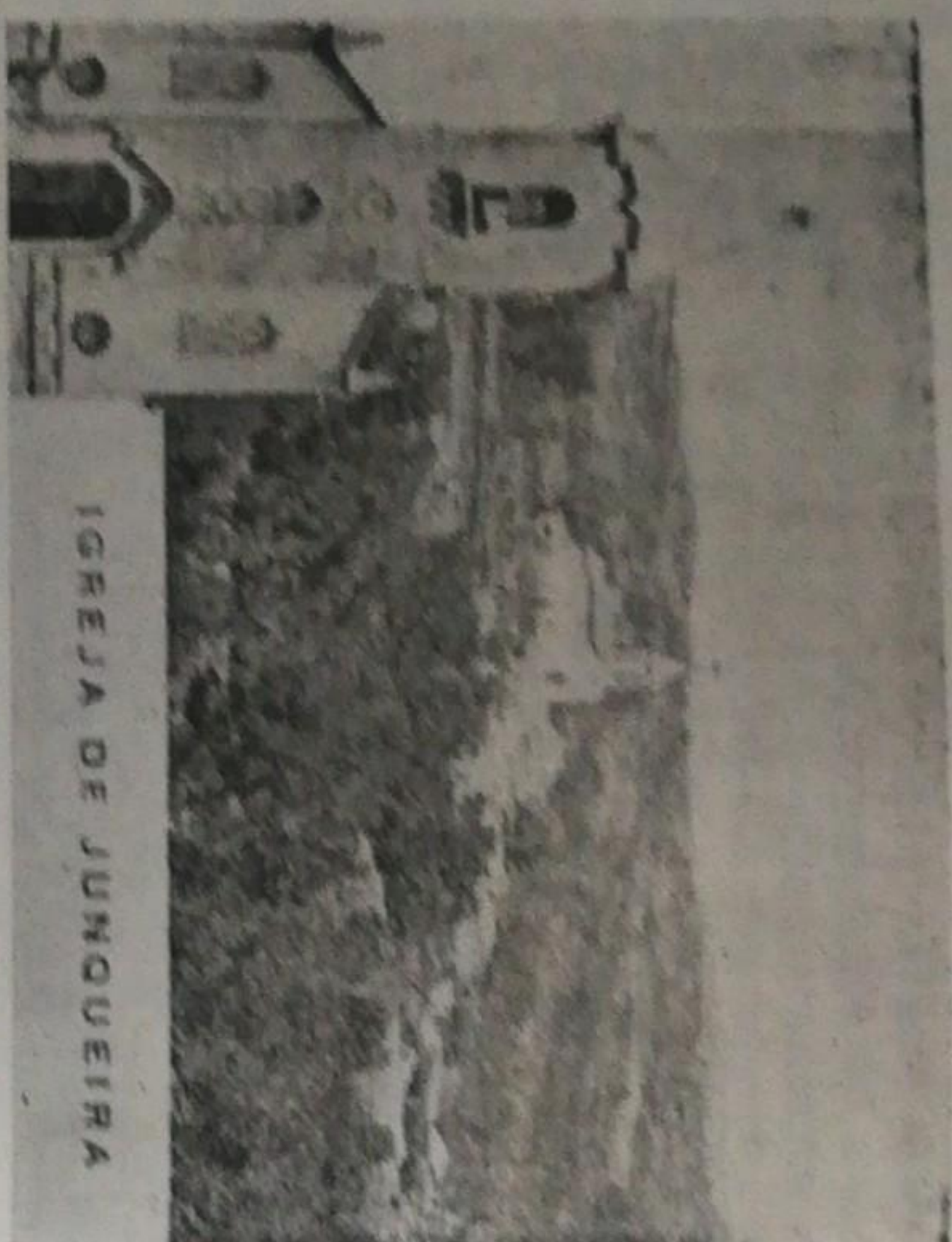
— *Fogos 421, habitantes 2.737*

— São todos católicos?

— *Todos.*

— Tem alguma confraria?
— *Sim. Irmandade de S. Simão.*
— O número de irmãos é grande?
— *Anda por quatrocentos.*
— Tem Centro paroquial?
— *Não.*
— Quantas capelas existem na paróquia e o seu estado de conservação?
— *Existem sete e o seu estado de conservação é bom.*
— Tem residência e passal, ou só residência?
— *Tem residência e um pedaço de Passal junto à Igreja.*
— A côngrua é o suficiente para o pároco viver ou necessita de ser actualizada?
— *É suficiente.*
— Que conceito faz V. Rev. do nível de vida e índole do seu povo?
— *Bom.*
— A Igreja ainda tem capacidade para receber todos os paroquianos?
— *Não. É só com altifulantes que estão montados se pode resolver o problema.*
— A freguesia tem alguns estudantes no seminário?
— *Tem 3. Um em Itália, outro em Viseu e outro em Felgueiras.*
— No que diz respeito a Escolas e Postos de Ensino a paróquia está bem servida?
— *Está.*
— É costume V. Rev. visitar as escolas periòdicamente?
— *Não. Quando for preciso sim.*
— Quanto a cantinas escolares?
— *Nenhuma.*
— E bibliotecas?
— *Uma tem, as outras não.*
— Instituições de caridade ou beneficência tem alguma?
— *Não.*
— E Associação Católica?
— *Sim.*
— Nos arquivos da paróquia, ou mesmo na voz do povo, não há qualquer lenda sobre a fundação da freguesia?
— *Existe a lenda de que a paróquia de Arões, vem de Ara — altar, por abundarem nesta região as sepulturas Celtas, apenas uma se conserva intacta. Existem também vestígios de civilização Fenícia.*
— Quanto a vias de comunicação, fontenários e lavadouros todos os lugares estão bem servidos?
— *Não. Há necessidade de muita coisa, embora já construídas algumas obras e outras com pedido de realização.*
— Luz eléctrica, telefone e serviços do correio a freguesia está bem servida?
— *Não. Luz eléctrica, o povo entrou com avultada quantia e até hoje nada de novo. Telefone, só na sede da freguesia; correio, os serviços de correio satisfazem.*

— No entender de V. Rev. quais são as obras de premente necessidade a realizar para o bem comum dos seus paroquianos?
— *São várias mas quase todas com pedido de realização, que segundo me consta serão atendidos quando poderem ser.*
— Como os trabalhadores rurais, por enquanto, não tem regalias de carácter Social, não seria interessante, para defesa dos mesmos, criar a Casa do Povo?
— *Eles presentemente não querem, porque sabem também que os subcarrega.*
— A Imprensa diária e regional, por vezes tem manifestado a ideia de ser criada a Comarca de Cambra. Que diz V. Rev. a tal respeito?
— *Acho isso muito bem; e óptimo para o povo da Serra.*

Lomba da Agualva
Povoação típica pelo lajeado que cobre as moradias

JUNQUEIRA

IGREJA DE JUNQUEIRA

ENTREVISTA COM O REV. PÁROCO DA FREGUESIA DA JUNQUEIRA SENHOR PADRE JOÃO BAPTISTA BOLOTO

— Há quantos anos V. Rev. tomou conta da paróquia?

— Em 1 de Janeiro de 1952, sucedendo ao Rev. Padre Manuel Joaquim Tavares.

— Quantos fogos e habitantes tem?

— Tem 320 fogos com 1 620 habitantes.

— São todos católicos?

— É um pouco difícil responder, se considerarmos católico é aquele baptizado que professa a fé católica — participa do mesmo Sacrifício e Sacramento e Obedece em tudo ao Santo Padre e aos Bispos

— A côngrua estabelecida para cada fogo é o suficiente para o pároco viver?

— Nas actuais circunstâncias do nível de vida é insuficiente.

— A nova Igreja foi iniciativa de V. Rev. ou quando tomou conta da paróquia já andava em construção?

— Já andava em construção.

— Teve facilidade ou dificuldade em angariar os fundos para tão grande empreendimento?

— Mercê de grande esforço e a vontade de muitos e o auxílio dos restantes não houve grandes dificuldades. No entanto exigiu muitos sacrifícios e muita dedicação.

— O Estado contribuiu com alguma verba?

— Contribuiu com 120 contos. Os restantes 909 contos e trabalhos gratuitos avaliados em 50 contos foram dados pelos habitantes da paróquia e alguns amigos de fora da freguesia.

— Tem salão paroquial?

— Ainda não. Está no entanto previsto um salão com um 2.º piso para Casa de - Reuniões - Catequese, etc.

— As capelas da freguesia estão todas em bom estado de conservação?

— Não estão. Umas mais outras menos, mas todas precisam de reparações.

— A freguesia tem alguns rapazes no Seminário?

— Tem 2 no Seminário Diocesano e 1 no Seminário Missionário.

— Quantas Escolas e Postos de ensino existem na paróquia?

— Existem três escolas mistas e um Posto de ensino misto também.

— São o suficiente e estão todas em bom estado de conservação?

— São suficientes. Uma a da sede da freguesia, encontra-se em péssimo estado; as outras são edifícios modernos e óptimos.

— Quanto a vias de comunicação, água para o abastecimento público e lavadouros a freguesia está bem servida?

— A freguesia ainda está mal servida quanto a estradas. Há ainda 5 povos sem ligação por meio de uma estrada Quanto ao abastecimento de água e lavadouros ainda há muita falha

— De interesse peral, quais são as obras que necessitam ser realizadas com maior urgência?

— Estrada que ligue os povos que estão isolados. Abastecimento de água e lavadouros. Ampliação do cemitério. Salão paroquial. Mais iluminação pública.

— A emigração para o estrangeiro, melhorou ou prejudicou a vida da freguesia?

— Melhorou no aspecto económico. Nos outros aspectos, sobretudo religioso e também moral, nada tem ajudado.

— Sob o ponto de vista religioso, civil, etc. V. Rev. não tem algo de novo a manifestar?

— Embora sem ser uma resposta directa à pergunta seja me premitido dizer que tenho dado todo o meu esforço e apoio a tudo quanto dentro da paróquia possa ajudar a promoção total dos seus habitantes — religiosa — moral e socialmente. Promoção de homem como homem = como filho de Deus e membro das sociedades religiosas e civil, com este esforço e apoio tenho visado o bem estar a harmonia e a paz da paróquia. Sempre concordei com tudo o que não viesse afectar religiosa ou socialmente a vida da paróquia ou no momento presente ou num futuro mais ou menos próximo.

CEPELOS E ROGE

Estas freguesias, situadas nas abas da serra da Freita, já fazem parte da bacia do vale e, pela sua altitude, tem pontos de vista panorâmica deslumbrantes. De maneira geral, o seus habitantes trabalham na agricultura; todavia, um ou outro, tem fugido da lida dos campos e arranjado trabalho nas empresas que laboram no centro do concelho ou emigrado para o estrangeiro.

Sobre os pontos de vista mais inerentes à vida de cada uma das freguesias segue-se o que nos disseram os Rev. párocos e pessoas amigas.

CEPELOS

O que nos respondeu o Rev. Pároco da freguesia, Senhor Padre Manuel Correia da Rocha Guimarães.

— Há quantos anos V. Rev. tomou conta da paróquia?

— *18 anos.*

— Quantos fogos e habitantes tem?

— *Cerca de 500 e 2.000 h.*

— São todos católicos?

— *São.*

— Que conceito faz V. Rev. do nível da vida e índole dos seus paroquianos?

— *Relativamente baixo, com tendência a melhorar, devido a vários factores. Boa índole.*

— Qual a côngrua estabelecida para cada fogo?

— *1 alq. para os proprietários; 1/2 para caseiros e salário de um dia para operários.*

— Não há necessidade de ser actualizada?

— *Sim sobretudo nos proprietários.*

A nova Igreja de Cepelos

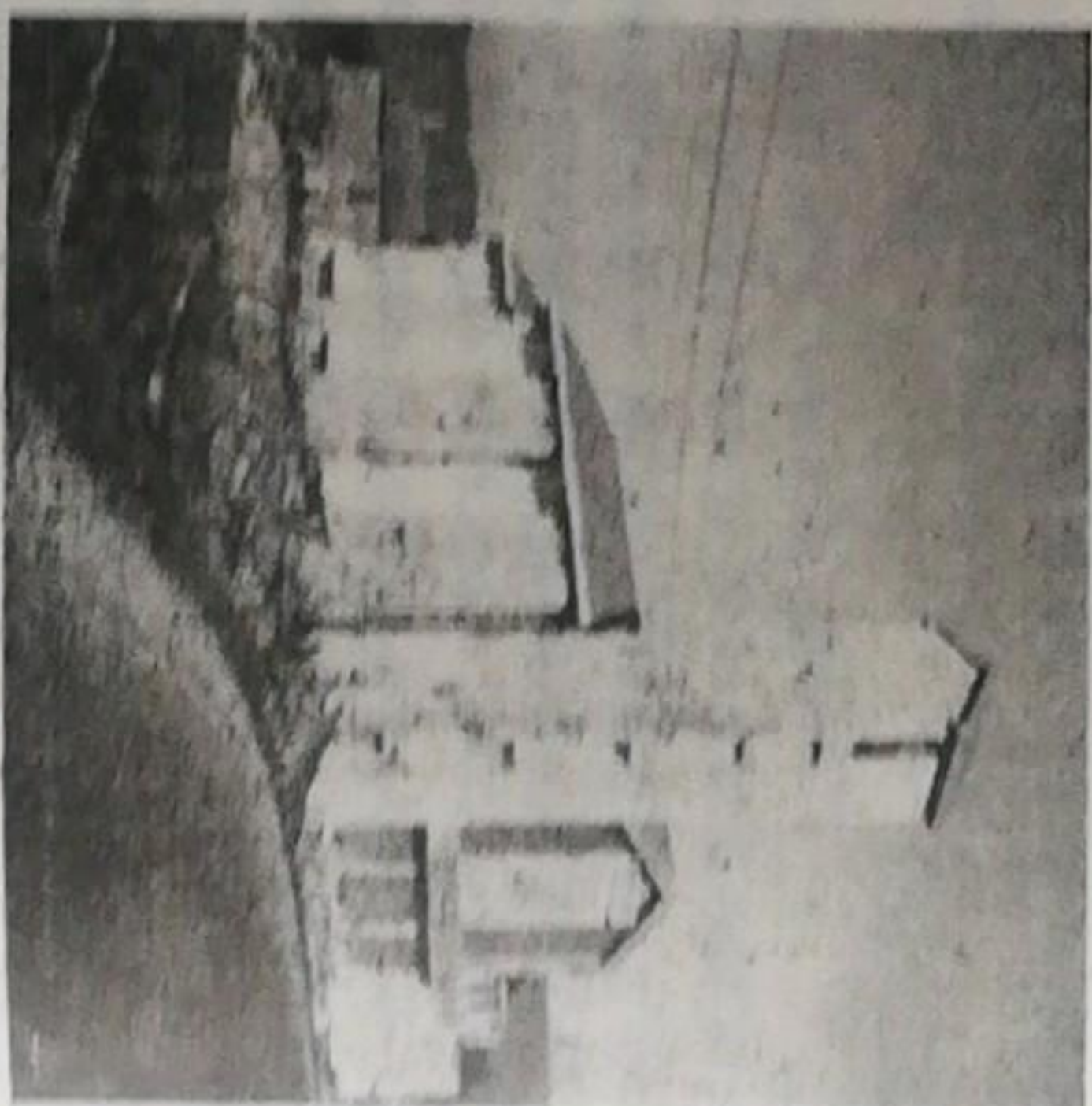
— Quantas capelas existem na paróquia?

— *5 Capelas.*

— Estão todas em bom estado de conservação?

— (*veja-se folha junta*) *na página. 146*

— Tem salão paroquial?

— *Será a cripta da Igreja.*

— Estudantes no Seminário tem algum?

— *1 no Diocesano e 6 em congregações religiosas.*

— Quantas Escolas e Postos de ensino existem na freguesia?

— *4 escolas.*

— São o suficiente?

— *Sim, presentemente.*

— Estão bem conservadas?

— *A do Casal em péssimo estado.*

— V. Rev. visita periódicamente as escolas?

— *A instrução religiosa está a cargo dos respectivos professores e todas são visitadas uma vez, apenas, por mês.*

— A juventude da freguesia, ao domingo, pratica desporto?

— *Alguma coisa mas não o suficientemente.*

— Como V. Rev. foi um dos grandes influentes para que fosse criada a feira dos 16 na freguesia, era favor dizer a data e alguma coisa sobre a evolução comercial que alcançou.

— *Em 1954, notando-se bastante incremento em transacções de gado bovino e géneros de mercearia.*

— A construção da nova Igreja foi iniciativa de V. Rev. ou o povo já tinha a obra em projecto?

— *Sim, foi o pároco. Não pensavam nisso.*

— Em que ano começou a construção?

— *Em 1956.*

— Todos os paroquianos contribuiram de boa vontade para levar a cabo tão arrojado empreendimento?

— *Sim, com esmolas e com trabalho.*

— Para quanto está previsto o montante da obra?

— *1.300 — 1.400 contos* (*veja-se folha*) — na pág. 146

— Algum paroquiano, dos que residem fora, ofereceu quantia digna de registo?

— *Não.*

— O subsídio do Estado foi grande?

— *40%.*

— Para quando pensa V. Rev. fazer a inauguração e as características da solenidade?

— *Certamente em 1968. Com simplicidade, sem prejuízo do explendor que tal merece.*

MUDANDO DE ASSUNTO

— Quais são as obras de interesse público que a freguesia necessita com mais urgência?

— *Fontes em vários lugares: Viadal, Gatão, Irijó, Cepelos e Tabaçó. Em qualquer destes lugares as condições de salubridade são precaríssimas. Caminhos*

estão uma verdadeira lástima. Não há memória de que a Câmara tenha concertado algum, em qualquer lugar.

— Em que ano chegou a luz eléctrica e o telefone a Cepelos?

— ***Luz em 1965. Telefone 1963.***

— Qual a opinião de V. Rev. sobre a fundação de uma Casa do Povo na freguesia?

— ***Benéfica, se conseguir realizar o fim para que são creadas ou fundadas.***

— V. Rev. não tem algo de novo a manifestar sobre o bem comum da freguesia?

— ***O alheamento em que vivem as autoridades, levava-as a desinteressar-se por todos e por tudo. Nas escolas, deviam promover-se sobretudo nos principais feriados nacionais conferências, etc, promover-se fundação de bibliotecas paroquiais, etc.***

-- A Imprensa, por vezes, tem falado no sentido de Vale Cambra ser elevado a categoria de comarca. Qual a opinião de V. Rev.?

— ***Para já entendo ser utupia.***

(a) ***Eis o que diz a folha:***

A freguesia de Cepelos, situada na margem esquerda do Caima, é constituida por uma faixa de terreno, que se estende desde as faldas da Serra da Freita às terras de Cavião, de Castelões.

Dista da sede do concelho 8 quilómetros e mede, aproximadamente, 15 quilómetros de comprimento por 8 de largura. Circunvizinham-na, ao nascente as freguesias de São Miguel de Urrô e Albergaria das Cabras, do concelho de Arouca ao sul as de Arões e de Junqueira, da diocese de Viseu; ao poente a de Castelões e ao norte a de Roge e o rio Caima, que lhe corre aos pés.

Tem dez povoações, com cerca de 500 fogos e duas mil almas, todas servidas por estrada ou estradão, excepto a Póvoa dos Ghãos, que situada na margem direita do Caima, dista do centro da freguesia perto de 9 quilómetros. As outras povoações são: Viadal servida por estradão, dista da Igreja paroquial 6 quilómetros, com capela dedicada a Nossa Senhor da Ouvida, de cujo adro se disfruta deslumbrante panorama e onde há missa todos os domingos, para servir povos de três freguesias — Paço de Mato, de Roge e Felgueiras de Arões e toda a parte alta de Cepelos; Tabaçó, também servida por estradão, fica a igual distância; Vilar, servida por estrada Camarária, a 4 quilómetros, Gatão, servido pela mesma estrada, com capela, construida de novo e ampliada, onde se gastaram perto de 130 contos, dedicada ao Divino Espírito Santo; Cepelos, com estradão e com capela de Nossa Senhora do Amparo, a 2 quilómetros; Irijó, com capela da Senhora dos Remédios, a três quilómetros, servida pela estrada Nacional 227 — (Porto — Viseu); Merlães o maior lugar da freguesia, servido por estrada, com capela dedicada ao Santo António, construida de novo e ampliada, em 1953/54, onde se gastaram aproximadamente 350 contos — melhoramento devido ao filho daquele lugar, José Soares de Pina, importante industrial no Rio de Janeiro; Paçó, servido por estradão, a dois quilómetros da Igreja; finalmente Casal, sede da freguesia, onde existe a Igreja matriz, acanhada e em mau estado de conservação e onde se anda a construir a Nova, orçada, quase há dez anos, em 850 contos, mas em que se gastaram já novecentos e tal facto que se deve ao encarecimento dos salários e materiais. Preve-se que, depois de todos os acabamentos, o total do seu custo se eleve a 1300 — 1400 contos.

Ainda do Rev. pároco;

(CEPELOS)

Cepelos — o seu primeiro donatário foi o convento dos monges beneditos de Castromire - (Crestuma), a quem foi doada esta Igreja de Cepelos—por D. Ordonho II e os fidalgos da sua Corte, em 922. Foi depois da Casa do Infantado, que lhe apresentava o prior, que tinha o rendimento de 400$00 réis e criação de gado bastante bom.

Pertence à 2.ª divisão militar e ao Distrito de Recrutamento e reserva n.º 24, com sede em Aveiro.

CEPELOS — FACTOS E LENDAS

por *A. T. R.*

A freguesia de Cepelos, situada a nascente da sede do concelho, (ver livro VALE DE CAMBRA) é uma terra tão antiquíssima que a origem dos seus primeiros povoadores se perde na precedente voragem dos tempos; todavia, embora sem documentos comprovativos, dizem haver sido os Lusitanos os primeiros povos que ali se instalaram.

Morto o seu chefe Viriato, estes divididos em pequenos núcleos, um deles perseguido pelos Romanos veio acampar no sítio conhecido pelo nome dos Castelos, tendo sido, anos depois, perseguido e vencido pelos romanos em renhida luta travada no local que até hoje ficou designado pelo nome de Batalha, que se situa na parte poente da freguesia e a 200 metros do Castelo onde actualmente se encontra a barragem Engenheiro Duarte Pacheco. Na parte nascente da freguesia, a pouca distância dos Castelos, encontra-se um enorme bloco de pedra granítica chamado o Cabeço do Outeiro dos Riscos, nome que lhe provém dos vários traços e riscos desenhados em baixo relevo numa das faces do bloco; apreciados e estudados por alguns entendidos arqueólogos, entre os quais o Dr. Alberto Santos, ao tempo director do Museu Arqueológico de Aveiro, são divergentes as opiniões quanto a origem dos referidos traços e desenhos. Há quem os atribua aos romanos quando da sua permanência e passagem por esta freguesia ao longo da estrada Viseu ao Porto, outros dizem ser obra dos Mouros, havendo quem diga que tais riscos e desenhos são obra de passa-tempo dos pastores que em tempos idos por aqueles sítios apassentavam seus rebanhos de gado caprino e lanígero.

Na freguesia não são conhecidas obras de arte, a não ser o altar-mór da velha igreja paroquial, colocado agora na nova igreja. No lugar de Cepelos existe uma velha casa brazonada, cujo brazão, de construção granítica, é, em seu conjunto, formado por

uma cruz trabalhada em pedra assente sobre a tiara pontifical esculpida em alto relevo e tendo por moldura na base duas chaves cruzadas, dos lados duas colunas de forma cilíndrica com vários ornatos que são rematados por um artístico florão no seu vértice. Data de 1764. Consta haver sido, a referida casa, tulha ou celeiro onde eram recolhidos e guardados os fóros das terras da freguesia que eram foreiras ao Convento da Rainha Santa Mafalda de Arouca. A poucos passos da velha casa brazonada encontra-se a capela da Nossa Senhora do Amparo, padroeira do lugar de Cepelos, cuja primitiva edificação data de 1730; havendo sido reedificada em 1942 por iniciativa do Industrial e proprietário António Moreira de Paiva com o auxílio do povo do lugar. O altar da Nossa Senhora do Amparo é uma obra digna de ser vista e apreciada.

Sobranceira à nova igreja paroquial e a caminho do lugar de Merlães, encontramos uma pequena planície chamada da Mánoa, e, referente a este local, há uma lenda que diz haver sido acampamento e refúgio de uma linda princesa Moura que inamorando-se de um jovem guerreiro Lusitano conseguiu iludir a vigilância dos guardas do seu acampamento e fugir na companhia do seu bem amado para aquele local, renegando o islamismo e convertendo-se ao cristianismo. Uma noite, após dias felizes de noivado, viu cercado o seu amoroso e pacífico refúgio pelos seus irmãos de raça que em altos brados reclamavam a prisão e morte da linda princesa como represália e vingança da sua alta traição à pátria e religião. Na iminência da prisão, e não vendo possibilidades de qualquer meio de fuga, caiu de joelhos e, com o olhar posto no Céu, invocou o nome de Nossa Senhora do Livramento. Então uma voz doce e Amorosa ecoou no espaço «Não te intimides, nada receies, estou convosco». Momentâneamente irrompendo as trevas da noite uma luz forte irradiou todo o local dando-lhe uma nova e estranha configuração. Os Serracenos, cegos e cheios de medo por tão estranho e imprevisto acontecimento, fugiram em debandada deixando em paz a linda princesa e o seu bem amado. Então, em reconhecimento da milagrosa intervenção de Nossa Senhora, o feliz casal ali mandou edificar uma linda Capelinha sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento que, com o decorrer dos tempos desapareceu. Anos depois, em substituição da capelinha, alma generosa mandou edificar no mesmo local um pequeno nicho, que velho e carcomido pelo bater dos anos foi demolido e de novo mandado reconstruído pelo benemérito Comendador Luís Bernardo de Almeida em 1932; encontrando-se actualmente, dia e noite, iluminado por um pequeno lampadário em perpéctua comemoração do lendário acontecimento.

ROGE

O QUE NOS RESPONDEU O REV. PÁROCO DA FREGUESIA SENHOR PADRE JOÃO AUGUSTO DA FONSECA GUERRA

— De que terra é V. Rev.?

— *Válega – Ovar.*

— Há quantos anos tomou conta da paróquia?

— *Há dez anos.*

— Quantos fogos e habitantes tem a freguesia?

— *Entre 450 a 500* (faltou mencionar os habitantes).

— Todos professam a religião católica?

— *Sim.*

— Tem alguma confraria?

— *N. S.ª do Rosário, N. S.ª do Desterro, N. S.ª da Luz, Santa Ana, Santa Cruz, SS. Sacramento.*

— De que tempo datam?

— *Todas de data bastante antiga, menos as de Santa Cruz e N. S.ª da Luz, de data recente.*

— O número de irmãos é grande?

— *Sim, excepto da N. S.ª da Luz.*

— Quantas capelas existem na paróquia?

— *Santa Ana, N. S.ª do Desterro, Santa Cruz, N. S.ª da Luz, uma capela particular da família do Paço.*

— Qual o estado de conservação das mesmas?

— *Satisfatório.*

— Nos arquivos da paróquia não existe documentos que prove a data em que foi construída a primitiva Ermida da Nossa Senhora do Desterro?

— *Não.*

— A nova ermida em construção é custeada com as ofertas dos romeiros?

— *Em pouca quantia.*

— Como a festa da Senhora do Desterro é largamente concorrida, o montante das ofertas deve ser grande?

— *Infelizmente não. A festa tem de média um rendimento de 7 a 8 contos.*

— A quanto vai o orçamento da nova capela?

— *Está previsto para a obra completa a importância de 500 contos. (Há que considerar o aumento de preços e a demora da execução).*

— A Igreja ainda tem capacidade para receber todos os seus paroquianos em dias de festa solene?

— *Não.*

— O Cemitério não necessita de ser ampliado?

— *Parece que sim.*

— A congrua estabelecida para cada fogo é o suficiente para o pároco viver?

— *Nada é estabelecido: há total liberdade de contribuição em moldes especiais e curiosos*

— A freguesia tem algum estudante no Seminário?

— *Não.*

— Como considera V. Rev. o nível de vida e a índole dos seus paroquianos?

— *Nível medíocre – ameliorada pela emigração. Pouca cultura. Vício da taberna.*

— Sob o ponto de vista rural, a freguesia está bem servida em vias de comunicação?

— *Mal servida.*

— Quais são os lugares que ainda não tem estrada?

— *Estrada transitável falta na maioria dos lugares. Há 3 lugares não atingidos pela estrada principal.*

— No que diz respeito fontenários e lavadouros os habitantes estão bem servidos?

— *Não.*

— Quanto a Escolas e Postos de Ensino são o suficiente?

— *Sim.*

— Qual é o estado de conservação dos edifícios escolares?

— *Bom.*

— Alguma das escolas tem cantina ou biblioteca?

— *Só pequena biblioteca.*

— As crianças em idade escolar estarão todas matriculadas?

— *Sim.*

— A luz eléctrica chega a todas as povoações da freguesia?

— *Não.*

— A distribuição da correspondência para os lugares afastados como é feita?

— *Há carteiro próprio.*

— A imigração para o estrangeiro, sob o ponto de vista agrário e económico, beneficiou ou prejudicou os interesses da freguesia?

— *Beneficiou.*

— V. Rev. não tem a fazer qualquer petição aos seus paroquianos ou aos que superintendem nos destino do concelho?

— *Havia muita coisa. No entanto, há uma obra que tem vindo a ser lembrada e já o foi mesmo no jornal "O Comércio do Porto", por todos quantos visitam o Cruzeiro. Era a ligação da estrada que passa pelo Adro de Roge com a Barragem. É que para se visitar as duas coisas, tem de se andar para trás e para diante... Ficaria, como dizem, um circuito turístico de grande interesse.*

— Para defesa dos trabalhadores rurais não seria interessante criar a Casa do Povo?

— *Não.*

— Sob o ponto de vista histórico, V. Rev. não tem nos arquivos da paróquia ou até mesmo lido, algo de novo que mereça ser reproduzido?

— *Não.*

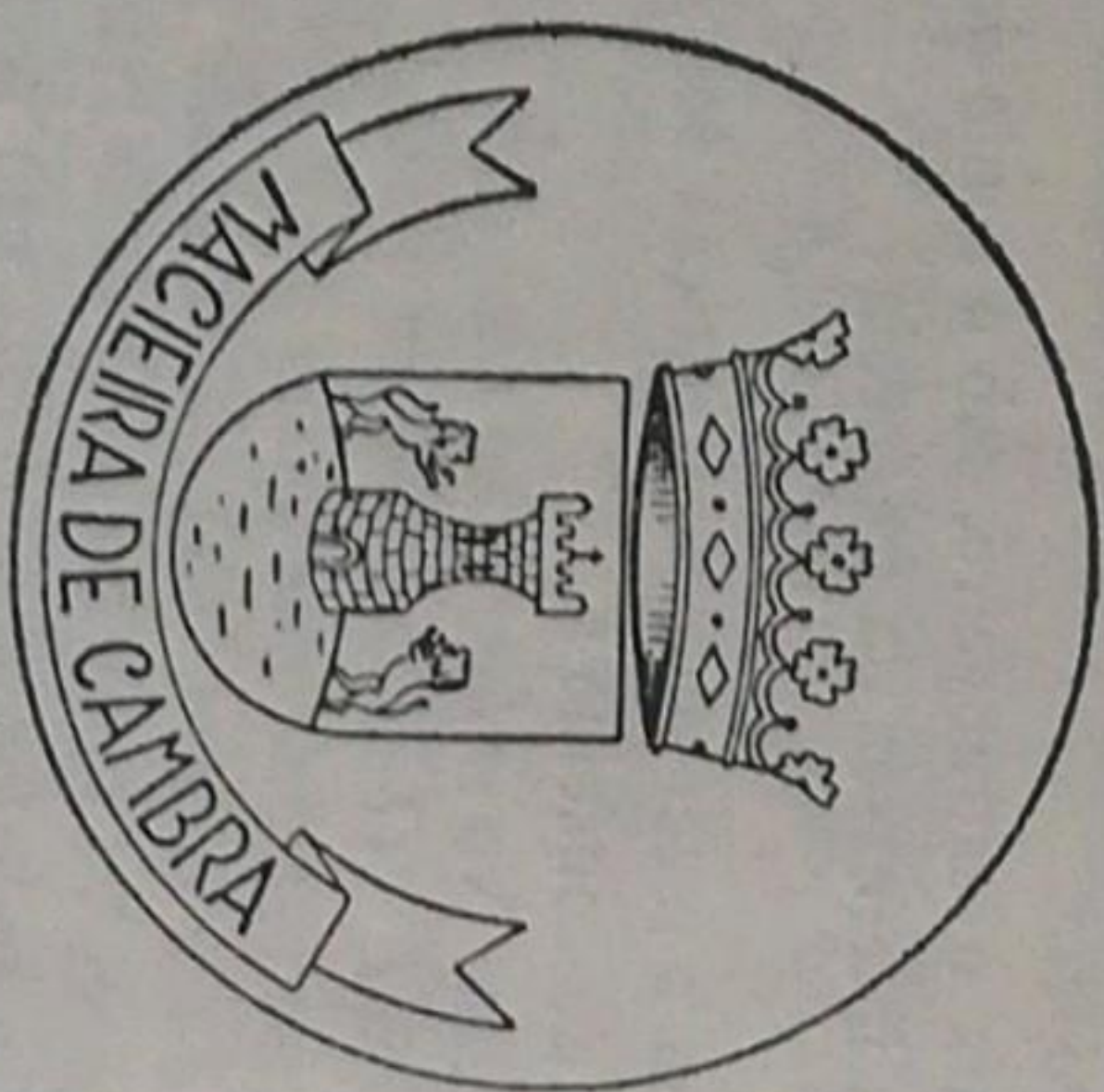
(História da freguesia — ler monografia «VALE DE CAMBRA»

MACIEIRA DE CAMBRA

Na monografia "VALE DE CAMBRA", páginas 121 a 131, está descrita em pormenor a história da freguesia e o relativo à sede de concelho; seu engrandecimento, personalidades em destaque, comércio, indústria, etc.

No presente opúsculo tem a competência de historiar as coisas relacionadas com a freguesia o Senhor Armando Soares de Albergaria, e, também, um pequeno inquérito que fizemos ao Rev. pároco sobre a vida da paróquia.

— A fundação da vila de Macieira de Cambra perde-se na antiguidade dos tempos. Por doação do ano de 922, feita pelo Rei Ordonho, ao Bispo de Gomado e ao Mosteiro de Crestuma, é já mencionada, fazendo mais tarde parte das terras de Santa Maria de Vandôma, pelo que durante muitos anos, foi conhecida pelo nome de "Santa Maria de Câmia".

MACIEIRA DE CAMBRA

BRAZÃO

Constituída, de começo, uma freguesia rural, com suas "quintaneas", "Agras" "Povoas", "Vilares", e "Chaves", foi mais tarde, devido a uma importância sempre crescente, já pela riqueza do seu solo, já pelo aumento constante da sua população, elevada à categoria de município, levando a crer que lhe foi dado foral logo nos começos

da monarquia portuguesa, dadas as referências que são feitas no maço 5.º dos forais antigos da Extremadura livro 8, quando D. Manuel I lhe concedeu foral em 10 de Fevereiro de 1514.

Ainda hoje Macieira de Cambra ostenta o seu antigo pelourinho, injustamente deslocado para local impróprio.

Em 1895 foi extinto o concelho e anexo ao de Oliveira de Azeméis; porém, três anos depois, 1898, foi reconhecido o seu valor económico e retomou a sua independência.

Quando sede de concelho ou couto, que se manteve por séculos, teve Brazão e Bandeira. — *(Retratado pág. 152)*

O brazão constava de uma torre de prata com ameias e cornicheus em campo preto, que rematava uma cruz de ouro e dois lobos em sua cor natural e de pé rompendo contra a torre, que estava em campo verde.

A bandeira era em damasco vermelho, bordada a ouro com sete castelos e cinco quinas azuis, assentes sobre fundo branco, de uma paisagem extraordinàriamente verdejante e encantadora.

A. S. de Albergaria.

*

* *

INQUÉRITO COM O REV. PÁROCO SENHOR PADRE JOSÉ MARTINS ALVES.

— V. Rev. é natural de?
— *Touriz — Paraiso, Castelo de Paiva.*
— Há quantos anos tomou conta da paróquia?
— *Em Novembro de 1947.*
— O número de fogos e habitantes é grande?
— *985 fogos e cerca de 4 500 habitantes (em 1960).*
— Todos professam a religião católica?
— *12 pessoas protestantes.*
— A paróquia tem alguma confraria?
— *Não.*
— A igreja ainda tem capacidade para receber todos os paroquianos?
— *É pequena para conter os fieis nas duas missas dos domingos, não obstante haver mais 4 missas em Capelas.*
— Tem salão paroquial?
— *Não.*
— Quantas capelas existem na freguesia?
— *6.*
— Estão todas em bom estado de conservação?
— *Mais ou menos.*

— A congrua estabelecida é o suficiente para o pároco viver?

— *Perto de metade não pagam e os que pagam, pagam pouco. Mesmo assim chega.*

— Como considera V. Rev. o nível de vida e a índole dos paroquianos?

— *Boa gente e, como nas demais freguesias, com boa média de vida.*

— A freguesia tem alguns estudantes no seminário?

— *Actualmente apenas 4. Um já no 2.º ano de teologia.*

— Quantas Escolas e Postos de Ensino existem na paróquia?

— *12.*

— São o suficiente?

— *Creio que são o suficiente.*

— Estão em bom estado de conservação?

— *Razoáveis.*

— Alguma das escolas tem cantina e biblioteca?

— *As 6 da Praça tem cantina.*

— A retirada do Seminário prejudicou os interesses morais dos paroquianos?

— *Sim, e até materiais, pois davam alimento a muitos pobres.*

— Quais são as vantagens que a Casa do Povo trouxe aos habitantes da freguesia?

— *Auxílio aos trabalhadores rurais, dando-lhes médico de graça, metade dos remédios, subsídios pecuniários, etc.*

— E a Casa de Saúde trouxe algum benefício?

— *Não trouxe benefícios.*

— Quantos internados tem o Ar-Alto?

— *Cerca de 23.*

— De que sexo?

— *Ambos.*

— Quem paga o internamento?

— *É gratuito.*

— Haverá ainda quem alimente a esperança dos paços do Concelho voltar ao antigo edifício?

— *Isso já passou.*

— Macieira de Cambra, quando a vida era difícil, sustentou uma Banda de Música durante largos anos; porém, há talvez 12 ou 15 anos, tão conhecida colectividade deixou de existir. Será sintoma de decadência no bairrismo que o povo de Macieira outrora alimentava fervorosamente?

— *Não. São sinais de tempos. Agora é o futebol e mais nada.*

— No que diz respeito a melhoramentos de interesse público o Município tem correspondido aos desejos do povo?

— *Pouco e sempre tarde e a más horas. Não há lavadouros, nem fontenários e haja em vista a estrada da Praça à Pena que serve muitos lugares e que está intransitável, a ponto da carreira do correio de Arouca deixar de lá passar.*

— Quais são as obras que o povo pede com mais urgência?

— *Estrada acima mencionada, a estrada de Porto Novo para a qual o povo*

contribuiu com um donativo já há anos e os necessários lavadouros e fontenários, principalmente na Praça.

— Nos arquivos da paróquia não existe algo de interesse a poder ser publicado?

— *Nada.*

— *É digno de notar, pelo seu valor histórico, que arrumaram o pelourinho para local impróprio.*

CASTELÕES

Em área e população, dentro da bacia do Caima, ocupa o primeiro lugar. Pelo norte, confina com a freguesia de Vila Chã e Macieira; pelo sul, com Silva Escura; nascente: Roge, Cepelos e Junqueira; poente Palmaz e Ossela.

É atravessada de leste para oeste pelo rio Caima, de norte para sul pelo Vigues e de sul para o norte pelo Moscoso; regatos e ribeiros sulcam-na em todas as direcções.

Os seus campos são férteis, e a sua fertilidade, em parte, é proveniente de abundância de água. Ao norte e centro, as águas do Caima e do Vigues, abrange uma grande área de regadio; as águas do rio Moscoso e outras vertentes para tal fim aproveitadas, regam a parte nascente e sul da freguesia. O rio Moscoso tem o seu início próximo do lugar da Chã da freguesia de Junqueira, as suas primeiras vertentes são captadas um pouco abaixo do início, permitindo assim regar uma grande parte das terras altas da freguesia e o canal é conhecido por rego da Chã. Rio abaixo há diversos diques com canais que conduzem a água para regar os terrenos duma e outra margem. O rio Moscoso com os regatos seus afluentes, e ainda algumas vertentes procedentes de minas ou que nascem espontâneamente

fertilizam a maior parte da freguesia. As águas de rega, no tempo das culturas, na maioria, são distribuídas em giro. Para melhor distribuição das águas e maior área de regadio falta fazer a represa na Chã, há muitos anos planeada mas não construída.

A freguesia, desde o advento do Estado Novo, tem recebido alguns melhoramentos de interesse geral; mas diga-se de verdade, não correspondem à posição que a freguesia ocupa na grandeza do concelho. Algumas escolas foram feitas, mas apesar dos 10 ou 11 salões que existem não são o suficiente. Assim o prova os desdobramentos que há em quase todas as escolas; até mesmo um salão da casa da Junta de freguesia está adaptado a Posto de Ensino. Outro tanto sucedendo com a falta de fontenários e lavadouros em alguns lugares. No que diz respeito a estradas camarárias a quilometragem aberta é muito reduzida. Enfim, na época das realizações, a Câmara Municipal pouco capital dispendeu em melhoramentos na freguesia de Castelões, com uma agravante ainda de ter começado obras e não lhe ter dado fim, o que é de lamentar. Quero referir-me à abertura da estrada Rabaceira-Baçar e ao abastecimento de água aos lugares de Lombela e Mártir. Obras estas de pequena monta e que estão encravadas há muitos anos sem o povo saber a quem cabe a responsabilidade.

(O abastecimento de água aos referidos lugares começou em 1940 com a compra da água pelo então Presidente do Município Dr. Domingos de Almeida Brandão. A escritura da compra foi feita em 15 de Outubro do dito ano e outorgada, por parte do Município, pelo Senhor Dr. Armindo Ferreira de Matos, que tinha assumido a presidência da Câmara. A população dos referidos lugares, em 1940, devia ser um terço da que é hoje, e já então era reconhecido a necessidade do abastecimento de água. Porém, os anos decorrem e, apesar da água comprada, a Câmara não conclui a obra. O povo, por vezes tem feito exposições às entidades superiores, mas em vão. As vereações da câmara sucedem umas após outras, o povo reclama mas sem resultado. Sucede que há coisa de 3 ou 4 anos, quando era Presidente do Município, Senhor Dr. Rogério Martins Fernando, uns quantos moradores do lugar do Mártir, em dia de sessão camarária, apresentam-se, mais uma vez, a expôr a necessidade da conclusão da obra. Foi então que S. Ex.ª tomou providências e alguma coisa fez. Por compra, anexou uma parte de água pertença de outro proprietário, mandou limpar a mina e, embora numa distribuição deficiente, fez chegar o precioso líquido aos referidos lugares — e não acabou a obra por ter findado o seu mandato. — Porém, fora do que estava previsto, foi colocado um fontenário no lugar da Rabaceira, que por ser o primeiro a receber água, e ainda devido à deficiente distribuição, deu origem a que o lugar do Mártir esteja sem água. Quanto à estrada Rabaceira-Baçar é outra obra encravada. O caminho foi alargado, mas no inverno não se pode passar. Consta que o Município tem em projecto novas obras e entre as quais estão incluídas o acabamento das referidas. Oxalá que assim aconteça).

Castelões tem tido beneméritos, não resta dúvida! no entanto, no tempo que vai decorrendo, que é de progresso acelarado, faltam castelonenses que auxiliem a Câmara a levar a efeito melhoramentos de interesse público. Esta coisa de comodismo «a Câmara que faça» não está certo. Os que podem, pelos seus haveres ou influência política, devem fazer valer o seu prestígio em favor da freguesia. Deixar tudo

a cargo do Município, não há que estranhar longas demoras na realização de qualquer obra.

Um povo que está mal servido em vias de comunicação, são os habitantes dos lugares de Quintã da Ucha, Moscoso, Bouça, Cartim, etc. Consta que já está levantado o projecto de uma estrada da Rabaceira ou Covo para servir esses lugares, bom seria que a sua abertura não demorasse. Também é de inteira necessidade a abertura de uma estrada do lugar da Igreja aos lugares de Quintã, Formiga e Bouça da Aguincheira.

Também era de justiça que as Entidades competentes dessem acabamento às estradas, há muitos anos começadas, de Aguincheira a Santa Cruz e de Lombela a Palmaz.

Quanto à igreja de S. Martinho e convento de frades e monjas, que existiu no século X no lugar de mosteiro, anteriormente vila Pinioli, na freguesia de Castelões do actual concelho de Vale de Cambra, de que faz referência a G. E. P. e B., não consta vestígio ou lenda de tal igreja ou convento.

Na freguesia há um lugar muito antigo mas conhecido por Mosteirô, será o mesmo? A poente do dito lugar, (talvez a dois quilómetros se tanto), existe o lugar de Mosteiro e uma velha igreja, que foi sede da freguesia de Ossela até aos princípios do século em curso. O seu patrono é S. Sebastião e não S. Martinho, o que não importa; pois, pode ter mudado de nome quando sede de freguesia. Será este o referido lugar de vila Pinioli e, mais tarde, Mosteiro? A ser assim, o Mosteiro e igreja velha de Ossela teriam sido património da freguesia de Castelões.

A igreja velha de Ossela, de facto, estava deslocada do centro da freguesia, só por remedeio podia servir, como o provou a construção da nova igreja no lugar de Santo António. Talvez à fundação da freguesia de Ossela, Castelões tenha cedido o lugar de Mosteiro e a sua igreja para sede de freguesia, visto que, com tal cedência, auxiliava a nova paróquia. Se tanto sucedeu remonta a tempos muito antigos.

CASTELÕES

VERDADES E LENDAS

Diziam os antepassados que os primitivos povoadores da freguesia se instalaram nos pontos altos com medo das inundações. Gestoso, Decide, Vale do Lobo, Janarlado, etc.; foram os locais preferidos, e que a igreja paroquial era nas imediações da Decide, Sítio que ainda hoje é conhecido por Altar ou Púlpito. Há quem afirme que, no dito local, a pouca profundidade, se encontra pedra trabalhada. Há também, a pequena distância, locais com nomes que nos parecem relacionados com a vida duma paróquia como sejam: Campas, Valecáveiras, Fonte do ano, etc. Se levarmos em conta que púlpito ou altar é relativo a igreja; campas, que se liga com sepulturas, caveiras, com ossos, e fonte com abastecimento de água, tudo leva a crer que algo de positivo deu origem a tão usados nomes.

No sopé do monte, um pouco abaixo do Vale do Lobo, existe uma velha moradia que ainda serve de residência a caseiro que cultiva larga área de leiras conhecidas por quinta da Costa Boa. Para o presente ficava melhor: quinta da «Costa Má», devido ao péssimo acesso. Porém nesses tempos passados, é natural que pela posição, um pouco abrigada, desses abundantes produtos agrícolas e, desta vantagem, lhe tenha vindo o nome de Costa Boa. No entanto uma lenda há que faz perder o conceito da abundância. Eis a lenda. «Quando os animais falavam, os galos da «Costa Boa» cantavam: «aqui passa-se fome», e os galos de Moscoso (lugar que fica em frente) respondiam: «aqui também». Uma azenha acionada a água do rio Moscoso, que desliza entre o dito lugar e a quinta, compreendia a lamentação dos galos e, também, por falta de cereal, andava quase sempre de balde, confirmava na sua rude expressão «sempre assim foi, sempre assim foi».

O lugar de Cartim, no dizer de algumas pessoas, foi habitado por Cartagineses do qual lhe vem o nome.

Cabril. O seu primeiro morador veio de terras longínquas com um casal de cabras, e a proliferação foi tão fecunda que, no decorrer do tempo, de cabra passou a Cabril. Mais ao norte, na mesma cordilheira e na margem esquerda do Caima, assenta o lugar do Barbeito, que alcançou o nome por os seus primeiros moradores serem barbudos. Aires Martins, na sua obra «Virgem de Codal» coloca no alto deste lugar a existência dum castelo, do qual deriva o nome da freguesia; porém, se tal castelo existiu não há vestígios. Mais a norte, já na margem direita do Caima, em plano elevado, o lugar das Baralhas, que foi campo de batalha entre cristãos e mouros. Vencidos os Mouros, recolheram ao seu notável Crasto, localizado em plano paralelo ao sul do dito lugar, na freguesia de Ossela. Como represália, porém, os mouros, tentaram represar as águas do Caima com uma forte barragem, da qual ainda existe no leito do rio largos vestígios, para com a detenção das águas inundar a parte baixa da freguesia de Castelões. (Por vezes, o rio Caima tem grandes cheias, mas por maiores que sejam não têm removido as pedras colocadas umas sobre as outras em sentido de paredão, por serem de grande volume). De tão acesa batalha ficou o local a ser conhecido por Baralhas. O lugar do Marco alcançou nome por um marco de elevadas proporções que demarcava limite de terras. O lugar de Areias, na bifurcação dos rios Moscoso - Caima deve ter a sua origem por o terreno ser arenoso. Nos campos de cultura em redor do lugar, cavando um pouco fundo, encontra-se cascalho e areia, demonstrando que o local esteve inundado. Baçar lugar muito velho e de nobres tradições, assenta num morro que foi necessário fazer aterro para que a água de rega chegasse ao centro do lugar, era o ponto de paragem dos pastores por ser enxuto. Com a frequente permanência, devastaram as árvores, construíram uma cabana para se defender das chuvas, e, assim, segundo consta, do desvaste do arvoredo e duma cabana de abrigo, começou o lugar de Baçar. A povoação da Felgueira, ao fundo dos montes de Janardo, é a mais distante da sede da freguesia; dizem que o seu primeiro habitante foi um deportado nativo de Viana do Castelo. Quando necessitou dos serviços de um sacerdote mandou recorrer ao pároco de Palmaz por ser mais perto. O sacerdote negou-se e, então, o enfermo apelou para o abade de Ossela, que também se recusou; em última instância, por ser longe, mandou

chamar o reitor de Castelões que prontamente o atendeu. Já moribundo, pediu para ser sepultado na freguesia do padre que lhe ministrou os últimos sacramentos. Motivo que trouxe o lugar da Felgueira para Castelões. Porém, a morte do sacramentado causou embaraço para retirar o cadáver de tão isolado lugar.

O povo então decidiu abrir caminho do alto do lugar de Cabril até ao lugar de Felgueira. Era trabalhoso o empreendimento, mas, com a força de vontade de ser mais um lugar que vinha para a freguesia, deitaram mão à obra e em poucos meses abriram a desejada via de comunicação. O povo da freguesia de Ossela não levou a bem a abertura do caminho por atravessar os montes da Escaiva que eram património da freguesia.

Tocaram sino a rebate e foram destruir o que estava feito. Castelões levou a mal e o povo da Felgueira pediu apelo: uma pessoa do lugar fez-se doente, chamaram o pároco para a confessar, consertaram o caminho e, seguidamente, com grande acompanhamento, levaram o Santíssimo à pessoa «enferma».

Havia uma lei, e o respeito pelas coisas da igreja também mandava, o que não era permitido devassar caminho por onde tivesse passado o Santíssimo e, assim, com tal privilégio, ficou assegurado o caminho para a povoação mais distante da sede da freguesia, com a vantagem ainda de toda área de monte por onde a nova artéria passou ficou a ser bens de Castelões.

Agosto de 1968.

M. A. Campos.

VILA CHÃ

Orago: Nossa Senhora da Purificação. É a freguesia da sede do concelho e a Igreja Matriz fica a um quilómetro (Vale de Cambra). Pelo topónimo e arqueologia se revela ser muito anterior ao século XII o povoamento do território desta freguesia a julgar especialmente da existência de fortificações castrejas nas imediações (uma delas a «cividade» *Calambriga* pré-romana, de que se conserva o nome no concelho, Vale de Cambra, recordação da «terra» de *Caambria, Caambra* medieval, representante dessa «cividade» e seu território e dos topónimos antroponímicos de origem germânica (alusivos a «villas» cuja recordação neles se conserva, as quais resultaram da ocupação romana do território da «cividade» aludida). Neste ponto os princípios como todos os factos pré-nacionais de Vila Chã são inseparáveis dos de Macieira (de Cambra), sua chegada vizinha. Na toponimia da freguesia de Vila Chã, são notáveis especialmente os topónimos Muradal de talvez castrejo (de «murado»), relativo a uma iminência fortificada; Moinho Vedro pelo termo «vedro» (lat. *veteru*) que indica, pelo menos medievismo; Lordelo, velho topónimo de sentido vegetal (do lat. *lauridella*); Póvoa, que indica repovoamente talvez dos inícios da Nacionalidade ou sensívelmente anterior;

Refojos, também muito antigo e talvez respeitante a defesa de povos primitivos (do lat. *refugiu*) ; e Teamonde, genitivo de um nome pessoal de origem germânica, significando uma *Teodemundi* « villa », talvez de origem na época romana, na « cividade » de *Calambriga*, «vila essa novamente denominada sob a dominação asturo-leonesa, provàvelmente no século VIII. As Inquirições de D. Dinis citam em «terra» de Cambra a paróquia de Santa Maria de Vila Chã e nela duas honras ; a do Muradal, que era de Gomes Viegas, e a pròpriamente de Vila Chã, considerada «herdamento de D. Froilhe». Esta dona, portanto herdara-a de seu pai, que, de facto, era da estirpe dos de «Cambra», pois trata-se de D. Froilhe Fernandes, filha de rico-homem D. Fernandes Anes «Cheira», que herdara a honra de sua mãe D. Maria Vermudes «Varela» (casada com o rico--homem D. João Fernandes «de Riba de Vizela»). (Sobre os nomes da «terra» de Cambra v. Vale de Cambra).

Do século XVII para o XVIII, a freguesia era do concelho de Bemposta e era curato da apresentação das freiras beneditinas do Porto ; mas nos meados do século XVIII já era priorado da apresentação do mosteiro de Arouca, com a renda do pároco de 400 mil reis. Além da igreja, templo antigo, havia as capelas de N.ª S.ª da Ribeira, em Teamonde, N.ª S.ª das Dores, em Lordelo, e Santo António na Gandra, além de outras três particulares (em Refojos, na Cancela e no Muradal). Participou esta freguesia do foral da Feira e Santa Maria, dado por D. Manuel I, em Lisboa a 10-II-1514.

Tem beneficiado de alguns melhoramentos públicos, entre os quais um Escola no lugar de Lordelo, a estrada municipal da Ponte dos Plames para o mesmo lugar ; um fontenário e lavadouro também em Lordelo, e na igreja, a expensas dos paroquianos, uma nova torre que, em paralelo com a antiga, deu elegância ao templo. É nesta freguesia que está colocado o forte da indústria valecambrense. Presentemente, a firma ARSOP-Indústrias Arlindo Soares de Pinho, nos limites do lugar da Relva e Ponte dos Plames, anda a construir uma unidade fabril de categoria opulenta. A indústria têxtil, também próximo do mesmo local, mandou construir o primeiro bloco fabril, onde já laboram máquinas e, pela área de terreno aplanado, dá bem a ideia da grandeza que a fábrica de tecidos vai ter. Outras indústrias se tem instalado nas imediações do lugar da Relva.

Não faz sentido, porém, que um lugar em tão franco desenvolvimento, as crianças se tenham de deslocar à séde do concelho para receber a instrução primária. Uma Escola nas imediações do lugar de Vila Chã é obra imprescindível; pois, para além do lugar da Relva, beneficiavam as crianças dos lugares da Povoa, Portela, etc. A estrada de Vila Chã a Teamonde também é uma necessidade de reconhecido direito.

VILA COVA DO PERRINHO

Encravada entre serras e até há poucos anos com fracas vias de comunicação. Não tem indústria e o seu povo, na maioria, trabalha no cultivo da terra.

No século XI, apenas era conhecida por monte Perrinho e fazia parte do Monte Codal. Ainda mesmo no século XII não consta como freguesia das «terras» de Calambria ou Caambria, actual concelho de Vale de Cambra.

Na era de Salazar beneficiou de uma Escola primária, de fontenário e lavadouro e, muito justamente, de uma estrada camarária do lugar de Teamonde ao centro da freguesia, no entanto falta abrir cerca de um quilómetro para atingir a igreja.

Embora a população seja pequena, não ficava mal, no centro da cova, uma igreja de maiores dimensões e o cemitério arrumado para o local mais próprio.

O rendimento da paróquia não dá para sustentar um pároco ; pois embora seja freguesia independente, o prior da freguesia de Carregosa, Oliveira de Azeméis, é quem toma conta dos serviços paroquiais.

CODAL

Freguesia de pequena área mas bastante povoada.

Em 922, doação que o rei de Leão Ordonho II fez ao bispo de Coimbra já consta a igreja de Sant' Iago ou de Insoa, em terras do actual concelho de Vale de Cambra.

A igreja Matriz está situada em local airoso e, embora de pequena estrutura, o altar lateral do lado esquerdo merece ser visitado ; por, em talha dourada, representar a vida do Redentor do nascimento ao supremo sacrifício. Em arte sacra, tanto pelo significado do quadro como pelo esculpido das imagens é obra de grande valor.

Os seus terrenos, abrigados de oeste e norte, são férteis e produz bom vinho, tipo verde. Presentemente tem algumas indústrias, como serração de madeiras e fabrico de portas, etc.

Quanto a melhoramentos públicos alguma coisa tem sido feito. A estrada das Argas à igreja valorizou muito o centro da freguesia. O abastecimento de água e lavadouros também melhorou. A residência do pároco foi mandada construir a custo dos paroquianos. Uma obra que pede reparação é a escola no lugar das Argas. Foi mandada construir pelo benemérito João Borges da Cunha, que legou também determinado rendimento para a sua conservação ; porém, seja como for, o seu estado reclama urgentemente reparação, ou até mesmo, e melhor seria, a sua ampliação.

É natural desta freguesia o grande capitalista e benemérito snr. Gabriel Pinho da Cruz, industrial de larga progressão no Estado de S. Paulo, Brasil.

CONCLUSÃO

A coordenação deste opúsculo, por circunstâncias várias, foi moroso, pelo que peço desculpa aos que se dignaram auxiliar-me com publicidade. Entretanto, com a demora, alguma coisa de novo evoluiu nos vários sectores da vida do concelho e, também a memória despertou lembranças que julgo interessante registar.

CRÓNICAS DAS PÁGINAS 40 A 57:—É de notar, com larga satisfação, que a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, em Julho do ano corrente, entrou em obras no terreno destinado ao Parque. Mandou abrir uma estrada de circundação, primeira fase, que muito contribuiu para melhorar o local do arraial; porém, embora a área demarcada seja grande, parece-nos pequena para conter um parque como a região merece. Oxalá que a sonolência da Irmandade tenha despertado e as obras agora começadas só sejam dadas por findas quando tudo estiver concluído.

CORPORAÇÃO ADMINISTRATIVA: — Além das individualidades mencionadas na página 86, são vereadores efectivos os Senhores: Manuel Henriques Tavares de Bastos e Fernando Maria Barbosa, pessoas novas e de espírito empreendedor; Aspirante, da Câmara, há muitos anos, o Senhor Francisco António de Almeida; Escriturários, os Senhores: Justino de Oliveira Maurício, António de Bastos e Fernando Tavares de Pinho; contínuo D. Regina Gomes Filipe; zelador, Manuel Tavares de Almeida e Costa; fiscal, António Martins Soares Coelho, pessoas de reconhecido mérito profissional.

LEGIÃO PORTUGUESA: -Desde 1937, existe na sede do concelho um núcleo de Lança, do qual é Delegado o Senhor Dr. Abel Augusto Gomes de Almeida.

JUNTA AUTÓNOMA DAS ESTRADAS: — Também há na vila uma Delegação com residência para o Chefe da conservação.

URBANIZAÇÃO DA SEDE DO CONCELHO: — O saneamento da vila, embora alguma coisa esteja feito, ainda é deficiente, necessita ser incrementado.

DESENVOLVIMENTO URBANO:—O velho mercado municipal, construído em 1925, vai ser transferido para outro local, por se tornar inestético no centro da vila e ocupar lugar de grande valia para construções urbanas. O Matadouro, antiquado e acanhado, também vai ser transferido para local mais próprio nas imediações do lugar das Dairas. Por iniciativa particular, está a ser construído, na Av. Camilo Tavares de Matos, um edifício com 6 pisos, propriedade de uma sociedade para tal fim constituída.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA:—Vai ter iluminação pública a estrada Vale de Cambra-Baralhas. Interessante se tornaria se fossem iluminadas as estradas Vale de Cambra-Macieira, tanto pelo lado de Macieira-a-Velha como pela estrada da Varziela; Vale de Cambra-Rabaceira e os ramais Pinheiro Manso-Entreponteses e Areias; Vila Chã-Relva e Ponte da Granda, bem como Vale de Cambra-Ponte da Borbolga. Então sim, seria, a Bacia do Caima, o Vale da luz.

CULTURA E EDUCAÇÃO:—Foi criada a Escola D. Afonso Anes de Cambra

(primeiro Cambrense que usou a palavra Cambra) e se destina a Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. À falta de edifício próprio, a nova escola funciona no Externato Cambrense. O benefício foi bem compreendido pelos cambrenses que, no primeiro ano, (1968) alcançou a frequência de 120 alunos. A benemérita FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, com a sua biblioteca itinerante, muito tem contribuído para elevar o nível intelectual dos cambrenses. Recentemente foi criada a Biblioteca Municipal e a nobre Fundação Gulbenkian dotou-a com 2488 volumes, contribuindo assim, para incrementar a vontade do espírito pelo aconchego da leitura.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS:—A subscrição, há poucos meses aberta, para construção do Novo Quartel, em 30 do mês corrente montava a esc. 902.347$50. Podendo dizer-se que o empreendimento foi bem aceite. No entanto, para completa realização da obra, falta ainda mais, muito mais. Que nenhum valecambrense falte ao dever de contribuir com a sua dádiva para a CASA que defende os interesses de todos.

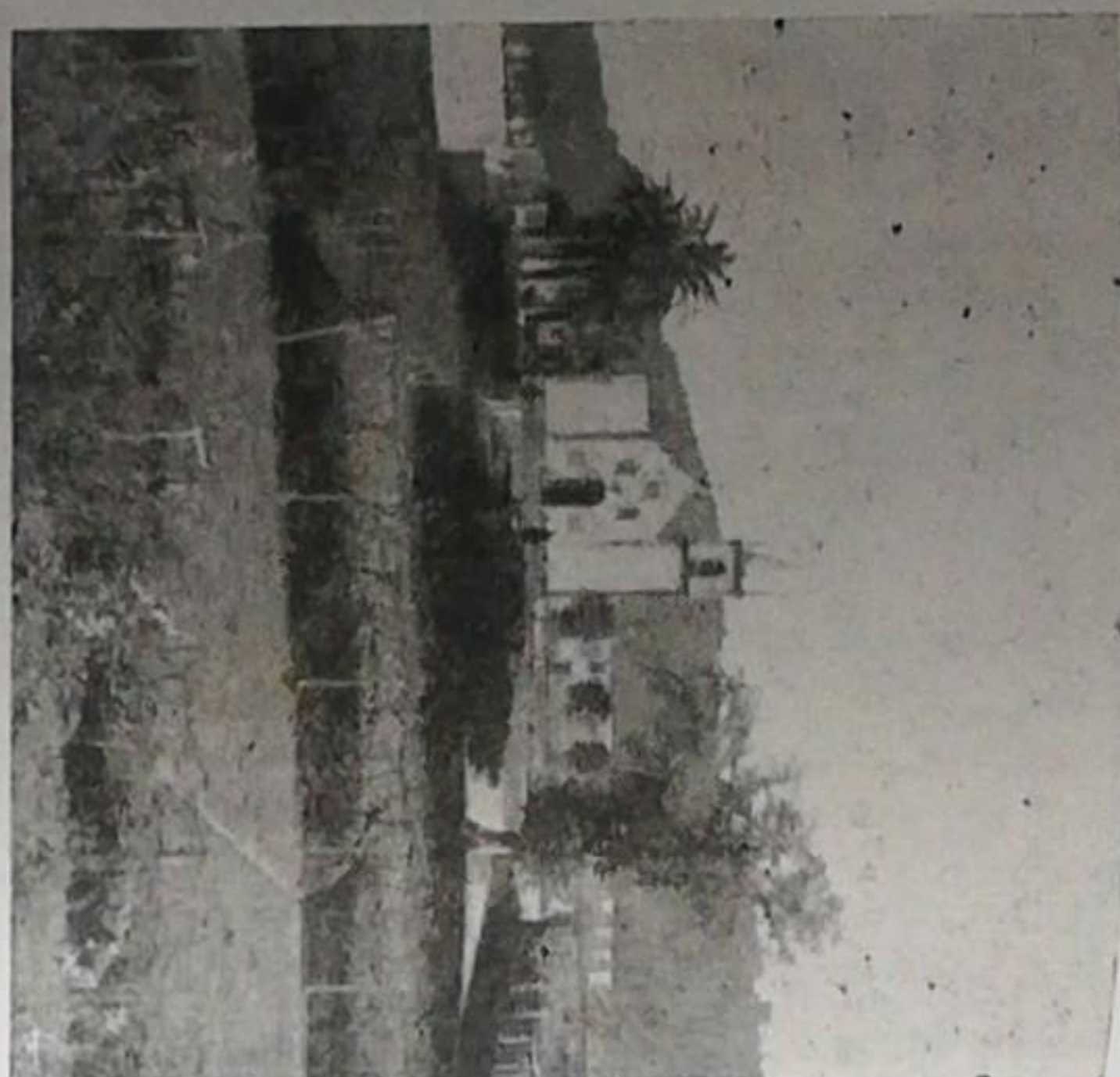
ORGANISMOS CORPORATIVOS:—São interessantes e grandiosas as instalações que a Corporativa Agrícola dos Criadores de Gado e Avilcultores do Caima tem quase concluídas na freguesia de Macieira; assim como também o empreendimento fabril da UNIAGRI, anexo aos pavilhões da referida Corporativa, estão na fase final. São duas obras que, no conjunto, ocupam uma área de alguns hectares e bem afirmam o espírito empreendedor dos seus organizadores. A ADEGA COOPERATIVA, dos viniticultores de Vale de Cambra, pelo crescente aumento de associados, vê-se na necessidade de aumentar as suas instalações. Há também uma Empresa particular — Bastos & Brandão, Lda., que há bastantes anos explora a viticultura e o negócio de vinhos para consumo interno e exportação. As suas instalações, em edifício moderno, e as marcas de seus vinhos, tanto em qualidade como apresentação, gozam de fama em todo o país, dando largo crédito aos vinhos da nossa região.

CASA BANCÁRIA:—Na Avenida Camilo Tavares de Matos, funciona uma Agência da firma Pinto de Magalhães, Lda., que veio facilitar o comércio e a indústria local, nas suas transacções comerciais e proporcionar aos turistas e aos emigrantes amplas facilidades nas operações de câmbios.

FREGUESIAS DO CONCELHO

ARÕES: — A luz eléctrica, melhoramento que o povo aspirava há muitos anos está-se a proceder à electrificação. Também, em transportes colectivos beneficiou muito com as carreiras diárias que a empresa Rodoviária do Caima Lda., estabeleceu das Lameiras para a sede do concelho e vice-versa, com ligações para Porto, Aveiro e outras terras do país.

CASTELÕES: — Em Agosto de 1944, tomou conta da paróquia o Rev. Padre João Martins das Neves, natural de Gondomar, pouco tempo depois da posse tomou a iniciativa de ser construída a residência Paroquial, que não existia. O proprietário Tomás António da Costa Coutinho ofereceu o terreno para a nova construção, os paroquianos

deram por boa a sugestão, organizaram comissões, fizeram cortejos de oferendas e, sempre sob a orientação do novo pároco, a freguesia tem uma bela residência localizada no lugar de Lombela. Findas as obras da residência, o novo sacerdote, dotado de espírito dinâmico e bem intencionado, fez novo apelo aos paroquianos e começou por reparar o interior da igreja; depois, sempre na ordem de melhorar a Casa de Deus, passou à parte exterior do templo e, por fim, quando a igreja apresentava aspecto de nova, deixou, os paroquianos folgar um pouco. O adro, embora espaçoso, era desnivelado e muito arvorizado, não correspondia aos desejos do povo. Mais um outro apelo, e começaram as obras no adro; é claro que, no meio de tudo isto, nem todos os paroquianos concordavam bem com a iniciativa do pároco, mas eram poucos os que discordavam. Com o nivelamento do adro, que ficou em dois planos, foi necessário fazer uma escadaria de acesso à porta principal da Igreja, dando assim mais elegância ao templo. Em fim, pode dizer-se que, mercê da boa vontade do pároco e auxílio dos paroquianos, a igreja e o adro estão condignadamente arranjados. Falta porém, concluir a segunda torre, visto haver, desde a fundação da igreja, espaço reservado para a sua construção.

A luz eléctrica chega aos lugares mais afastados do centro da freguesia e o telefone tem cabines públicas no Pinheiro Manso, Lombela, Cavião, Cartim e Decide. O centro da freguesia também beneficia de três carreiras diárias de transportes colectivos, ascendentes e descendentes, entre Vale de Cambra e Sever do Vouga.

CEPELOS: — A nova Igreja ainda não foi inaugurada como estava previsto para 1968. O altar-mor é oferta do proprietário e ex-industrial senhor António Moreira de Paiva.

ROGE: — Foi aberta a estrada de Função a Paço de Mato, melhoramento de grande valor para os povos encravados na serra.

JUNQUEIRA: — Foi aberta a estrada camarária de Junqueira de Cima para o lugar de Calvela.

MACIEIRA DE CAMBRA: — Já foi construída a estrada camarária da capela do Senhor do Calvário ao lugar de Porto Novo.

VILA CHÃ: — Está em construção a estrada camarária, do lugar da Corredoura à ponte de Borbolga.

Dezembro de 1968

Acabou de se imprimir nas oficinas da GRÁFICA PROGREDIOR
em 25 de Janeiro de 1969 — Rua da Porta do Sol, 31/32 - PORTO